
E A BUSCA CONTINUA

* *Crônica de jornada propedêutica sustentada à base de incursão nas revelações registradas pela Mestra.*

Mal me havia ajeitado à condição de novato nas coisas da *Corrente*, veio dúvida quanto à possibilidade de dar com quem expressasse, sem evasivas, o nexos entre termos doutrinários basilares – tais como *alma*, *plexo*, *interferência*, *individualidade* – e a apreensão do fenômeno da *incorporação*. Em piques de inquietação, tive mesmo por desarrazoado esperar que alguém do circuito pensasse detidamente no tema. Com efeito, não tardou a explodir convicção de que, da problemática que me atraía, só a Clarividente tratava.

Vencido o pasmo conseqüente da consciência de faltarem versados na teoria deslindadora do fenômeno mais patente do *sistema*, voltei à lucidez, admiti que o problema era só meu e simplesmente debrucei-me sobre as fontes primárias da Doutrina. Saída diferente da adotada não havia. Outros não me desembaraçariam da ignorância, tampouco se irmanariam em desconsolo assim tão evitável.

Quem não sofre com a própria inscícia leva a vida sempre em *relax*, não ?

De tanto ver alardeamentos de sentenças incongruentes com as palavras registradas pela Preceptora, dei de desconfiar que um mundaréu de gente não acha respostas na esfera doutrinária.

As observações que se seguem refletem olhadas que dou na realidade paradoutrinária.

- É razoável lançar termos eminentemente doutrinários sem dominá-los ? Uns diriam que sim; e nem vacilariam nisso; talvez por objeção a pensar; ou porque sonhem imitar nomes do *nonsense* – se é que já não os emulam.
- É fácil se estrepar no tentame de captar a Doutrina, se se sai por aí a sapear perguntas assim: *O que é isso ? Qual o porquê daquilo ? Pra que coisas e coisas ? Como se dá tal ou qual fenômeno ?*
- Muita gente se acomoda ao expediente de perguntar aos outros o que não se põe a destrinçar; e acolhe o que ouve, como se pulassem manifestações procedentes.
- Destrambelha quem esnoba os registros doutrinários originários. Noutros termos: cuide-se o adepto que não bebe na fonte primordial.

Conquanto ilógica, a encampação de megabobagens travestidas em lições doutrinárias prossegue intensa – pra conveniência de celebridades semipreparadas, ocasionalmente calejadas, carregadas de seguidores presenciais e/ou virtuais. No mais, não param de proliferar sectários bem-mandados que só atentam no que não vem ao caso.

Ante maciças celebrações de *memes* irrepresentativos da Doutrina, penso comigo mesmo: será que o mundo desistiu das verbalizações registradas pela Clarividente ?

A turma que ora decanta pretensos suplentes da Clarividente atina em quem trouxe a Doutrina pra Terra. E, naturalmente, conhece o caminho para esse saber. Mas vive tomada de empolgação com movimentações que infundem miraginal sensação de aprendizagem rápida. Porquanto nesse estado, esbalda-se de perguntar e se dana a aprender, não importa o quê.

É temerário dizer que demora o advento do discernimento geral ?

Meio impressionado com as manifestações quase doutrinárias que zanzam por entre *posts* cometidos por enfeitadores dos registros da Mentora, ando tendo esses pensamentos:

- Quando adeptos simples se metem a comentar os da temática doutrinária, impropriedades vêm a lume. E a gafe é tanto maior quanto mais informatizado é o agente.
- Sintomática de imponderação ou não, a inconveniência com que ineruditos modernos mais se saem é o lugar-comum *peguei isso e aquilo na internet*.
- O assanhamento de adeptos-internautas com enunciações sem lastro doutrinário escancara algo triste: não são as cartas e os áudios de Tia Neiva que sensibilizam aqueles que se dizem pesquisadores.
- De que se classifica a fadigosa ação de coleta, armazenamento e espalhamento de ridicularias digitais, uma vez que tal não é atividade de pesquisa ?

O povo em geral lê muito; e em qualquer lugar; até mesmo em má hora; não raro o que não presta. A bem dizer, à parte novidades, o comum das pessoas também lê, com avidez de desbravador, batelada de expressões viciosamente requentadas, notadamente palavreado colhido na circularidade das chamadas mídias sociais. Rigorosamente, nunca se leu tanto.

No esforço para conhecer a Doutrina, o adepto lê o quê ?

A julgar pela amplidão dos registros autorais de Tia Neiva, confrades cultores do conhecimento, se chegados a dar conta de como se operam os eventos mediúnicos-espirituais do *sistema*, têm mesmo coisa à beça pra ler – e, no que toca a muitas nuances, muito pra ouvir, também.

Por que não se vasculham os escritos e os áudios da Clarividente ? Porque inexistem interessados em captar a Doutrina.

Se essa última pergunta não condisser com a realidade, louvem-se os que a fazem incabível.

Decidido a saber da realidade, venho perscrutando fartas demonstrações de desinteresse pelo aprendizado da teoria explicativa dos *trabalhos* da *Corrente*. E duas obviedades têm chamado a minha atenção:

- Só aprende quem, antes, reconhece que não sabe.
- Parte pra aprender quem tem problema(s) pra resolver.

Se essas possibilidades de aprendizagem não casam com as condições, decisões e ações do imperito na Doutrina, o que esse tem a dizer a pares de idêntico indiscernimento ?

Suspeito haver algo de errado na agenda do adepto que não aprende o que a Clarividente fez questão de registrar. E aposto que o fulano nem sonha empregar a tecnologia de hoje em prol da boa aprendizagem.

Realizados na repetição (des)cerimoniosa de trechos-símbolo do léxico doutrinário e no compartilhamento de eventos do *sistema*, muitíssimos adeptos levam a vida sem questões intelectivas pendentes, daí nem se preocuparem em examinar o que a Clarividente registrou. Aliás, porque livres de toda dúvida, não se indispõem contra silenciosos arranjos impulsores do obscurantismo nem contra palavrórios que rendem desconhecimento. No duro, declinam de aprender o que um dia aspiraram a saber. De quebra, desembestam a ensinar o que sabem.

Repetidas vezes pego-me absorto no amadurecimento de desenlace pra seguinte questão: o que são aqueles que resolvem parar de aprender, se não correspondem àquilo que pensam ser ?

Lamentável desatenção para com marcos que merecem ser examinados – lapso que admiraria, visto que, entre adeptos, resplandece a máxima de que razão e fé não se desgrudam – tem dado em heresia dupla: dum lado, cérebros martelam que a Doutrina é ensinável por quem a desconhece; doutro, acólitos precipitam-se em anuir à conversa.

Será que me engano quanto à existência real das compulsões recém-citadas ? É cabível a palavra *cérebro* na frase que expeço ? Faço uso impróprio do termo *precipitam-se* ?

Despreparado para ministrar instruções, adepto algum solta o verbo perante habilitandos em graus corporativos – pensava eu quando insciente de ocorrências estrambóticas agora publicitadas, via *YouTube*, pelos respectivos protagonistas.

A extremos na indiferença pelo próprio deserto cognitivo – bem assim pelo quanto já desemburraram e seguem desemburrando adeptos que enjeitam aproveitar, na *Corrente*, como aparato de aprimoramento, recursos outros, que não aqueles produzidos diretamente pela Clarividente –, vai o sabichão-hierarca que ensina sem, previamente, aprender. E convenha-se em que personagem assim não dista muito do buscador-pexote que, nomeado responsável por mostras da Doutrina, conta com o respectivo *Mentor* no desincumbir-se da tarefa de servir congregados-leccionandos – aliás, em confusão assim, o substituído voluntário desonra o substituto evocado toda vez que, na imagem desse, respingam instruções sem fundamento.

Se muitos certificam que a Clarividente recebeu do céu o saber que registrou em áudio e/ou por escrito, poucos topam escrutinar o bendito aporte.

Na estimativa das proporções pelas quais delimito os grupos recém-aventados, eu sonho estar errado – mas não estou.

Quando a congregação vai dar bola pros elementos teórico-conceituais dispostos pela Clarividente em favor da compreensão do fenômeno da *incorporação* ?

Porque adeptos simples – de quem jamais se arranca testificação da presença, nos registros feitos pela Clarividente em pessoa, de subsídios abstrativos aptos para enganar criaturas renitentes em admitir a inadiabilidade do enfrentamento da questão da *incorporação*, mais especificamente a explicação dessa – não param de ostentar longa intimidade com atos, fatos e retratos tocantes ao esforço missionário de Tia Neiva, dou-me conta de que tais são injustificados desconhecedores da Doutrina. Eles, os que se enquadram ao perfil de que estou a tratar, seriam pouco chegados a aprender ?

Dos discursistas que se enleiam na fabricação de mandamentos e se viram para alcançar eco no meio doutrinário – prática essa sintomática de desdém para com as instruções precedentes dos três passos iniciáticos e/ou denotativa de empenho em dar a conhecer o que o comum dos seres não captaria doutro jeito ? –, digo três coisas:

- Há muito me intriga o ânimo para abraçarem e turbinarem desimportâncias.
- Não me dá na telha constranger-lhes as ações.
- Interessa-me descobrir-lhes as motivações.

Na óptica de malsucedidos aspirantes a *experts* na Doutrina, estudar limitar-se-ia a cursar aulas. Não lhes apeterceria empregar o raciocínio no deslinde de questões.

Na época atual, cabras dados a coligir desinformação e a palavrear em tom professoral – pra compreender bem essa expressão, lembre-se o magister destrambelhado, do tipo que bota minhocas na cabeça do semelhante – aparentam de inclinados a apreender a Doutrina. Paradoxalmente, esquivam-se de consultar os registros diretos da Clarividente. Em todo caso, vivem frequentando cursos. Só não aprendem. É-lhes possível superar rapidamente a furada de que são – não sem incorrer em aberração – artífices e alvos ?

Acabo de pôr à parte montanha de aulas nevoentas, vãs por natureza, dadas por quem não sabe, às quais quem nunca aprendeu – e segue como dantes – não raro confere caráter de reciclagem.

Já ouvi demais da conta ineptos que se arvoram em explicadores do fenômeno da *incorporação*.

Posicionamentos que marcam o momento por que passo:

- Não pergunto a quem não sabe.
- Desacolho obséquios instrucionais dos quais não faça pedido.
- Descarto o que não bate com os registros diretos de Tia Neiva.
- Vigio para não reverenciar faz de conta filho da ignorância.
- Desejo bom estudo a neocatedráticos que simulam conhecer o fenômeno da *incorporação*.
- Observo com tento o que a Clarividente registra sobre a fenomenalidade mediúnico-espírita em si.
- Poupo-me da contribuição de prodígios surgidos na quadra pós-Clarividente.

Todo alfabetizado usa os registros diretos da Clarividente como padrão de comparação na determinação do que vale ter em conta – ou será que me engano ?

Não mais ligo para Excelentíssimos que se danam a dizer o que a Clarividente quis dizer com as palavras que ela própria registrou.

Notável lição que rememorei hoje: use-se a razão no trato de toda informação que se receba (mensagem que todo Doutrinador infalivelmente ouve na primeira aula do Desenvolvimento).

Na vigência do *sistema*, formou-se movimento voltado para a prática. Não se formou movimento voltado para a compreensão dos fenômenos que vêm a propósito.

Constato que incontáveis adeptos gostam de ver a Doutrina citada em obras universitárias. Quisera todo mundo ver que acadêmicos (1) só usam a Doutrina – essa irremediavelmente exótica aos olhos daqueles – como objeto de estudo; (2) não usam a

Doutrina como recurso de captação da fração da realidade que escapa à ciência hegemônica.

Adeptos produzem literatura universitária tocante à Doutrina, só que não falam de *espírito(s)*. Negam lá o que dizem cá ?

Subscritores de trabalhos acadêmicos nunca disseram, não dizem e de modo algum dirão que: (a) seres humanos são espíritos encarnados; (b) há vida fora da matéria; (c) espíritos situados em diferentes planos vibratórios interagem; (d) o psiquismo não se extingue com a morte. Não ousam a tanto no meio universitário.

Proposições que me ocorrem:

- *Leis* garantem a integridade do *sistema*.
- Amor assegura a presença dos adeptos nos *trabalhos*.
- Apego aos registros deixados pela Clarividente bane atrapalhões.

O povo que comparticipa do *sistema* não precisa de comandante carismático. Precisaria, se fosse manada.

Há décadas, o povo sabe como se haver nos *trabalhos*. E tudo dá certo. Que história é essa de desmerecer comandantes e desprezar o tino de participantes ?

Pra operar o *sistema*, a congregação dispõe do *Livro de Leis* e dum aditamento uniformizador de procedimentos composto em 2003. Ademais, tem a tradição das realizações. Prescinde, pois, de explicações frescas.

É boboca qualquer explanação de *trabalho*, se o explanador não apreende o fenômeno mediúnico-espiritual marcante do evento em causa.

É redundante dizer que a aplicabilidade dessa enunciação se estende da *Mesa Evangélica* à *Estrela Candente*.

Discípulos da Clarividente explanam *trabalhos*, não o fenômeno da *incorporação*.

Se é generalizadamente baixa a fruição dos registros diretos da Clarividente, não admira que adeptos especialistas em matéria não doutrinária tenham-se por aptos e predestinados a ensinar o que os demais haveriam de aprender.

De posse dos registros diretos da Clarividente, letrado algum exalta arremedos.

Nas condições objetivas do momento – isto é, no apogeu da mentalidade que assume como inteligente tratar da Doutrina sem consulta *real-time* dos registros diretos da Clarividente –, autoridades dão aulas a pares. Idealmente – isto é, em circunstância antípoda da atual –, todos estudariam e aprenderiam.

Adepto que propaga enxurrada de informações não separa o proveitoso do imprestável.

Se informação desse bagagem, todo mundo seria preparado.

Informações não aproveitam a quem se escusa a raciocinar.

Mestre não confunde informações boas e más.

Cresce o uso de *emojis* em conversas alegadamente voltadas para a Doutrina.

Pra entrever o que me interessa, pus de lado obras de discípulos e larguei a consultar o acervo da Mestra.

De mão beijada, a Doutrina não chega a ninguém

Ao ingressar na *Corrente*, quase me atolei em caricaturas da Doutrina. Felizmente, vi que é preferível buscar o real a sancionar mirabolâncias.

Adeptos desafeitos às Cartas da Clarividente leem o quê ?

Dos esclarecimentos registrados em áudio pela Clarividente, quem se imagina capaz de dar versão melhor ?

Na busca pelo fulcro da Doutrina, seguir sabichão é pura e simples lesa-razão.

Sem recurso aos registros diretos da Clarividente, estudos doutrinários não funcionam.

Em colóquios doutrinários que falham, afora os respectivos administradores, agem ao menos dois deficientes: um emissor que acredita conceder utilidade e um receptor que não duvida de receber préstimos.

Em grupos de *WhatsApp*, adeptos que não se norteiam pelos esclarecimentos registrados diretamente pela Clarividente costumam dar as caras, com modos peculiares.

Uns nem pensam antes de falar. Outros, impensadamente, calam. Tantos mais cingem-se a reproduzir pensamentos doutrem.

Enquanto os registros doutrinários assinados por Tia Neiva fazem o buscador pensar, imitações que se substituem àqueles induzem acomodados à irreflexão.

Pelas indicações atuais, figuras que engolem tudo o que pinta nas redes sociais aspiram a viver da glória de estender o monturo ao universo.

Não dedico estas linhas a quem não filtra nada.

Indubitavelmente, os aforismos antecedentes, bem como os que se sucedem, espelham o meu olhar da conjuntura.

Nas lendas das mídias sociais, além de supermestre, agora há superaprendiz.

Ninguém vira sabedor de repente, muito menos por mero decurso do tempo.

Quem aplaude tudo não sabe o que é bom.

Reinante a incultura, puro *habitué* da *blogosfera* sente-se estudioso da Doutrina.

Doutrinários autossuficientes não fazem perguntas, só dão respostas.

Sem perguntas, não vem conhecimento.

De pergunta errada, não vem resposta certa.

Não é de mister saber donde jorra a Doutrina ?

Nos registros próprios da Clarividente, buscadores acham respostas. Outros, não.

A solver questões por estudo rigoroso, intelectualoides preferem perguntar aos outros.

Multidão usa a palavra *espírito* sem cerimônia – com variados sentidos e escassa funcionalidade. Verifico se a incongruência dá-se com algum pretexto.

Mania de bestar na *internet* tem cura.

Remédio contra imprudência digital chama-se *razão*.

Razão é remédio de amplo espectro.

Recolhedores de bobagens digitais espalham-nas qual os próprios autores.

Preceptores da tal instrução doutrinária à distância bisam declarações de cuja improcedência não se dão conta.

Tem adicto do *Whatsapp* que atribui a si mancadadas doutrem – só pra multiplicar *posts*, talvez.

Fenômeno nada conciliável com o *sistema*: supermestre fala pela boca de superaprendiz, à imitação de ventríloquo e boneco.

É tamanha a enganação nas redes (antis)sociais digitais, que custa individualizar o enésimo dislate disfarçado de verdade.

Na barafunda dos *apps* de mensagens, proliferam tipos ufanos dos respectivos *posts*.

Qualquer dia desses, novos donos da verdade vão dizer que velhos simplórios desasnam-se graças ao *Whatsapp*.

O melhor jeito de estragar o que Tia Neiva registrou de viva voz é fatiar os áudios que se lhe referem.

Ou o camarada define o que há de aprender, ou se impregna do que outros resolvem ensinar.

É melhor ter dúvida do que comer na mão dos outros.

Congregaram-se tantos sábios no *Whatsapp*, que já escasseiam simples sujeitáveis às injunções da seara.

Pensando bem, não procede o que acabo de dizer. Aloquei mal os substantivos *sábios* e *simples*. Pus um no lugar do outro.

Paradoxo do letramento: oficialmente, recebem-se Cartas da Clarividente; realmente, estudam-se textos outros.

Começam a aparecer divulgadores de cartas e áudios de Tia Neiva. Trata-se de benfeitores que receberam as ditas peças, guardaram-nas com carinho, e só.

Sem intimidade com áudios e cartas de Tia Neiva, tem aprendiz que se faz de instrutor universal.

Não é crível o repentinamente festejado bom senso de usuários de *smartphones*.

Sequiosos por dar a conhecer Cartas da Clarividente, astros do *Whatsapp* conseguem degenerar material há muito publicado.

Pra muitos, o que importa é fazer, não saber.

Pra fazer, tenho que é preciso saber.

Autômatos fazem o que lhes mandam.

Pessoas vacinadas contra salvadores da pátria sabem que a capacidade de entender o que a Clarividente pessoalmente registrou não é virtude rara.

Desde que se escancararam as cartas e os áudios de Tia Neiva, comentadores vazios invalidaram-se.

Passaram os tempos de contar com explicadores que não se servem dos registros providenciados pela própria Mentora.

Ídolos da *web* disponibilizam interpretações prontas e acabadas de esclarecimentos completa e definitivamente registrados pela Clarividente.

Se o leitor se incomoda com o que vê aqui, há de buscar controle emocional – até porque mais inquietações virão.

Fominhas de conversas virtuais não estranham nem recusam xaropada.

Ê ou não é maçante a história de que a *alma* é a *personalidade* ?

Sobre exposições meio doutrinárias, eu faço três breves considerações: não as prezo, não as adoto, só as aturo.

Quanto mais o sujeito consulta a literatura quase doutrinária, tanto mais ignorante fica.

Superaprendiz é aquele que apreende a Doutrina sem esforço, sem demora e sem se desenganar da crença de que os registros diretos da Clarividente são prescindíveis. Enfim, é mais ou menos aquilo que eu luto pra não ser.

A marca do indivíduo que evita pensar é evidente por si mesma.

Falar mal é efeito de pensar mal. A bem da verdade, escrever mal também o é.

O vaivém diuturno de *zaps* prova que multidão finge que trabalha.

Espiritualistas inestudiosos amam o *YouTube*.

Eis cacoete alegórico da chamada *era da informação*: receba-se e espalhe-se. Noutras palavras: às favas com a razão.

De repente, muita gente dá sinais de achar que *empoderamento* é isso: pessoas cujas vozes nunca se repercutiam passam a dispor de instrumentos por meio dos quais expressam o que nem chegam a determinar pela reflexão.

Seis meses atrás, interessou-me contrastar formalmente o que ecoa com o que penso. Surgiram, então, as primeiras destas linhas.

Há menos de dois meses, duvidava-se se se justificavam – para fins de definição de hierarquias, comandos e sucessões em grupos reivindicantes de consideração na esfera do movimento doutrinário – exames de documentos registrados em cartório. Hoje, tal é ponto quanto a que não resta a menor dúvida.

Há dois meses, desencarnou um Trino Presidente Triada. Ficaram vários. No começo de 2018, veem-se novos. No mais, tudo como dantes.

Movidos a aquisições cognitivas de segunda mão, campeiam *chats* semidoutrinários.

Quando prodígios da Doutrina põem-se a oferecer interpretações de esclarecimentos cabalmente registrados por Tia Neiva, caio fora. Não troco gemas por bijuteria.

Perguntar aos outros é a melhor maneira de obter resposta errada.

A Mestra usou linguagem popular, mas, quando preciso, lançou mão de termos difíceis. Hoje, discípulos adictos do coloquialismo execram o que quer que diste do linguajar comum.

Incapacidade de expressão e indiscernimento não acometem a comunidade doutrinária, mas o planeta. Uns tantos buscadores saem incólumes, todavia.

Desinteressada do vernáculo, a massa não se faz entender. Por igual motivo, multidão não entende o que lhe urge saber. Certo é que sempre foi assim.

Promover desconhecimento via *WhatsApp* é moda.

Consagrações *vis-à-vis* intitulações de Trinos Presidentes Triada – coisa por que maiores e povo perderam o interesse há pelo menos dez anos – não é dilema que valha sofrimento. É comparação bolorenta, sobre a qual eminências da infecundidade cismam de voltar a contender.

Dentre *Mestres*, alguém duvida que a Espiritualidade Maior tenha operado, invariavelmente, nos *trabalhos* havidos no templo-mãe nos últimos dez anos ?

Templos em que sucedem *Iniciações* dependem de elementos mínimos distintos: uns, da presença de preposto de Trino Presidente Triada; outros, da presença da Espiritualidade Maior.

O que se há de aprender com quem chama de opinião ditos baseados no nada ?

A continuar frouxo o uso do termo *plexo*, conclusão assim virá: o *discipulado* sabe o que a Clarividente fala, não do que ela fala.

Não só iliteratos desvairam a ponto de tomar opinião como conhecimento.

Fechado à realidade do transe marcado por *inconsciência*, o vulgo desacredita *incorporações* nesse regime.

Sujeito que usa mal o termo *espírito* acredita-se aplicador de elemento verbal oniexplicativo.

Sem jeito para escarafunchar ponto multifacetado, levas de *congregados* descuram o que a Clarividente exterioriza sobre o mais atestado dos acontecimentos esperáveis no ambiente doutrinário.

A imitações prefiro o acervo doutrinal originário.

Cursos à distância distanciam o aluno da Mestra.

À chegada à *Corrente*, ávido por saber do chamado *centro coronário*, procurei registro de manifestação discipular do qual manasse vestígio de sublimidade ou sinal de domínio do assunto. Andei atrás do que não há.

Apreciadores dos áudios da Clarividente já ouviram esse recado: “*quero que cada filho conheça o seu centro coronário*”.

Incitado a caracterizar o fenômeno da *incorporação*, adepto pré-ilustrado encolhe-se e dá mostra de conformismo. Com efeito, qual burocrata, cinge-se a repetir considerações habituais. Não chega a advogar absentismo investigativo, mas anui a divisa que beira redução da realidade ao sonho. Porquanto dogmatiza o termo *semiconsciência*, não fere casos de *inconsciência* durante o transe.

Faz menos de duas semanas que publiquei cento e treze trechos da abertura desta crônica. Espero dar curso à temeridade já em abril de 2018.

Na hoste menos esclarecida, espertos impositivos ditam a cordeiros o que acolher e fazer.

Nota sobre meu *approach* de grupos virtuais de *chat* e coisas que tais: quando não me quero debruçar sobre a Doutrina, abro o *WhatsApp*; em caso contrário, esqueço-o.

Todo *Mestre* se recorda do alerta, emitido pela Clarividente, contra o risco de pessoas acometidas pela chamada fé religiosa não se servirem da razão e, por isso mesmo, submeterem-se ao juízo dos outros ?

Na famigerada era da informação, o que mais se vê é desorientado subalternado por pseudossábio.

Pouco mais de dois anos atrás, articulei meia dúzia de palavras quanto a nuances do fato essencial do *sistema*. Rememorei, então, que, em função da profundidade do transe, delineiam-se *incorporações* em três regimes: na condição de consciência; em situação oposta a essa; nalgum estado interposto entre aquele primeiro e esse segundo. Reagiram ao que falei.

Ao que estou a sentir, não só adepto descansado dá de ombros pra áudios e cartas de Tia Neiva.

Generalização de que o *aparelho* controla o fenômeno da *incorporação* é conversa de quadro que não penetra a realidade.

Na carta famosa, o mestre oriental – também – recorda ao adepto que é preciso distinguir o útil do inútil.

Para além da prestação de elucidações magistrais, Tia Neiva adverte que se procure a lógica no que diz. Decerto se antecipa a vieses de assimilação cega das anunciações que faz.

Por confrontação com o que consta da carta escrita em 4 de outubro de 1977, confira-se o que assiro e vislumbre-se o que intento pôr em questão.

Alheio das razões dos fatos, o supersticioso nunca esquenta.

Pense-se em crença infesta, ancorada na conceptibilidade dum mundo onde faladores desnorteados inculcam superstições em ex-usuários da razão. Tal é o que chamo de transformismo doutrinário.

Triste é saber da Doutrina por ouvir dizer.

Mestre ensina *Mestre* a buscar a Doutrina no manancial, não no sorvedouro.

Superstição é o oposto da Doutrina.

Três palavrinhas sobre busca e captação de ensinamentos fidedignos:
A Clarividente trouxe a Doutrina. *Mestres* redizem o que a Clarividente trouxe, no limite do que alcançam. *Mestre* não se substitui à Clarividente.

É ocioso dizer que, em comunicações ambientadas em *trabalhos de trono*, *aparelhos* não de transmitir, sem tirar nem pôr, a chamada *voz direta do céu* ?

Proclamação da justificabilidade de filtragem, pelo *aparelho*, de oferecimentos de *Mentores* requer exame crítico, se porventura vier a propósito evitar impropriedades.

Os roteiros dos cursos tradicionais jamais foram completamente explorados. Áudios e pessoas demonstram isso. E inexistente sinal de mudança. Aliás, no momento em que duradouros róis de tópicos são trocados por invenções, assume desordem e sobressai prova de que o destino das novas pautas não excederá o das antigas.

Retratar-me-ei dessa última afirmação, se alguém apreender a Doutrina sem esquadriñar os registros diretos da Clarividente.

Pra não dizerem que não tratei de coisa simples, eis comento sobre detalhe de língua portuguesa: *autoridade em rituais* não é expressão sinônima de *conhecedor da Doutrina*.

De quem se escapa do autoaprimoramento, não vem algo outro, que não mais do mesmo.

Com o advento do *WhatsApp*, reviravolta ocorreu: gente que não desfia corretamente três frases deu de propagar longuíssimos textos.

Com o fulcro da Doutrina esquecido e a instrução acomodada a vertentes administrativas, desabrocham disposições de ensinar o secundário às custas do principal.

Já que cursos não resolvem, volte-se à fonte da Doutrina.

De tanto ver gente papaguear a história de que o *apará* – quando incorporado por *Mentor em trabalho de trono* – filtra o que lhe sai da boca, chego a essa meio oblíqua conclusão: em círculos avessos à filtragem de informações, *digital influencers* conduzem transfigurações mentais.

Vem aí o maior surto de valorização e aproveitamento do manancial doutrinal, se o povo acordar.

Garantiram-me que, entre adeptos dados a solver dúvidas em grupos de *WhatsApp*, não mais se dá cena assim: sujeitos que não aprenderam incitam iguais a adotar pareceres saídos de quem não sabe.

Sobre essa metamorfose, a qual dizem ser fato, eis minha posição: é de se ver, para crer.

Estudo cessa, achismo vinga.

Não é de hoje que me esquivo ao charme daqueles que se pretendem doutos na Doutrina.

Não me demoro onde o fanatismo impera, mas me prontifico a operar longamente para preveni-lo.

Mestraço responde a toda pergunta.

Ideal de modernoso é compartilhar maravilhas recolhidas da *internet*.

Lema que me permito repetir: se queres aprender o que Tia Neiva ensina, percorre-lhe os escritos e áudios.

Não à toa, Tia Neiva diz: “*é preciso saber definir entre o que é importante e o que não é*”.

Custo a me avir com quem faz gosto no uso da palavra *semiconsciência*.

Adepto que não sabe lhufas da *alma* é semiconscente dos *três reinos de sua natureza* ? Enquadra-se nessa última condição quem não faz ideia de *microplexo* e *macroplexo* ?

Apropriadamente formado, *Mestre* se reconhece capaz de buscar complemento de seu incipiente aprendizado.

Na perspectiva do *Mestre* que se mergulha na dissecação do fulcro da Doutrina, (1) ouvir o que ministrador de curso tem a dizer é ruim; (2) bom é aprender com quem sabe; (3) insubstituível é o acervo autoral da Clarividente.

Absurdezas observáveis nestes tempos de sacolejo doutrinal:
 Nenhum magister se dispõe a aprender. Muito aprendiz prefere dar aulas a estudar. Toda celebridade se diz capaz de ensinar.

Recursos tecnológicos viram a cabeça de muita gente. Tanto é que incontáveis internautas exprimem-se melhor em *emojis* do que em língua portuguesa.

Resguardo-me de quem traduz, em duas ou três frases, o conteúdo do item 7 da primeira aula de Desenvolvimento de Aparás.

Papagaio não defende conceitos estranhos, só os dissemina.

Sob o grilhão da ideia de que o *espírito*, enquanto encarnado, desliga-se temporariamente de seu *corpo físico*, é difícil alcançar o cerne da Doutrina.

Desdenhador da Doutrina diz que a *alma* é um espírito encarnado.

Acionado em *trabalhos* da *Corrente*, o povo se mostra unido.

Só personalidades pugnam por fazer crer que o povo é desunido.

No recente primeiro de Maio, reboou retrato equivocado do povo.

Democratizada a *internet*, eclodem sabedores de tudo.

Ao passo que proliferam docentes, somem aprendizes da Doutrina.

Só lesu vê a Doutrina em apostilas digitais.

Em caso de dúvida, é melhor não perguntar aos outros.

Adepto que pergunta a par procura uma resposta, não a resposta.

Sem entender o que se passa, muita gente é feliz.

Conheça-se a teoria em que se fundamentam as práticas.

Ninguém emana nada, até porque esse verbo é transitivo indireto.

De seres espirituais emanam energias.

Afora o fluido magnético animal, peso o que Tia Neiva chama de energia extraetérica.

Ideário mal explicado não vale a aprendiz.

Meia explicação não serve.

Ensinar é fácil. Difícil é aprender.

Marqueteiro torna compreensível o que não resolve.

Nos *tronos*, se houvesse interferência, mistificados seriam o Doutrinador e, se presente, o paciente.

Maioria não traduz necessariamente discernimento.

Convicção resultante de subjugação não merece deferência.

Maria vai com as outras é perfil de zilhões de internautas.

O mundo anda lotado de desinformação.

Desinformação procura tipos que lhe sejam permeáveis.

Como se não o percorressem com olhos de ver, discursista falto de conhecimentos dá-se ares de estudado para melhor passar.

Revelação lembra figura de quebra-cabeça: hoje incompreensível, amanhã alcançável.

Indiferente ao *plexo*, alienado de sua realidade inteira.

Onde mais, se não em seara oprimida, mandante não esclarecido perora ?

Todos temos muito a aprender com a Clarividente.

A Clarividente lança luz sobre questões de que se ocupam adeptos exigentes.

O povo tem muito a ensinar a próceres e candidatos a tal.

Em ala de hierarquia um tanto ou quanto durável, nomearam-se *trinos* não Triada (2018 a.D.). Dá que falar a nomeação. Implicados acham que se transmudaram nalgo distinto do que são. O resto do universo sabe que o menos não é o mais.

Autômatos, decorebas e desvairados desconsideram a chance de perquirir fenômenos ou aspectos desses.

Contrasto dois acervos doutrinários: (1) o que vem de ser convencionalmente usado; (2) aquele representado pelos registros autorais da Clarividente.

É preferível pensar a aderir a dogma.

Antes de se melhorar, novidadeiro diviniza nada.

No *Desenvolvimento*, ouve-se algo assim:
 Adeptos são razoáveis. Têm os pés no chão. Analisam o que acontece.
 Raciocinam. Ninguém lhes impinge superstição por lição.

Supersticioso avesso a ponderar sobre a Lei do Carma vem com esses simplismos:
 o que não se consumou não tinha que acontecer; o que se deu era fatal.

Discípulo se enfronta nos esclarecimentos registrados pela Mestra. Enciclopédia
 do disse me disse, não.

Ex-estudioso não desgosta de retrogradar.

Relativismo toma conta de nomes da congregação.

Personagem perplexo proclama: daquilo que a Clarividente registra, cada um tem
 seu entendimento.

Chega de últimas palavras desencontradas.

Se o que soa vem de calouro ou de veterano, não faz diferença. Ou a enunciação
 é verdadeira ou não é.

Palavrinha a propósito da acomodação de desencontros interpretativos: se cada
 um tem sua verdade, ninguém tem razão.

Ante contradita, bestalhão solta esse *slogan*: tens a tua opinião e eu a minha.

Esforço e merecimento andam juntos. Se o sujeito se esforça por encontrar
 bobagem, merece o que alcança.

Praticismo patrocina enlace entre docência e despreparo.

Tia Neiva aprontou pessoalmente o registro da Doutrina. Parte da congregação esquadrinha-o.

A se considerar o que se derrama nas mídias sociais, expressões de *Mestres* precedem às da Mestra.

A maioria dos adeptos não perquire peças outras, que não aquelas não preparadas pela Clarividente.

Surdez distingue a casta impositiva.

Raramente vejo adeptos concorrerem para a dissecação de áudios e cartas de Tia Neiva.

Todo dia vejo *Mestre* ensinando *Mestre* a repetir palavra(s) de discípulo(s) da Clarividente.

Se se põe em plano secundário o conhecimento, abre-se espaço para opiniões.

Desleixo deu no que se tem hoje.

O Doutrinador se prepara para não ter dúvidas, se vai pelo legado da Preceptora.

Consulentes perguntam. Tira-dúvidas respondem. Ilusões ficam.

Ascensões de ineptos dão a entender que estudar já era.

Descensos de ineptos fazem entender que estudar é essencial.

Button não credencia instrutor.

Em cursos supraconvencionais, retóricos impõem de sumidades inspiradas, tomam as rédeas, dão o tom e pontificam. Com efeito, a brilhantura dos portentos faz cê-dê-efes corarem.

Eis o que de melhor posso dizer a quem me indague se a Doutrina consagra isso ou aquilo: em vez de perguntares aos outros, consulta a inconfundível fonte de informações e conhecimentos.

Se queres uma opinião, pergunta a um *Mestre*. Se não, consulta os registros autorais da Clarividente.

Pra aprender, discípulos vasculham o que a Mestra registrou. Outros se fiam em apostilas.

Áudios e cartas de Tia Neiva são a chave para a Doutrina.

Aceito o que *Mestres* dizem, não sem antes separar o que é doutrinal daquilo que não o é.

Oxalá pósteros se animem a varrer áudios e cartas da Mestra.

Desconfio que a maior parte da gente que vive a se consultar com discípulos da Clarividente não medita no que aprende.

O que é doutrinário origina-se da Clarividente.

Pensador averigua a origem do que aprende.

Disposição de captar o que Tia Neiva registrou é – ou parece – qualidade fugidia. Comumente irrompe à chegada do médium à *Corrente* e depois se esvai.

Entre *Mestres*, escasseiam exames dos registros próprios da Clarividente.

Novatos no *sistema* renteiam a Doutrina.

Adepto descansado não perquire as brenhas da fenomenalidade mediúnico-espiritual.

Desconhecimentos pervertem o exercício da mediunidade.

Veteranos no *sistema* falham à busca do fulcro da Doutrina.

Não surpreendentemente – e bem frequentemente –, broncos e intelectuais confluem. Aliás, aproximam-se até no erro. Ora ignoram que o acervo doutrinal originário encerra teoria representativa das manifestações espirituais, ora esnobam esse tesouro.

Ao *discipulado* purista só aproveitam esclarecimentos dimanados da Mestra.

Áudio surpreendentemente límpido comprova que Tia Neiva sequenciava os elementos da *Contagem* assim: sintonização com forças e energias; incorporação do *Povo das Águas*; *Elevações* de Doutrinadores; e, finalmente, *Prece Simiromba*.

Desapego pela busca do conhecimento não cai bem com a condição de aprendiz, que dirá com a de *Mestre*.

Templo do Amanhecer é sítio ímpar, malgrado insopitáveis comparações. É âmbito no qual reina *sistema de trabalho* definido por Tia Neiva. Lá se abrigam situações invulgares, ocasionalmente estonteantes, mas captáveis pelo adepto, quando esse se supre da Doutrina.

Se bem que a fenomenalidade tocante à mediunidade desconcerte quem não consente no estudo do epítome espiritualista cunhado por Tia Neiva, multidão deseducada, ironicamente, dá de se meter a entendida no assunto.

Congregados alheiam-se da teoria em que se fundamentam as respectivas ações.

Não adianta demandar explicação de quem não sabe.

Na Hora H, não serve consultar material errado.

Adepto inestudioso usa o *léxico doutrinal*, saiba ou não do que fala.

Se atenta para os ensinamentos perenizados nos registros da Mestra, o *congregado* vai pra frente.

Discípulos só têm um jeito de acessar o que interessa: via exame dos registros feitos diretamente pela *Clarividente*.

O *congregado* desanda, se acolhe dizeres subdoutriniais.

Encampador de arremedo da Doutrina prega essa absurdez: a ocorrência do chamado *fenômeno da incorporação*, o *espírito* encarnado deixa seu *corpo físico*, ao passo que outra *individualidade* enceta *manifestação* por meio do *aparelho* prestes a vagar.

Fanático desatina – se é que advém, ao dito-cujo, chance de desequilibrar-se mais intensamente do que já consegue.

Adepto que desaproveita a teoria espargida pela Mestra apronta-se para incorrer em esparrela devastadora do discernimento.

Sem emprego do acervo doutrinal originário, acontece isso:

- O que haveria de ser universalmente sabido não o é.
- Do que é dado como sabido, muito não corresponde a crença verdadeira e justificada.

Ex-estudioso da Doutrina degenera e cacareja qual professor universitário.

Sem mal-estares ou traumatismos, instrutores do chamado Curso de 7° acabaram dispensados do fardo.

Justificação da fenomenalidade é algo de que, incompreensivelmente – aliás, iniludivelmente –, o *médium* comum não quer saber.

Sem mergulhar na concepção teórica explicitada por Tia Neiva, adepto algum se habilita para abrir a boca quanto aos processos operadores dos efeitos que se fazem perceptíveis nos *trabalhos mediúnico-espirituais*.

Consolo a adeptos-internautas: acharás um *terabyte* de preciosidades após refugares noventa e nove *terabytes* de besteiras.

Não curto discurso subdoutrinal, conquanto reconheça haver adoradores da joça.

Fatos marcantes têm lugar nos *Templos do Amanhecer*. E se dão a olhos vistos. Não raro causam espécie. Com efeito, desviam-se do lugar-comum. Só não se afiguram sobrenaturais. Cheios de explicação, são pouco compreendidos pela massa.

Deliberação de aprender requer humildade.

Em tese, serviço instrucional demanda estudo.

Estou por ver quem dê aula sem estudar – dizia eu antigamente.

De início, o *médium* se pauta pelo que lhe dizem ser a Doutrina. Depois descobre o que a Clarividente registrou. Com efeito, quando o discípulo está pronto, a Mestra aparece.

Ai de quem se confie a medalhão.

Em curso fraco, o que instrutor diz, instruendo colhe, mas não engole.

Desensino não chega a constituir problema em aula a que não se assiste.

Pois que só esclarecimentos seguros importam, não se larga o que a Clarividente registrou.

Se te esclareces com quem não sabe, fazes jus ao que reténs.

Banalizam-se figurões ao mesmo passo que rareiam entendidos na Doutrina.

Agregam-se tantos significados ao termo *Doutrina*, que nem dá pra apostar que ele represente predominantemente os princípios que distinguem, descrevem e explicam as interações mediúnico-espirituais.

Como se vê, a Doutrina vai bem. Obrigado.

Mesmo não homogeneamente, extravasa-se certo comedimento na hoste doutrinal.

Interessados em solver questões por estudo procuram respostas na Doutrina; desatinados, no que lhes dizem ser a Doutrina.

Como que a prevenir desvarios, a Clarividente coteja a fé cega com a fé esclarecida.

Trabalho e conhecimento trazem equilíbrio; mas um sem o outro, não.

A se levar em conta o ensino registrado pela Mestra, não há por que *congregado* virar fanático

Até prova em contrário, operadores do *sistema* têm os pés no chão.

Tia Neiva deixou o *sistema* pronto e funcionando. Trinta e tantos anos depois, seguem-se sucedendo mudanças indefectivelmente rotuladas de derradeiras e definitivas.

Em procedendo a registros de próprio punho e/ou de viva voz, a Clarividente salvaguardou de desnaturações os cânones doutriniais.

Sem pensar, nada de melhorar.

Mestre decide livremente sobre naipes de aprendizagem – aliás, tem duas opções: ou esmiúça áudios e cartas da Clarividente, ou se esteia no que ouve dizer.

Cri que a teoria formatada pela Mestra fosse mais conhecida.

Em princípio, discípulos se sustentam na teoria formatada pela Mestra.

Aprendiz toma teoria por ilusão; *Mestre*, por representação da realidade.

Comparativamente aos predecessores, *millennials* buscam menos a Doutrina.

Enquanto interessado na Doutrina, *Mestre* se demove a escrutinar o que a Clarividente registrou.

Presuntivamente, instrutor de *Desenvolvimento* reflete sobre questões e esclarecimentos preceptorais tocantes ao mais atestado dos acontecimentos esperáveis no ambiente doutrinário.

Uma coisa é estudar a Doutrina; outra é esquadrinhar o *Livro de Leis*.

Sem saber de *plexo*, *incorporação* e *interferência*, ninguém lê – com obtenção de compreensão das frases percorridas – o *Livro de Leis*.

Trás tudo que porventura incuta medo a adepto, subsiste superstição.

Não é natural confundir a Doutrina com o ritualismo que se lhe deriva.

Em cedendo aos costumes das redes sociais, lanço umas palavras ocas: a ser *Mestre*, qualquer adepto organiza representação teórica dos processos subjacentes aos eventos de manifestação espiritual compreendidos nos chamados fenômenos de incorporação.

Até por dever de ofício, *Mestre* combina os recursos derivados da fé com aqueles procedentes da razão.

Pra muitos, o que subjaz às chamadas *incorporações* conforma questão para cujo esclarecimento inexistem palavras. Pra mim, tal subjacência é justamente o que não se capta daquilo que a Clarividente exprime.

Reza a tradição que *instrutores* se preparam para o ofício.

Ninguém há de tratar do fenômeno da *incorporação* sem caracterizá-lo.

A Doutrina é que justifica o *Manual de Instruções*, não o contrário.

Verifique-se a lidimidade de pareceres sobre o fenômeno da *incorporação*. Não basta compreender o que circula. É de se saber donde as pessoas tiram o que dizem.

Experiências individuais de *incorporação* têm pontos comuns, mas também peculiaridades.

A realidade das *incorporações* não se adstringe a estereótipos.

Se instantes proporcionam aprender, décadas dão azo a desaprender.

Ninguém aprende por inação.

Assim novatos como veteranos silenciam sobre a *alma*.

Dê-se prova de entendimento do ente abstrato mais mencionado nos *trabalhos*.

Indivíduo sem norte junta a Doutrina a opiniões de celebridades.

Adepto não tem por que vibrar com explicações rasas.

Tão somente Tia Neiva trata do *x* (isso mesmo, *xis*) da Doutrina.

Pois que chovem superstições, não me arredo da razão.

Cesaristas desvencilham-se de amarras e seguem suas próprias leis.

Mestraço discursiva, fanático vibra.

Se teu fraco é emoção, deixa-te ficar onde neoclarividentes estão.

É lógico que palavreado eletrônico faz as delícias de aprendiz modernoso.

Em *performance* mínima, neoclarividente atesta *missão* de *Presidente de Templo*; em *performance* máxima, nega incumbência administrativa a *ex-Presidente*.

De cabo a rabo, *instrutores* tratam metonimicamente do fenômeno da *incorporação*.

Tenho um jeito simples de perscrutar a Doutrina: agarro-me aos registros da Clarividente e me furto a imitações.

Ouçõ Tia Neiva, não discípulos.

Não sigo discípulos, mas Tia Neiva.

Entendidos na Doutrina têm-me por insubmisso, tanto que não me tentam empurrar convicções.

Estribado na lógica, observo o que a Mestra registrou.

Perdoem-me a contradição, mas sinceridade conta: à ocasião de aprender, cartas e áudios da Clarividente valerão a entendidos na Doutrina.

Envolvido pela conjuntura, exponho ideia que – à falta de nome melhor – denomino de ambivalência da (in)efetividade. A bem dizer, avanço asserção: boboca não desune correligionários, tampouco congraça faccionários.

Em resvalando no pior da gíria brasileira, proclamo: entendidos na Doutrina, errem-me !

Qualquer *iniciando* vê a grandeza do *sistema*.

Na esfera do *sistema*, partícipes definem os próprios passos. Ou se debruçam sobre a Doutrina, ou se cingem à implementação disciplinada de ritos.

Se tudo der certo, *instrutores* começarão a discorrer sobre a pedra angular das Revelações.

Pra não passar o dia em branco, reestudo o que a Mestra registra quanto ao âmago doutrinal.

A questão da *incorporação* – mas não só ela, ao que se sabe – deixa *aparás* e *doutrinadores* perplexos.

Fanático assimila opinião alheia tal qual assimilasse esclarecimento doutrinal.

Aprende-se com a diferença, não com a semelhança.

Vaivéns de resoluções sugerem incompreensão do *sistema*.

Tão somente os melhores instruendos sabem se o *instrutor* é bom.

A novíssima mentalidade corporativa decreta: de janeiro de 2019 em diante, se *instrutor* tocar em *animismo*, terá que dizer o que é *alma*.

Desinteresse por concepções doutrinárias de máxima serventia não desobriga *instrutor* de dizer o que a Clarividente registrou quanto à *alma*.

Quando fanáticos se juntam com sabichões, explodem neorrevelações.

Adeptos que não consultam o acervo doutrinário originário acodem-se. De fato, uns ditam aos outros o que tomar como ensino da Clarividente.

Crença em reles opinião tem nome: superstição.

Relativistas são supersticiosos.

Adepto relativista não desmente materialista, mas diz que esse tem verdade própria.

Aconchegado na *Corrente*, adepto relativista assevera a verdade da *incorporação*. Contrariado por sujeito que negue a realidade dos fenômenos mediúnico-espirituais, aclama que cada qual tem sua verdade.

Adepto relativista recusa-se a distinguir o certo do errado.

Discernimento não é o forte de adepto relativista.

Adepto relativista não julga; tanto lhe faz o verdadeiro como o falso.

Incorporado por *Espírito de Luz*, *apará* faz-se canal da *voz direta do céu*.

É o próprio Pai Seta Branca quem diz: “*comunicar sem participar*”.

Ao *apará* não é facultada discricionariedade de dizer ou guardar o que a *Espiritualidade Maior* transmite.

Apará não se imiscui em comunicação de *Espírito de Luz*; exprime só e tudo o que lhe seja transmitido. Se filtrasse os conteúdos, perpetraria *interferência*; se apendesse algo à mensagem, idem.

O que é pra ser guardado, *Preto Velho* não expõe a risco de divulgação.

O que não é pra ser sabido, *Preto Velho* não revela – nem ao *aparelho*, nem a ninguém, seja dito de passagem.

Apará é portador da *voz direta do céu*, não porta-voz de *Espírito de Luz*.

Em português, *mistificar* significa *enganar*.

Máxima tocante aos *tronos*: quaisquer mensagens não providas de *Espírito de Luz*, se houvesse, seriam enganosas.

A quem espera ouvir *Espírito de Luz*, palavras inferiores não servem.

Ninguém se ingere em comunicação de *Espírito de Luz* – garante o *doutrinador*. Noutras palavras, não há *interferência* no âmbito do *sistema*.

Em *trabalhos de trono*, só *Espíritos de Luz* proferem mensagens.

No *sistema*, *interferências* até viriam a ser fato, se *doutrinadores*, incontinentemente, não lhes dessem cessação.

Noção doutrinal: *interferência* e *mistificação* são, respectivamente, causa e efeito.

Sem *interferência*, não há *mistificação*.

Apará que intentasse interferir em comunicação de *Preto Velho* fracassaria. A bem dizer, nem teria chance de seguir incorporando a *Entidade de Luz* que, até a conjecturada vileza, estivesse a se manifestar.

Se um *aparâ* se ingerisse em comunicação de *Preto Velho*, esse deixaria o *aparelho* imediatamente. *Espírito de Luz* não se presta a falcatrua.

A debacle do mandonismo não é fatal, mas é inteligível.

Sinais de toda espécie aclaram o que se deu no movimento doutrinário de 2004 pra cá.

Determinantes da fragmentação do movimento doutrinário não somem assim tão de repente.

Certeza a propósito da desagregação atual: narrativas conflitantes fogem à verdade dos fatos.

Dê-se ou não nome aos bois, malogros têm responsáveis.

Historiadores – nesse caso, veja-se a acepção 2, constante dos dicionários Houaiss e Aulete – desandam na escamoteação dos fatores de agastamento da congregação.

Ante a calma prevalente em cada quinhão liberto da opressão, é escusado dizer que o fracionamento gerencial do *sistema* caiu do céu ?

O comum é abrir o *Livro de Leis* antes de atentar para a noção de *carma* – infelizmente.

Todo e qualquer leitor do *Livro de Leis* já percorreu o trecho no qual sapecaram – para decepção de quem se atira a reflexões sobre os *tronos* – cogitações de conhecimento prévio de imperativos *cármicos*.

Só sujeito atarantado e/ou supersticioso toma como aceitável a possibilidade de efetuarem-se profecias nos *tronos*.

Quem sabe o que é *carma* despacha adivinhos – obviamente.

O *Livro de Leis* refere com todas as letras que o *doutrinador*, em operando nos *tronos*, responde por incidental exteriorização de conjuntura *cármica* porvindoura; só não diz que tal incidente é impossível.

Nota sobre *carma*: fanático fantasia que *Preto Velho* segreda, ao *apará*, dicas a que o resto dos *espíritos* não faz jus.

Preto Velho não suprime o caráter misterioso do *carma*, tampouco transfere ao *apará* o condão de fazê-lo.

Quantos *se iniciam* ! Quantos somem !

Em si, a Doutrina é atraente.

Ao *establishment* não interessa admitir o porquê de tantas baixas na congregação – aliás, tal nem interessou muito menos interessará.

Desconhecimento do eixo da Doutrina tem duas causas. Uma é a falta de interesse em aprender.

Vazio de luzes, dirigente não mobiliza quadro.

Em círculo de *Mestres*, *instrutor* sabe o que todo mundo sabe.

A cada alteração do *sistema*, um vaselina qualquer diz algo assim: aplicação dum jeito novo não pressupõe condenação do jeito antigo.

Não se aprende com quem não sabe.

Se cada alteração do *sistema* houvesse de se justificar à luz dos princípios registrados pela Clarividente, tudo seria como fora nos primórdios.

Convocado, qualquer *Mestre Doutrinador* dá aula.

Atentar nos registros próprios da Clarividente é requisito para aprender.

O que *Mestre* diz reflete o que *instrutores* verbalizam ?

O que *instrutores* dizem reflete o que Tia Neiva registra ?

Está em alta *Mestre* aquinhado de *button* indicativo de preparação supraconvencional.

Donde tiraram a história de que o *apará* – quando incorporado por *Preto Velho* – filtra o que lhe sai da boca ?

Têm-se registros sonoros dos principais cursos do passado. Assim, é ação arriscada arremedar semelhantes programas.

Prelecionar não tem que ver com saber, tanto que multidão consegue aquilo sem isso, e vice-versa.

Dizer-se *instrutor* não impressiona.

Certifico a loquacidade de muitíssimos adeptos.

Mestres desigualam-se no que não toca à Doutrina.

Resultados díspares insinuem que o fator mediunidade ajuda e atrapalha a apreensão da Doutrina.

É *Mestre*, possui formação completa.

Ir ao fundo das coisas ou prender-se só às aparências ? Entre uma e outra ação, *Mestre* algum hesita.

Na *Mesa Evangélica* – segundo o *Livro de Leis* –, possuidores de *Plexos Iniciáticos* cedem energias a espíritos desencarnados.

Compete a realizadores de *Mesas Evangélicas* exteriorizar o(s) motivo(s) do não adimplemento da exigência concernente ao *status* de *Iniciado* do participante do *trabalho*.

Tira-teimas sobre *autoridade*: se o cabra precisa dizer que é, não é.

Divisão das rédeas do *sistema* distensionou o ambiente.

Em módulos, o *sistema* está a funcionar melhor.

Cedo ou tarde, ex-mandador inconformado acaba parando de detrair quem lhe sucede.

Tudo corre bem onde a razão prepondera.

Eis por que se sucedem instabilidades no *sistema*: *comandantes* realizam-se; aspirantes ao mando, não.

Na contracorrente do realismo – bem assim em revivalismo do *ancien régime* –, chefe impositivo reage, forma grupelho e volta a manipular cordeiros.

Questionada sobre sua sucessão, Tia Neiva sentenciou: “*Isso aí é para os Doutrinadores*”.

Na ala míope, ostensores de títulos como que hierárquicos impõem de personalidades.

Redunda dizer que todos os módulos do *sistema* operam sob os auspícios da *Espiritualidade Maior* ?

Qualquer que seja o módulo *sistêmico* a que se agregue, cada *médium* faz parte da *Corrente*.

Dentre os já não poucos *comandantes* de módulos do *sistema*, só um fantasia monopolizar as *raízes*.

Leva-se em frente o que funciona. Não se repete o que não resolve.

Subalternidade traz tirania.

Se bem que uns tantos incapazes tendam a se deixar engrupir por operador de verborreia espetaculosa, não há crédulo pra tudo.

Conhecer a Doutrina liberta-nos.

Adeptos se reconhecem com pouco mais que um *Salve Deus*.

A despeito de *trabalharem* apartadamente, adeptos se congraçam.

Adeptos têm acesso igualitário a todas as posições integrantes dos *trabalhos*. Nomes não fazem diferença, quanto menos sobrenomes. Se não é assim, faço votos que seja.

Até por conta da experiência, adeptos em geral são cômicos de que as *raízes* aportam nos *trabalhos*.

A *Espiritualidade Maior* é que efetiva os *fenômenos* ínsitos do *sistema*.

Personagem algum faz adepto duvidar do aportamento das *raízes* nos *trabalhos*.

Discernente não dá bola para disparate.

No fascículo 4 (Capítulo 7) das *Instruções Práticas*, o Trino Tumuchy – em trazendo à baila algo que classifica de precioso – identifica expressamente *quatro forças positivas*.

Contraditoriamente, o *Manual de Instruções* – em dispendo sobre o que recebem candidatos à consagração de *Elevação de Espadas* – trata de *quatro forças negativas*.

Indefectivelmente influente, a realidade dá esse recado a *instrutores*:
Ponderem sobre o que vai ser dito. Não adianta repetir o que não se constitui em explicação.

Ordem natural das coisas: estuda-se o que importa, acham-se respostas, caem mitos.

Ínfimos se amparam cá embaixo, grandões se derrubam lá em cima.

História de que o *apará* – quando incorporado por *Mentor* em *trabalho de trono* – filtra o que lhe sai da boca é ideia intergeracionalmente festejada.

Pra quem falha na pergunta, qualquer resposta serve.

Conclusão sequente da propagação de arquivos digitais tocantes aos anais da congregação: cursos trarão o que já se sabe, a seguirem sendo do jeito que sempre foram.

Forçosa e sabidamente familiarizado com a Doutrina, *Mestre* tem consciência do que pode sair de sessão de instrução ulterior à *Consagração de Centúria*.

Preleções encaixadas no paradigma doutrinal complementam-se com perguntas às quais só a Clarividente responde.

Vantagem de usar os registros doutrinários originários: o que *instrutor* omite, a Clarividente diz.

Não *Mestre* toma *alma* por *espírito*.

Lididamente, multidão procura intelecção da noção representada pelo termo mais complexo do léxico doutrinal. Curiosamente, *instrutores* passam ao largo do assunto.

Iluminação que vem à mente de cursista indagador: nem toda resposta tem a ver com a pergunta a que se segue.

A Doutrina procede da Mestra, ao menos no entender de quem enjeita adendos oferecidos por discípulos.

Na primeira das sessões precedentes à *Elevação de Espadas*, instrutores falam em desenvolvimento e fortalecimento dalgo que não destrinçam – a bem da verdade, fazem-no em nome da observância do *Manual de Instruções*.

De viva voz, Tia Neiva define que a *Contagem* há de ter, no mínimo, 7 Mestres-Lua e 14 Mestres-Sol.

Há pouco reouvi frase à qual não se costuma objetar. Tal enforma anúncio medianamente funcional, conquanto maculado com contradição. Especificamente, o que me veio aos ouvidos foi isso: de agora em diante, seguir-se-ão à risca as *Leis do Amanhecer*.

Autoengana-se quem instrui adepto a submeter-se irrestritamente à hierarquia.

Congregado de longa data cuida-se conhecedor da Doutrina.

Hierarcas personalistas não viram que o mundo mudou.

Salvo fanático, adepto algum vai pela opinião dos outros.

Satisfeitas com a antiga situação, celebridades fossilizaram-se.

Dominação em resumo: se inferior pensa, superior se exaspera.

Daquilo a que a palavra *incorporação* se remete, abundam preconceções particulares cristalizadas.

Escusa fazer rapapés a *congregado*.

O que a Clarividente elucidou compõe a Doutrina; o resto, não.

Afora o que dimana do *Astral Superior*, cursista só precisa de explicação fundamentada.

Pelas citações que fazem, mestraços balançam entre os registros doutrinários originários e informações de segunda mão.

Uma vez que se têm os registros doutrinários originários, repugna simular vácuo de esclarecimentos.

Saiba-se lá o que significa a expressão *traduzir cientificamente os conhecimentos que Tia Neiva trouxe do Céu*.

Clareie-se decididamente cada ponto doutrinal. *Vários entendimentos é equivalente eufêmico de falta de compreensão*.

Em busca de retratar o fenômeno da *incorporação*, o Trino Tumuchy – quase cinquenta anos atrás – discorreu sobre o *transe mediúnico*.

Após a *Elevação de Espadas*, todo *Mestre* atina naquilo a que Umahã se refere com a expressão *corpo astral mental*.

Na lida com proclamações majestáticas, incumbe ao adepto descartar o que quer que não proceda.

Cena de sempre: adepto concita outro a convir no que terceiro classifica de elemento doutrinal.

Dado que perdura a maré subjetivista, não se esperem compreensões adicionais de elementos doutrinários.

Polêmico é ponto doutrinal sobre que falta estudo.

Idealização presente no *Manual de Instruções*: *apará* entra em transe, mas segue atentando para o que pode bem assim para o que não pode dizer.

Na sessão primeira do *Desenvolvimento de Doutrinadores, instrutores* – em observando estritamente o *Manual de Instruções* – tocam no alívio daquilo que se traduz pelo mais importante constituinte doutrinal. Só não dizem nada do ente em causa.

Sobre o item doutrinário crucial, o que não é dito no *Desenvolvimento* é omitido nas *instruções* posteriores.

Corre que aprendizes aprendem uns com os outros.

Se o estudo é superficial, fontes primárias não dizem ao caso.

Buscadores reestudam a Doutrina. Acomodados redefinem normas.

Até que *instrutores* deem prova de domínio do ente abstrato mais mencionado na *corporação*, *instrução* não se perfaz.

O *Manual de Instruções* estatui que *incorporações inconscientes* limitam-se a casos de epilepsia. Só não faz sentido a história.

Um sem-número de consultas com sumidades na Doutrina deu nesse achado: de todo ponto não sabido, vários entendimentos há.

Procurar e prometer atalho para a Doutrina são temeridades que se encaixam.

A toda a evidência, resta estudar o que Tia Neiva registrou.

Mestre se aprofunda na Doutrina.

Não *Mestre* dispensa áudios e cartas da Clarividente.

Da Doutrina, o tanto que se sabe dá ideia do quanto não se sabe.

Mestraços distinguem o *fenômeno da incorporação em si* dalgo que denominam *fenômeno de manifestação espiritual por meio de projeção*. Quisera mandá-los caracterizar um e outro.

Não há coautor(es) da Doutrina.

Um pró-memória: *ciência* é palavra a ser desambiguizada; *doutrina*, também.

Os registros – escritos e audiovisuais – deixados por Tia Neiva constituem-se na parte inquestionável daquilo que habitualmente designa-se pela expressão *acervo doutrinário*.

À falta de objeto, curso avançado consiste no que é convencional.

De esclarecimento sobre a essência da Doutrina, não há fonte outra, que não os registros autorais da Clarividente.

Aprendiz pretexta qualquer troço para ensinar o que sabe.

Adeptos-internautas valorizam apostilas.

Ante as razões que se têm para aprender com a Mestra, não vem ao caso tomar outro rumo.

Afinado com a contemporaneidade, adepto reúne papéis acumulados anos a fio e trata de digitalizá-los. Nessa hora, uns fazem insignificante pilha de apostilas; outros fazem meda.

Calar prefere a inventar.

Mestre-buscador não anda atrás da parte repisada da Doutrina, mas do resto.

Inconformado se aprofunda na Doutrina.

Mandachuva dispensa-se de pleitear *acreditação* daquilo que ensina.

O mero passar dos anos não traz sapiência.

Adeptos (in)voluntariamente arredados das fontes primárias da Doutrina começam a desconfiar que esclarecimentos terminantes não lhes chegam.

Em toda parte é assim: até que lhes ocorra a verdade dos fatos, coiós acham-se sapientíssimos.

Frase simples que me infunde vontade de estudar: “*tudo tem sua explicação, seu motivo, a sua causa e a sua razão de ser*”. Pus aspas em honra da *carta*, aliás.

Interessados no fenômeno da *incorporação* buscam-lhe a explicação.

Preto Velho não transmite vulgaridade. Se algo assim vier, não reflete a *voz direta do céu*.

Em *trabalho de trono*, *apará* profere à risca o que Preto Velho lhe transmite. Ao menor sinal de blá-blá-blá, doutrinador dá cabo do problema.

A *instrutor* compete instruir-se.

Instruir é tarefa para *Mestre* instruído.

Bom instruendo sente o que não é instrução.

Se se estuda o cerne da Doutrina, uma coisa é certa: cartas e áudios da Clarividente são o material instrucional.

Aprendiz que dispensa cartas e áudios da Clarividente tem propósito firme e ostensivo: quer estudar o que outros – que não a Mestra – dizem.

Provadamente bom será o curso que tratar das questões não mais que tangenciadas pelos dois memoráveis *instrutores* doutriniais.

Não se desmereça de *instrutor*; estude-se o que ele não estudou.

Ao contrário do vulgo – que se mune tão somente do que outrem diz –, *Mestre* não desiste da própria inteligência.

Criatura que sabe da Doutrina por ouvir dizer imprime credibilidade a quem lhe oferece interpretação dos esclarecimentos registrados por Tia Neiva.

Se o explicador não demonstra donde tira a concepção que atribui à Clarividente, faz afirmação cuja veracidade não é verificável.

Fanático desacolhe áudios e cartas da Clarividente.

Juízo sobre explicações da *fenomenalidade*: o que reflete esclarecimento registrado por Tia Neiva é Doutrina; o mais é credence.

Sujeito que cede a credence resiste a renegá-la, mesmo diante da verdade.

Para operar no *sistema*, adepto não precisa de teoria; sem essa, porém, não entende o que faz.

Adepto decidido perquire o que vem ao caso; os demais põem de lado as verbalizações registradas pela Clarividente.

O que escapou aos dois eminentes *instrutores* doutriniais ter-se-á que aprender com a Clarividente mesmo.

Não faltam exemplos de anúncios preceptorais de cujo domínio o *discipulado* jamais deu prova.

Buscadores da Doutrina reúnem-se, tal qual fazem tipos outros. No fundo, cada qual com seu igual.

Títulos como que hierárquicos induzem afetações de conhecimento doutrinário.

Se uns se decidem por expressões assinadas pela Mestra, outros optam por dizeres menores.

Ao hierarquismo sobrevirá o que lhe serve de remédio.

Na era dos comandantes, voga a submissão; na dos *Mestres*, a liberdade.

Nem tudo se franqueou ao maior apreensor dos ensinamentos da Clarividente.

A quem vive a reverberar emulações de esclarecimentos doutrinários legítimos, um lembrete: ditos de discípulos não se põem em pé de igualdade com a palavra da Mestra.

O que se faz no *sistema* não vira ato fundamentado só porque tal ou qual personalidade autoriza-o.

Mestre não age maquinalmente; quando menos, corre atrás de saber *por quê* e *pra quê*.

Circunstancialmente úteis, os módulos do *sistema* mostram semelhanças e diferenças. Na base, praticamente se igualam; no cume, certamente se diferenciam.

Ao comum das pessoas não importa penetrar os fenômenos.

Os dois memoriais instrutores doutrinários ensinaram o que alcançaram.

Preletor e buscador doutrinários não se afinam estritamente. Em geral, o que aquele tem a dizer não coincide com o que esse quer saber.

No *sistema*, ao menos duas noções são intuitivas: (1) mediunidade é recurso de uso contínuo; (2) razão é faculdade a ser usada apenas intensissimamente.

Propale-se a Doutrina tal como registrada originariamente.

É vão o desígnio de sumariar a Doutrina sem, antes, analisá-la.

A Doutrina não se complementa com informações originadas de documentários televisivos, embora muitos elejam discordar disso.

Seguidores de discípulos da Mestra avolumam-se à medida que pipocam imitações do acervo doutrinal originário.

Até na lida com matéria simples, como *microplexo*, *instrutor* há de se fundar no que a Mestra registra.

Constatação que desafia a opinião consabida: observância das regras de linguagem complica a interação.

Há muito me salvei de explicadores de tudo.

Relação observável em qualquer colóquio paradoutrinário: quanto menos capaz o receptor, tanto mais confiante o emissor.

Uma vez que não se mire a saber o que a Mestra diz, desnecessita-se dos registros doutrinários originários.

Reciprocidade instrucional: mestraço se consulta com respondão, do mesmo modo que esse se aconselha com aquele.

Enquanto *Mestre* carecido de domínio da Doutrina, eximo-me a ouvir quem enjeita os registros feitos pela Mestra em pessoa. Admiradores do bendito acervo não dão prova de saber o bastante, quanto mais os outros.

Há tempos que não dou nem acolho explicações do que a Clarividente diz, até como salvaguarda do que ela diz.

O acervo doutrinal consiste na respectiva parte nobre e na outra.

À medida que cresce o acervo doutrinal, decresce a participação relativa das peças assinadas por Tia Neiva.

Futuro senso comum: Excelentíssimos que não lidam com o acervo doutrinal originário metem-se a dizer o que é – bem assim o que não é – da autoria da Clarividente.

No pós-*Centúria*, todo mundo é *Mestre*, salvo os supermestres.

Quanto mais ditos de discípulos, tanto menos a palavra da Mestra.

À ausência de estudo, o que não é sabido é dado como profundo.

Aulas ministradas por discípulos provam que se aproveita pouco o que a Mestra esclarece.

No campo da fenomenalidade, praticamente tudo tem sido visto por alto.

Alma é o termo técnico menos empregado pelo *discipulado*.

Viés contemporâneo: repositórios de esclarecimentos da Clarividente rapidamente se infestam de expressões de discípulos.

Tarda em que se tome consciência das características do fenômeno da *incorporação*.

Já que se é *Mestre*, aprenda-se o muito que não se sabe.

Por enquanto, é sucesso descontextualizar frases expedidas pela Clarividente.

Questões irresolutas vêm à tona cedo ou tarde.

1º de Maio marcado por normalidade, tal como isso é concebido em cada singular módulo do *sistema* (2019 a.D.).

Palavra que não faz pensar aproveita a conformados.

No geral, *Mestres* se enfronham na Doutrina; uns se aprofundam; de per si, cada qual dá mostra do respectivo preparo.

Saiba-se mais; aprenda-se com Tia Neiva.

Buscar é melhor que esperar.

Resposta acode a quem reflete.

Buscador deslinda a hora certa de aprender.

Cursos limitam o aprendizado.

Fração do *discipulado* corre atrás dos esclarecimentos registrados pela Mestra; o resto aceita o que *Mestres* lhe reservam.

Não se sabe o que esgarça a congregação, mas se conhece o comandante de cada módulo do *sistema*.

Congregado não curte o espalhamento dos pares por módulos *sistêmicos*.

A presentemente plácida coexistência de módulos do *sistema* é situação sem precedente.

Até que resolvessem escavar a Doutrina, muitos viveram conformismo.

Adepto sob um olhar crítico: se procura saber, é aprendiz; se cessa de aprender, não é *Mestre*.

Francamente, sabe-se por que medalhões não se põem de acordo.

Aplicar as faculdades mentais para aprender dista de frequentar curso, conquanto ambos os atos configurem acepções da palavra estudar.

Observem-se os parâmetros doutrinários. Atente-se para a limitação das pessoas. Se a razão cede, a prudência desaparece e o messianismo recrudesce.

Mestre tira conclusões, dá importância ao real, distingue o que tem cabimento – ou melhor, faz isso, se for aquilo.

Comento acerca do descarte de superstições: uns tantos agem quando doutrinados; outros, nem assim.

Aprender com discípulo ou com a *Mestra* ainda é questão para muitos. Entre tão (des)semelhantes opções propedêuticas, adivinhe-se qual vem a propósito !

Usualmente, *Preto Velho* discorre sobre humildade, tolerância e amor. Decerto clareia o que não é fácil de entender.

É voz corrente que Tia Neiva deixou a mesa posta, se bem que indiferentes empanem a metáfora.

Incorporação é matéria decididamente deslindada pela *Mestra*.

Questão não só de *timing*: novéis explicadores da Doutrina almejam fazer o que a Clarividente deixou concluso.

Aprendiz repisa frases de Tia Neiva; *Mestre* contextualiza-as.

Caminho para individualizar a parte nobre do acervo doutrinal: separe-se o que vem da Mestra daquilo que vem de discípulos.

Ritualista é quase que conhecedor da Doutrina.

Ensino proporcionado por *Mestre* não pressupõe desuso dos esclarecimentos da Clarividente; ao contrário, requer apresentação cabal dos esclarecimentos nos quais se fundamenta.

Seguidores de *Mestres* colecionam frases da Mestra, simplesmente.

Truísmo: alteração no *sistema* não há como dar certo.

Em qualquer colóquio, transparecem dois tipos de opinião: a fundamentada e a comum.

Respondões não falham de todo. Chegam a soltar ditos acertados. Retratam, sim, um pouquinho do que a Mestra diz. É só conferir o que dizem. Quanto ao mais, é taxativamente imprescindível que se confronte o que quer que digam com o que Tia Neiva registra.

Arquiexplicadores doutrinários logram emaranhar o que Tia Neiva esclarece.

Os fenômenos são a razão de ser das *Leis* – isto é, essas não vêm a ser a causa daqueles.

Desobrigado de apresentar a base do que diz, explicador de tudo dá-se ares de douto e solta o verbo.

Bem ou mal, *Mestres* falam a públicos qualitativamente diferentes. Com efeito, o nível do ouvinte define o do locutor.

Como foi *ela* quem fez o elucidário doutrinal, descabe(m) outro(s).

O que é da *Mestra* se aguenta. O que não procede desanda.

Prodígio do *sistema*: para trabalhar não é preciso estudar.

É indiferente erudir-se ou quedar-se simples. *Know-how* de *Mestre* dá para o gasto. Buscadores e acomodados fazem o certo; os primeiros, com conhecimento de causa.

Desejo um tanto ou quanto factível: que ninguém venha a achar que o elemento central da Doutrina é algo de que muito se fala, mas pouco se sabe.

Em aula, buscador cuida em tudo o que lhe ensinam. Findo o curso, deixa de lado o que não bate com os esclarecimentos da Clarividente.

Alçado *Mestre*, aprendiz tem-se por capaz de ensinar.

Caso não se imagine versado na Doutrina, *Mestre* bota-se a aprender com a Clarividente.

Pseudoexplicador do fenômeno da *incorporação* fala autorreferencialmente, se tanto.

Também em face da insinuativa conversa de que a Doutrina é dinâmica, conservadores agarram-se à razão.

Sintomaticamente, participe dado a inventar traça avanços no *sistema*.

Hipoconhecedor da Doutrina não tem por onde ensinar.

Entre acertos e erros, grão-comentarista da Doutrina dá a saber até o que a própria Mestra não alcançou.

À inexistência de quadro capaz de manter o *sistema* inalterado, serve saber que incapaz sem iniciativa erra menos do que incapaz com iniciativa.

Que cada *Mestre* seja visto como tal !

Desde que a teoria aclare a razão dos acontecimentos, explicação prática implica entendimento.

À impossibilidade de se individualizarem quilates de discípulos, eis medida da evolução geral: novos não viraram sábios; antigos, muito menos.

Sinal de que estudo é dispensável: quem sabe faz; quem não sabe, também.

Duas certezas: (1) a Mestra diz a Doutrina; (2) *Mestres* redizem a Doutrina, no máximo.

Fanático conduz-se equivocadamente, quando não insensatamente.

Animismo é termo usual, técnico e elegante; só não tem nada a ver com o código linguístico doutrinal.

Desconfio que invencioneiro encampa as irrealidades que lucubra.

Inobservante da teoria, autômato age convictamente – e ai de quem lhe assaque contradição.

Mestres dão uma olhada na Doutrina, veem preciosidades e folgam em explicar o que logram saber. O não sabido, por óbvio, segue inexplicável.

Nem instrutor do *Desenvolvimento* trata do fenômeno da *incorporação* em si.

Obviedades: a Doutrina não se altera; o que passa por tal, sim.

Meu erro foi assistir à primeira aula de *desenvolvimento* de *doutrinadores*. Lá, instaram-me a usar a razão, o que segui implementando. Perdoem-me, pois, supersticiosos e fanáticos.

Se se debruça sobre a teoria, *apará* capta o fenômeno da *incorporação*.

Dar aula de *Desenvolvimento* é mais difícil do que instruir candidatos a *Consagrações*. Resultados comprovam isso.

Afira-se o que se aprende. Saiba-se o que a Clarividente diz.

Observação digamos assim dispensável: inepto serve-se de aparato demonstrativo multimidiático para desensinar.

Tino de buscador: conhecimento não é tudo, mas sem tal não se fica.

Juízo de acomodado: sabe-se o que se precisa saber.

Verdade dos fatos: obstetra e *doutrinador* são autoridades em parto e *incorporação*, respectivamente.

Tão logo atenta aos registros da Clarividente, *Mestre* propende a aprender o que cria saber.

Se preparado, *Mestre* procura entender a Doutrina.

O que não fizeram nos 30, 40, 50 anos recentes, *Mestres* não farão mais. Fruam-se, pois, os esclarecimentos registrados pela própria *Mestra*.

Aquinhoodo com áudios e cartas da Clarividente, aprendiz tem por onde virar *Mestre*.

Papaguear o que dizem que Tia Neiva disse sinaliza improficiência instrucional.

Só quem se põe a reemitir esclarecimentos prestados pela Mestra logra distorcê-los.

Deslumbrado investe-se da missão de endireitar o que Tia Neiva deixou pronto e funcionando.

Ofícios concomitantes: (1) trabalhar; (2) aceitar a realidade de que fazer não é saber.

Ao que lhe parece, *Mestre* é senhor do fenômeno da *incorporação*.

Acaso alheio ao acervo superior, adepto reconhece como autêntico algo distinto da Doutrina.

De jeito algum surpreende que incapaz se diga ás de tudo.

Multidão evolverá, se eventualmente vir o que não cogita ver.

Todo comandante se insinua entre *Mestres*.

Magnanimamente, aprendiz oferece-se para ensinar.

Menção ligeira: do alto de sua condição, *instrutor* julga que dá a conhecer o fenômeno da *incorporação*.

A prática vulgarizou o termo *consagração*.

De feitio infalivelmente modernoso, mestraço dá aula à vontade.

Isso é lógico: incontinente verbal instrui-se só depois de abrir a boca.

Diante de cursos supraconvencionais, não maldigo de omissões, mas de explicações.

Nota nada arrojada: não é possível ser, simultaneamente, sabichão e *Mestre*.

Ao que se lhe apresenta ao entendimento, mestraço é alguém.

Justamente porque escuto a *Espiritualidade Maior*, defendo-me do que dizem que *Mentores* dizem.

Talvez por afinidade natural, respondedor de quaisquer perguntas acode perguntador qualquer.

É algo sabido que *aparás* são *médiuns* não videntes.

Qualquer *aspirante* sabe que é vedado dialogar com *espírito sofredor* nos *Tronos*.

A ser observável o *Livro de Leis*, é de modo algum facultado dialogar com *espírito sofredor* nos *Tronos*.

Pelo que diz o *Manual de Instruções*, não há hipótese de se dar colóquio com *espírito sofredor* nos *Tronos*.

Afirmativa virtualmente certa: a higidez do *sistema* susta todo tentame de conversação com *espírito sofredor* nos *Tronos*.

Mestre não se consagra a repetições maquinais de fórmulas.

Duas abstrações fáceis de dizer:

- O que se faz no *sistema* orienta-se pelo que tem de ser feito.

- Barre-se adendo ao *sistema*. Seja o que for, do fato de não ser explicitamente vedado não se segue que seja facultado.

(Ir)racionalidade não se arraiga na mentalidade de qualquer um.

Finalmente é do conhecimento geral que a *alma* não é a *personalidade*.

Descontextualizar frases de Tia Neiva rima com falta de tutano.

Cena praticamente impossível: adepto e/ou paciente conversa(m) com *espírito* *sofredor* nos *Tronos*.

É de crer que *apará* não interfere em comunicação de *Preto Velho* – até porque não o consegue, seja dito de passagem.

Já se sabe que *apará* – quando incorporado por *Preto Velho* – não filtra o que lhe sai da boca.

O que a Mestra registra é autoexplicativo; o que discípulos dizem, não mesmo.

Houvesse audiência exigente, todo preletor diria donde tira o que jura ser de Tia Neiva.

Porque assim se declara, aprendiz é instrutor universal.

Se um *Mestre* engole opinião doutro, o errado é o primeiro, não o segundo.

Perante o vulgo, mandador banca o sabedor.

Na determinação do que procede, decisivo é o acervo doutrinal originário.

Como todo mundo sabe, a Doutrina é clara – vale dizer, os esclarecimentos são definitivos, se se está a falar daquilo que Tia Neiva registra.

Incongruência proposital: dado que não é preciso estudar a Doutrina, apliquem-se as faculdades mentais para aprender o que a Clarividente dá a conhecer.

Não sabedor prontifica-se a dar aula, a pretexto de que se aprende quando se ensina.

Em tempos de relativismo, até *outsider* se arroja a definir o que é o certo.

Conceitos estranhos incutem-se entre adeptos.

Enxurrada de opiniões discipulares não compõe a Doutrina.

Possível cúmulo do relativismo: cada um tem seu próprio entendimento do que quer que seja; e todo entendimento é correto, salvo se refutado.

Amaneiradamente generoso, não sabedor ensina à custa de aprender.

Engolfado na modernice, o vulgo se pauta pelo acervo doutrinal não originário.

Agora é assim: pra soar bem o troço, diga-se que Tia Neiva o disse.

Blog lembrador da Doutrina é um perigo, principalmente – mas não só – porque, da ótica do respectivo apreciador, o que sai é verdade.

Três pragas a se combater a todo custo: superstição, fanatismo e a combinação desses dois.

Simulacros de enunciados doutrinários fazem muita gente cair em logro.

O maior fenômeno do *sistema* não é a *incorporação*, mas a *desobsessão*.

Da chamada *cura desobsessiva* participam o *Mentor*, o *doutrinador* e o *apará* – os dois últimos, subsidiariamente.

Não se aquilata a grandeza da Doutrina por frases saídas de *Mestres*.

Choca ainda haver quem prefira esclarecimentos de *Mestres* aos da Mestra.

Proliferarem escólios aos esclarecimentos assinados por Tia Neiva é sinal de que há algo errado.

Mestre sem mestria não dá.

Doar-se a *incorporações* não acarreta compreendê-las.

Uma vez que a Clarividente não mais resolva, sabe-tudo põe-se a ensinar.

Não *Mestre* se cinge a livros e cursos providos pelos antigos Trinos; pra dizer a verdade, é-lhe difícil aprender diretamente com a Clarividente.

Mestre se avém com o certo; não *Mestre*, com opiniões.

Escaldado – se bem que agradecido pelo amadurecimento inopinadamente alcançado –, abstenho-me de recolher oferecimentos daqueles que se têm por sumidades na Doutrina.

Mestre que se instrui faz jus ao título de que se serve.

Dá-se como doutrinal o que – provadamente – vem da Mestra.

Embate ainda em curso: registros autorais de Tia Neiva *versus* pastiches.

Não há por que perguntar a quem não sabe, conquanto isso suceda a toda hora.

Pelo sim, pelo não, veja-se o que Tia Neiva diz sobre o assunto.

Venha donde vier, proposta de adulterar o *sistema* não vinga.

A menos que encare com taxativas e imediatas contraposições, desvairado se sente a própria Clarividente.

Anônimo ou celebridade, *Mestre* tem de demonstrar a procedência do que diz.

Não importam os *buttons* do lecionista; meia explicação não cola.

Afirmção singela: não *Mestre* se subtrai a versar o que respeita ao cerne da Doutrina.

Julgamento por demais indulgente: o que neoclarividentes inventam tem-se mostrado muito limitadamente aplicável.

Na contramão da babel, uma advertência contestável: a se querer que outrem entenda o que se diz, fale-se em bom português.

Mesmo tarde, focalize-se aquilo a que se refere o termo-chave da Doutrina.

Vetustez não figura intimidade com a Doutrina.

Resposta de não *Mestre* a pergunta de aprendiz: saberás disso mais tarde.

Comece-se a escrutinar longamente o acervo doutrinal originário; é desse jeito, sim, que se aprende – verdade seja dita, nem a Clarividente aprendeu de supetão.

Se é supersticioso, não leu cartas de Tia Neiva; se é fanático, não ouviu áudios da Clarividente; se é supersticioso e fanático, ou se furtou àquilo ou não fez isso.

Equipado do acervo doutrinal originário, aprendiz vê *Mestres* realisticamente.

Cumpre diferenciar o que parece doutrinal daquilo que o é verdadeiramente.

Acaso se vasculhem áudios e cartas da Clarividente, atine-se naquilo de que *Mestres* jamais trata(ra)m.

Instruir-se é buscar o fundamento doutrinal do que se toma como certo.

Parecer de *Mestre* não é fundamento doutrinal.

De *Mestre* para *Mestre*: fulano repete o que beltrano diz que sicrano ensinou.

Da *Mestra* para *Mestres*: cartas e áudios ilustram a corporação.

Nas circunstâncias presentes, qualquer confiado diz o que seria a Doutrina.

Sem o pertinente fundamento, nada é garantidamente doutrinal.

É lucidez buscar a Doutrina. É insensatez não recorrer aos registros feitos por Tia Neiva em pessoa.

Nos termos do mais refinado modo de cultivo da Doutrina, *Mestres* se ensinam a aprender diretamente com a Clarividente.

Todo desconhecedor da Doutrina julga dominá-la; digo, desconhece a Doutrina todo aquele que julga dominá-la.

No meio corporativo, coexistem duas sabenças: (1) A Doutrina segundo Tia Neiva; (2) n

Segundo Tia Neiva, a *Contagem* há de ter, no mínimo, 7 Mestres-Lua e 14 Mestres-Sol – só que reina indiferença por isso.

Em face de tudo o que se passa, incidentes de fanatização tendem a aumentar.

À exiguidade de tino, vêm superstições.

Concepções estranhas à Doutrina insinuam-se na mentalidade de mestraços.

Simple desejo: que todo *instructor* demonstre donde tira o que diz !

Rasgo de clareza e objetividade: exposição sólida e preleção não fundamentada são, respectivamente, aula e conversa fiada.

Adepto preparado calca sua fala nos registros da Clarividente; outros não vão a tanto nem a pau.

Sem estudos, nem veterance resolve.

Ambientes a evitar: (1) concílio de não *Mestres*; (2) roda de sumidades na Doutrina.

De maneira geral, *Mestres* querem começar a examinar áudios e cartas de Tia Neiva.

Horizontes distintos: (1) pronunciamentos protocolares seguem firmes; (2) dizeres estritamente doutrinários como que subsistem.

Ironia dos acontecimentos: ao passo que áudios e cartas da Clarividente causam espécie, fala vazia dá a impressão de normal.

Traço de fim do mundo: instrução mútua de mestraços e respostas.

Personalidade que inova os princípios formalmente fixados por Tia Neiva é digna de ser ouvida exteriormente ao âmbito doutrinário.

Fervem novidades em colóquios não marcados pelos cânones doutrinários.

Exemplário de expressões encontráveis em aula ruim: “digamos que”, “é algo como”, “é como se fosse”, “fulano disse que Tia Neiva disse que”, dentre outras pérolas.

A opiniões discipulares prefiro o que a Mestra registra.

Frase nada esmerada: para uns, opinião não fundamentada (des)serve; para outros, não.

Fruição do acervo doutrinário capital é antídoto contra a cultura da ignorância.

Dilema de fazedor desprovido de conhecimento: errar por si mesmo ou ir pela cabeça dos outros.

Recém-chegados – mas não só eles – deixam-se levar por dizeres meio doutrinários.

Em matéria de Doutrina, *Mestres* e não *Mestres* expressam-se em bom português e em linguagem não verbal, respectivamente.

É um perigo saber pouco e fazer muito.

Crédulo não discute, faz.

Mestre faz o certo; não *Mestre*, o que lhe dizem ser o certo.

Dito (in)verossímil: todo adepto mergulha no conjunto de áudios e cartas de Tia Neiva.

A cada crédulo pertence uma falha de formação.

Ninguém é simultaneamente crédulo e *Mestre*.

Dizeres algo palatáveis: (1) senso comum chama superstição; (2) conhecimento previne fanatismo.

Tia Neiva talvez não imaginasse que seus registros seriam deixados de lado por muitos.

Crédulo a dar recibo de sua condição: fulano disse e eu acreditei.

Qualquer um descreve com propriedade o que entende da Doutrina.

Fatos a ser admitidos: (1) Tia Neiva expõe a Doutrina; (2) discípulo diz o que entende da Doutrina, quando muito.

Importa o que Tia Neiva registra, não o que tal ou qual discípulo acha.

Declaração de reduzidíssima compreensibilidade: incumbiu exclusivamente a Tia Neiva conformar a Doutrina.

O vocábulo conhecimento – a depender do que esteja a representar – tem que ver com o perfil de *Mestre*.

Não *Mestre* toma informação por conhecimento.

O mau de reunir muitas informações é misturar as procedentes com as improcedentes.

Principalmente na muvuca digital, expressões próprias da Clarividente dão lugar a fictícios sucedâneos.

Ao início de qualquer sessão de *instrução*, uns acham que sabem o que há de ser dito pelo *instrutor*; outros sabem mesmo.

Na interação com teus pares, se não te sentes livre, és bem-mandado.

Sessão de *instrução* não comporta noções extrínsecas à Doutrina.

Tia Neiva desemaranhou a subjacência das *incorporações*.

Até porque lhes compete distinguir o verdadeiro do falso, congregados guardam o que é de Tia Neiva e largam o resto (frase a ser descartada, porquanto destoante da realidade).

A fala da massa ainda mimetiza discursos doutras correntes espiritualistas.

A prol do discernimento, esqueça-se o achismo.

Instrução fundada nos registros de Tia Neiva faz sentido.

Instrutor despreparado não diz a que veio.

Nonsenses: a *Iniciação* é no *espírito*; a mediunidade é do *espírito*; fulano se desloca em *espírito* – afora outros que tais. A propósito, foi pra evitar essas furadas que Tia Neiva deixou um modelo teórico explicativo das interações entre as realidades física e não física.

O que decoreba diz não vem ao caso.

Doutrinador sente o que sucede ao *apará*. Com efeito, sentir é sinônimo de compreender (ter a compreensão de) – consoante atestam os melhores dicionários da língua portuguesa.

Alguns *aparás* sentem o que lhes sucede.

Na contramão do subjetivismo em voga, sigo distinguindo o verdadeiro do falso.

Ressalva apropriada: por ocasião do fenómeno da *incorporação*, o *espírito* não deixa seu *corpo físico*.

Impõe-se desculpar tantos quantos cometam o engano de tomar opiniões de *Mestres* por esclarecimentos da Clarividente.

Quase sempre cerimoniosamente, decoreba fala, sem compreender o que diz.

Realce do óbvio: a Doutrina não concebe 7 *corpos* de manifestação do espírito.

O que *Mestre* tem de saber, só a Clarividente diz.

Asserto razoável: para ser explicador de tudo é pré-requisito não entender de nada.

Estudar é seguro; perguntar é arriscado.

Com as palavras de Tia Neiva lida-se de dois jeitos: (1) não *Mestre* associa-lhes ideias; (2) *Mestre* vê a que se remetem.

Inimigo do estudo condena-se a repetir o que lhe vem aos ouvidos.

É mister saber daquilo a que se remete cada elemento do léxico estritamente doutrinal.

Para além das cartas e dos áudios de Tia Neiva, conheçam-se os respectivos conteúdos.

Um dia escutar-se-á isso: examinador de áudios e cartas de Tia Neiva não se mete a usar outros meios de instrução.

Discernidor não engole opinião travestida em fragmento doutrinal; os demais merecem ser enganados.

Só quem desconhece as explicações registradas por Tia Neiva acha-se capaz de explicar a Doutrina.

Espetaculosas manifestações de adeptos como que predestinados a explicar a Doutrina motivam essa conclusão: tipo que se autopromove não é o que julga ser.

Retrato do dia a dia: qualquer um leciona.

Problema atual: coligidor de informações não consegue estabelecer relacionamento lógico entre esquemas abstrativos e fenômenos ocorrentes.

Discípulo de discípulo da Mestra é pura definição de homem sem conhecimentos.

Dizer é fácil. Difícil é demonstrar a justeza da exposição.

A mau entendedor, verborreia agrada.

Foi-se o tempo em que adeptos não se serviam de áudios e cartas de Tia Neiva. Frase assim não se aplica ao presente, conquanto traduza quadro passível de se verificar plenamente no futuro longínquo.

Crítica delicada: poupem-se loas a palavras subdoutriniais.

Pior do que pôr de lado estudos profundos é não fazer distinção entre *alma* e *espírito*.

Mestres têm certezas demais.

Algo ainda difícil de entender: esclarecimentos da Clarividente não são comutáveis por opiniões de *Mestres*.

Cursos supraconvencionais trazem em si a representação daquilo que não é dito pela Clarividente.

Aprendizes têm muito que saber; *Mestres*, mais ainda.

Negação da transcendentalidade da *alma* é conversa de não *Mestre*.

Em rigor, *Mestres* são aprendizes dispostos a captar a Doutrina um dia.

Pelo próprio fato de ser o que é, adepto influenciável atola-se de juízos extradoutrinários.

Ainda que reais, incensações de indivíduos não têm que ver com a Doutrina.

Duas constatações: (1) veteranos sabem o que é aprender com pares; (2) novos ameaçam aprender diretamente com a Clarividente.

Eis por que dispenso a maioria das opiniões: a multidão não diz o que acha, mas o que a ensinaram a dizer.

Pontos de vista de *Mestres* ocultam a Doutrina.

Para tratar do fenômeno da *incorporação*, ao menos nove de dez celebridades se servem dos estereótipos de sempre.

Conceito atemporal: respondedor de quaisquer perguntas é aquele que fala à hora de calar.

Não *Mestre* se fia no que os outros dizem.

Desviado do propósito de varrer áudios e cartas da Clarividente, o comum das pessoas se condena a agasalhar opiniões.

Ao cabo de apreciação perfunctória levada a efeito num átimo, sobrevêm duas considerações sobre a (im)permanência das coisas: (1) ter preparo é motivo para continuar aprendendo; (2) ser inculto não é razão para seguir como tal.

Em virtual comprovação de que – também no meio doutrinário – as gerações se suplantam, o que não foi apreendido ontem começa a ser captado hoje.

Ao que diz qualquer dicionário, simples é aquele que sabe pouco.

Não por acaso, disseminadores de estereótipos são como são.

Infenso ao escrutínio dos registros diretos da Clarividente, monte de gente conserva as mesmas dúvidas de 50 anos atrás.

Lecionista vive duas realidades: em sendo *Mestre*, remete-se aos ensinamentos registrados diretamente por Tia Neiva; em não o sendo, mal se assegura da procedência do que ensina.

Cem áudios de Tia Neiva valem mais do que cem mil cursos.

Frases ainda inaplicáveis: (1) todo mundo concatena os áudios de Tia Neiva; (2) ninguém fatia os áudios de Tia Neiva.

Os registros feitos pela Mestra em pessoa são substituíveis por manifestações de discípulos-instrutores.

Errata: os registros feitos pela Mestra em pessoa não são substituíveis por manifestações de discípulos-instrutores.

Consumidor de ideias prontas faz-se a si mesmo.

Entre falantes do português, descontextualização de frases de Tia Neiva é conotação da palavra *estrupício*.

Mal disposta a esquadrinhar áudios e cartas da Mestra, legião papagueia entendimentos de discípulos.

Mestre se empenha por difundir o que Tia Neiva diz. Não *Mestre* se empenha por difundir versões daquilo que Tia Neiva diz.

Coisas diversas: (1) o que dizem que Tia Neiva diz; (2) o que Tia Neiva diz.

Circula que *Mestres* precisam aprender. Antes isso que o contrário.

Se aprendeste o que não se fundamenta, retiveste o que buscaste.

Dito paradoxal: não importa a classificação granjeada, cada qual demonstra o que é.

Frase que Tia Neiva não disse: a fé que nega a ciência é tão inútil quanto a ciência que nega a fé.

Em tempo: se bem que a Clarividente demarcasse a noção de *fé*, terceiros ampliaram-lhe o sentido; com efeito, inovadores mutilaram frase constante da Carta de 07/08/1977 (os ditos-cujos caparam a palavra *Deus*, simplesmente).

Segundo o *Livro de Leis*, a *Mesa Evangélica* é trabalho de vulto no sistema. Tem que funcionar permanentemente, salvo quando da realização doutros trabalhos na chamada Parte Evangélica. Por ali passam espíritos recém-saídos da *Pedra Branca* bem como *obsessores* retirados de suas vítimas.

Corolário: após a realização doutros trabalhos, se não houver *Mesa Evangélica*, *obsessores* retirados de suas vítimas não receberão a doutrina e as energias de que precisam, vale dizer, dar-se-á caso no qual alg(o)(uém) falha ou malogra.

Absurdidade não se valida por anuência de quem quer que seja (máxima um tanto ou quanto impediendo do fanatismo).

Profusão de falas acarreta fenômeno curioso: a depender do receptor, opinião vira definição legítima.

Se aprendeu com iguais, não *Mestre* tem muito que desaprender.

Assim se estampa a reputação intelectual de adepto indiferente aos registros doutrinários originários: se mal sabe da Doutrina, que dirá doutras matérias.

Na bolha, até opiniões de *congregados* acabam sendo dadas como constituintes doutrinários.

Da perspectiva do cumprimento de certos requisitos formais, todo mundo é *Mestre*.

Se se duvida que o adepto comum precisa estudar, deem-se-lhe honrarias e se lhe observem os dizeres.

A se fundar no acervo autoral da Clarividente, qualquer discurso é doutrinal.

Bê-á-bá da Doutrina: citar a Clarividente não é repetir o que tal ou qual *Mestre* diz.

Noções alheias ao acervo autoral da Clarividente casam com injustificabilidade (enunciação a que fanáticos objetam).

Em se percorrendo áudios e cartas da Clarividente, sabe-se da Doutrina; caso contrário, não.

Última palavra sobre trabalho e (des)conhecimento: o congregado comum não é obrigado a estudar, mas a elite intelectual, sim.

Modos de pensar de *Mestres* propagam-se mais do que concepções garantidamente doutrinários.

Separar o que vem da *Mestra* daquilo que vem doutrem é fazer jus ao celeberrimo ensino de Umahã.

Enquanto agente do *sistema*, distingo o verdadeiro do falso mediante o seguinte critério: se vem de Tia Neiva, procede.

Resumo da ópera: uns fazem o que procede; outros, o que lhes dizem.

É de se acharem explicações provadamente fundamentadas no acervo autoral da Clarividente, uma vez que se dê tempo ao tempo.

Todo lecionista tem por onde provar que emite declarações fundadas no acervo autoral da Clarividente (se não o faz, isso são outros quinhentos).

Só o que vem de Tia Neiva constitui-se na Doutrina.

Pedagogismo em andamento: um ensina o outro e nenhum aprende com Tia Neiva.

Declaração nada profética: ao cabo dos próximos cinquenta anos, o *discipulado* dominará o que deixou de saber nas últimas cinco décadas.

No acervo em circulação, fazem-se notar esclarecimentos assinados por Tia Neiva e arremedos desses.

O acervo autoral da Clarividente desperta a atenção de todos, consoante demonstram os fatos (tese publicável em 2070).

Ensino-aprendizagem em foco: sabichão se mete a ensinar justamente porque se furta a aprender.

Pois que não pensa, acomodado lança mão de clichês.

Salada de doutrinas e deserto de inteligência se entrelaçam.

Instrução não baseada no acervo autoral da Clarividente dá-se assim: fulano ensina a beltrano o que aprendeu com sicrano.

Superstição só acomete adepto intelectualmente despreparado.

Por óbvio, seguidor de *Mestre* não segue a *Mestra*.

A *congregação* em geral se guia pelo acervo autoral da Clarividente (oxalá tal seja fato logo).

Em certo grau, o movimento doutrinário festeja elementos não trazidos pela Clarividente.

Ter de demonstrar o fundamento daquilo que reputa doutrinal desnorteia adepto pretensamente preparado.

De nada adianta definir toscamente o fenômeno da *incorporação* (ponto de vista como que controverso).

Em respeito a *instrutores*, não lhes peço que expliquem o que Tia Neiva já esclarece.

Aprendiz passivo repete o que outros acham.

Antes de acolher ou refugar o que lhe sapecam, *Mestre* observa, analisa, pensa, reflete e julga; jerico, não.

Conclusões lógicas imunizam contra respostas aventadas por terceiros (lembrete para mim mesmo).

Quer simples, quer instruídos, *congregados* fazem bonito, vale dizer, todos operam como instrumentos da *Espiritualidade Maior* em trabalhos na *Lei do Auxílio*.

Adepto intelectualmente preparado não condescende com superstição; muito pelo contrário, combate a joça.

No dizer duns tantos, a Doutrina é sincrética.

Em que pese a unidade do povo, a maioria não demove a minoria de se guiar pelo acervo autoral da Clarividente.

A superstição que voga não é produto de disposição científica que falhou, mas resultado de administração obscurantista que funcionou.

Até uns quinze anos atrás, a maioria dos adeptos não examinava áudios e cartas de Tia Neiva porque não os tinha; hoje, isso não é mais a razão daquilo.

Expressão de dever e direito naturais: compete a lecionistas dar aulas à altura do acervo que as informa; é facultado a lecionandos certificar-se de que tal simetria vige.

Os primevos *instrutores* não escalpelizaram o acervo autoral da Clarividente; contemporâneos e pósteros, menos ainda.

Por pressuposta razão doutrinal, não se controvertem dizeres subdoutriniais.

Pronúnciação calcada no acervo autoral da Clarividente faz a maior diferença.

Objeção ao estudo faz parte do ínsito e respeitável proceder do simples.

Se traz salada de doutrinas, é aula ruim.

Os esclarecimentos constantes do acervo autoral da Clarividente falam por si.

No escalafobético entender duns poucos adeptos, os registros explicativos assinados por Tia Neiva não são didáticos.

Desorientado não enjeita salada de doutrinas.

Ressalva quanto a *congregado* de alta escolaridade: se incide em superstição, não é intelectualmente preparado.

Preletor chega a atrapalhar (*vide* caso de explicador adicto de salada de doutrinas).

Não *Mestre* mistura tudo o que ouve, lê e vê por aí.

Em meio a enxurrada de aulas não ministradas pela Clarividente, adepto preparado nem hesita: segrega o que é passável daquilo que é inservível.

Considerações algo oportunas: (1) se registros puros da Doutrina envolvem grupo ínfimo, salada de doutrinas seduz multidão; (2) ao passo que engole salada de doutrinas, *Mestre* se analfabetiza (frase propositadamente estropiada).

Ex-seguidores de discípulos da Clarividente diferenciam opinião de conhecimento.

Enésima repetição do óbvio: racionalidade e mediunidade não se excluem mutuamente.

Adepto tem mente científica, digo, aquele capaz de enxergar a teoria na qual se fundam dizeres e fazeres próprios de *Mestres*.

Um sem-fim de *congregados* dá aula; dois ou três, proficientemente (cômputo assentado sobre a história do movimento doutrinial).

Se os fatos me desdissem, críticos nem ligariam pro que digo.

Adepto que apregoa a desnecessidade de estudar, das duas, uma: ou não consegue dizer o que pensa ou não pensa.

Alternativa a estudar é ir pela opinião dos outros.

Veterano repisa o que sempre disse. Recém-chegado repete o que outros acham.

Pedagogia não esteada nos registros próprios da Clarividente: o que um diz, o outro repete.

Às claras, inovadores desnaturam os marcos configuradores dos *trabalhos*.

Em alas cesaristas da *congregação*, tudo é possível; noutras partes, nem tanto.

Do ponto de vista da sintonia com o além-Doutrina, fanático vai bem.

Fantasia que se extravasa de mentalidade rasteira: fazer dista de saber.

Ao que se tem visto, redefinições de parâmetros procedimentais alcançam seus objetos na seguinte sequência: primeiro, o *Livro de Leis*; depois, o aditamento uniformizador de ações composto em 2003.

Bobo adora salada de doutrinas.

Ao contrário de quem só aprende com pares, consulente do acervo autoral da Clarividente sabe que se põe diante da Doutrina.

Equação fundamental: o que adeptos têm por sabido mais o que arranjam alhures menos o que a Clarividente registra é igual àquilo que não se constitui na Doutrina.

Dantes, ao inventar moda, inovador dizia: Tia Neiva definiu expressamente que se fizesse isso e aquilo; hoje, em circunstância análoga, diz: o Trino Ajarã definiu expressamente que se agisse de tal ou qual jeito.

No que destoe da Doutrina, o *Livro de Leis* é emendável.

Livro de Leis de 2008 – ou mais recente – é *fake*.

De capa branca, amarela ou preta (1999 e 2007), o *Livro de Leis* não contempla *Incorporação de Pai Seta Branca em Templos do Amanhecer*.

Se adepto esclarecido enxerga disparidade entre os registros da Clarividente e tudo o que circula, seu oposto nem beira alcançar tal discernimento.

Não raro se veem ações maquinais.

Não passa de senso comum o que quer que se arrede do acervo autoral da Clarividente.

Por via das dúvidas, renuncio preceitos procedentes daqueles que se dizem versados na Doutrina.

No quesito tirocinio, a *congregação* tem a mesma excelência que a população brasileira.

A burocracia está a engolir a Doutrina.

A terem valor insígnias, títulos e pompas, anda-se cercado de potestades.

São-me indiferentes titulagens ostentadas por três grupos: fanáticos, ineptos e mandões.

Com verniz professoral, falas inconclusivas sensibilizam o grosso dos *congregados*.

Avança o burocratismo, recua a inteligência (brocardo empregável não só no ambiente doutrinal).

Sem recorrer aos registros cunhados diretamente pela Clarividente, adeptos se nivelam pelos ensinamentos que ministram uns aos outros.

Razões pelas quais subdouto não acessa esclarecimentos da Clarividente: (1) não os procura em áudios e cartas conhecidos; (2) sonha achá-los em acervo pressupostamente oculto.

Curso algum catapulta alguém à sapiência, mostram os fatos.

Centenas de áudios e cartas de Tia Neiva arrancam milhares de seres da ignorância.

Ser veterano é fácil (basta que o tempo passe); não ser apenas tal é difícil.

Paradoxo da acomodação: os mesmos que pospõem áudios e cartas andam atrás de esclarecimentos.

Em tempos de mania de grandeza, principiante – crente que é instrutor universal – não aprende, ensina.

O *Livro de Leis* é menor relativamente aos subsídios teóricos que lhe justificam a utilização.

A dar sentido ao *Livro de Leis*, há gigantesco acervo assinado pela própria Clarividente.

Pleonasmo: decoreba fala sem reflexão.

Em desvairada investida contra a lógica, subdouto troca o acervo autoral da Clarividente por imitações.

Aclamar-se *Mestre* é dizer-se o que não é.

Guindado a *status* burocrático qualquer, adepto já se acha conhecedor da Doutrina.

Troços oficialmente barrados no movimento doutrinal: superstições e seus símiles.

Todo *Mestre* aparenta ser provido de profundo conhecimento daquilo que Tia Neiva diz.

Receptivo àquilo que Tia Neiva traz, repilo invencionices.

Quero-me ainda mais distante de explicadores de tudo.

É difícil pôr-se a salvo de emendas à Doutrina.

Declino do que me sugerem preletores incipientes e insipientes.

Tia Neiva dá a conhecer o que *instrutor* tem de saber.

Principiante custa a alcançar o *status* de *Mestre* (dizem que isso é fato no movimento doutrinal).

Elocução inconteste: ensinar não resolve; aprender, sim.

De A a Z: *congregado* atina no que vem da *Mestra*; não lhe apetece lero-lero; se se sujeita a ouvir o que dizem que Tia Neiva diz, é surdo àquilo que ela diz.

Se perquire cartas e áudios da Clarividente, acessa a Doutrina; se não, banca o leso.

A realidade é clara: *Mestre* se orienta com Tia Neiva; quase *Mestre*, com iguais.

Deslumbrado, instrumento se atribui a condição de artífice.

Tia Neiva ensina a Doutrina; o mais é ensinado por *congregados*.

Império do achismo: um não justifica a pergunta, o outro responde no mesmo tom.

A pretexto de manter a tradição, preletores se encerram na pequenez de sempre.

n Torrente de falas não fundamentadas suscita e corrobora ignorâncias.

Visto que Tia Neiva esclarece, incompreensões são injustificáveis.

Lero-lero só campeia em duas instâncias: palestra presencial e *live streaming*.

O sapiente comum não refere a Doutrina, mas salada de doutrinas.

Live streaming tem tudo a ver com desensino (confira isso!).

Quanto menos se procuram opiniões, mais se acha a Doutrina.

Aprendizes e *Mestres* tratam de histórias e da Doutrina, respectivamente.

Sujeito pouco dado ao estudo é tentado a ensinar.

Tia Neiva traz tudo. Dois ou três expoentes discorreram sobre a Doutrina. *Mestre* comum só conta causos.

Na esfera ligada ao *sistema*, gente demais dá aula.

Omitida a base da aula, a tônica vem de ser o que cada preletor acha.

Doutrina segue sendo termo ambíguo, haja vista a fala da elite.

O que cursistas exprimem na *web* traduz o nível das aulas.

Mestre tem base para diferenciar *alma* de *espírito*.

Live streaming comporta tudo (Doutrina, histórias, abobrinha, o escambau).

Mestre procura subsídios registrados por Tia Neiva; *mestrão* oferece o contrário.

Mestre não disparata(ria).

Concepção quase doutrinal provém de quase *Mestre*.

Vêm sendo misturadas enunciações da Clarividente com dizeres que se lhe atribuem.

Por higiene, guardo-me de explicações não fundamentadas.

Ao menos dois grupos tiram lições desta conjuntura: o primeiro descobre que passa sem tantas pessoas; o segundo, que os outros passam sem ele.

Sem observância estrita dos registros assinados pela Clarividente, o que um *Mestre* ensina, o outro não aprende.

Daquilo que a *Mestra* escancara, o que não é captado pelo *discipulado* vem a ser eufemicamente denominado de *segredos da Doutrina*.

Se o sujeito é fã de *lives*, de jeito algum o crítico; de fato, tão somente ele vai se estrepar.

Contra empuxos da realidade, fanático cisma de se achar possuidor de sabedoria.

Áudios das memoráveis aulas dadas pelos dois Trinos não deixam de acusar inexatidões, quanto mais as mídias propagativas da verborreia de hoje.

Explicações disseminadas na atualidade expõem abertamente a premência de se as substituírem por esclarecimentos assinados pela Clarividente.

Live streaming pressupõe assistência avessa ao estudo.

Estudar a Doutrina não adianta, segundo sapientes inestudiosos.

Aprendizes buscam ter humildade, tolerância e amor; *Mestres* imaginam tê-los.

Em dizendo ter intuições, pessoas submetem outras. Em fantasiando não ter intuições, pessoas se submetem a outras.

O menos e o mais: ser fanático é erro; espelharem-se na criatura afigura-se traço de indiscernimento.

Sem consciência crítica, nada de querer ensinar.

P.S. – Veja-se o que fizeram criaturas incapazes de distinguir o falso do verdadeiro.

Exonerados de resolver interrogações inteligentes, preletores respondem a quaisquer perguntas.

Buttons mostram que os cursos vêm dando certo.

Congregados se abarrotam de explanações extradoutriniais.

É inusual se ver aprendiz ensinando aprendiz.

Descrições (ir)reais: (1) todo *Mestre* inspeciona integral e sofredamente o acervo autoral da Clarividente; (2) qualquer *Mestre* conhece a Doutrina a fundo.

Melhor que escutar celebridade é ler *Lorem Ipsum*.

Mestres se atêm àquilo que Tia Neiva trouxe; preletores trazem novidades.

Se não lerem e ouvirem Tia Neiva, saem aos que os guiam.

Preceitos incondizentes com os registros da Clarividente mascaram-se em falas mansas.

O button não faz o Mestre.

Façanha de modernoso é acolher e derramar informações de segunda mão.

Experimentações comunicacionais atreladas à esplendidíssima tecnologia digital patenteiam esse ensinamento: não compensa ouvir exposição mal feita.

Áudios e cartas de Tia Neiva substancializam o acervo doutrinal, menos na perspectiva de seguidores de *Mestres*.

Uma porção de figurões sequer sabe usar o verbo *emanar*.

Grupelho esmiúça áudios e cartas de Tia Neiva; multidão se atira a material de segunda.

Para tratar dos fundamentos teóricos suscitadores da representação doutrinária do ser espiritual, não é preciso cultura; qualquer borra-botas, em se servindo do linguajar coloquial, destrinça o assunto.

Não espanta que celebridades cheiússimas de luzente e seminal sabedoria desistam de se tornar *Mestres* providos de cultura.

Desavisado busca a Doutrina na mais ataviada geringonça do momento: *live streaming*.

Sujeito que aprende e ensina o que lhe passam é desprovido de pensamento crítico (besteiras circulantes provam isso).

Se se escusa a varrer áudios e cartas da Mestra, qualifica-se sobremaneira para receber o título de seguidor de *Mestre*.

Em matéria de Doutrina, o tradicionalista segue rigorosamente a etiqueta; não interpreta nada; outros lhe dão interpretação daquilo que Tia Neiva diz.

Arquiexplicador doutrinário opera num mundo em que a veracidade da proposição não importa; por isso mesmo, não justifica o que diz.

Em preleções dispensáveis, citam-se *Mestres*, não a Clarividente.

É nítido o motivo por que *subinstructor* logra fazer crer que tal ou qual superstição consiste em elemento doutrinal: não se lhe cobra demonstração por argumentos plausíveis.

Se é sábio, pra que cultura ? (apaniguado a desculpar seu condutor)

Fazedor não desperdiça energia com estudo.

Intelectualoide é vidrado em *buttons*.

Cultivar tolerância não tem que ver com prezar ignorância.

Pessoas que exaltam chavões são levadas a tal por seus mandantes.

Suponho que não seja fácil garimpar lições de Tia Neiva em palavras não trazidas por ela.

Enquanto estão suspensos os *trabalhos*, novos e veteranos refletem nas palavras registradas pela própria Clarividente (era pra ser assim, pelo menos).

Pela primeira vez em décadas, *trabalhos* não são impedientes do aprofundamento na Doutrina.

É pena que esclarecimentos registrados em áudio por Tia Neiva atraíam quantitativamente menos observadores do que xaropada em *live streaming*.

Ao jeito pelo qual modernosos disseminam superstições dou a benevolente denominação de tecnologia digital aplicada ao espalhamento de explicações não fundamentadas.

Instrutor se mostra intelectualmente preparado ao provar que não enxerta nada nos esclarecimentos decisivamente registrados pela Clarividente.

A quem não importa(m) o(s) porquê(s), só ocorre fazer o que lhe mandam.

No exercício da liberdade de fé, futuro entendedor da Doutrina dá preferência a acreditar que conhece o fenômeno da *incorporação*.

Um minuto é muito para aludir à *alma*; dez horas é pouco para dizer o que a *alma* é.

Mais e mais cursos viram realidade, como se adiantasse.

Tia Neiva torna compreensíveis matérias estritamente doutriniais; questões menores, cursos resolvem.

Dão-se aulas ligeiras (não há demanda dalgo dissímil disso).

Da feita que *Mestres* se citam uns aos outros, referência à Doutrina já era.

Tomado de magnanimidade, incapaz cede ao impulso de ensinar.

Para o velho e manjado problema da superstição, a saída não é ensino, mas estudo.

De modo geral, aula traz explicação desacompanhada da respectiva fundamentação.

Se se é dado à inspeção do acervo doutrinal originário, não chega a ser problema o que preletor ouve e irradia sem sequer conferir.

A interseção de duas circunferências secantes de mesmo raio – cujos centros distam um do outro menos que a soma dos respectivos raios – identifica-se com figura geométrica usada no *sistema* doutrinal.

A interseção de um cone circular reto com um plano – não paralelo ao plano da base – que lhe corta todas as geratrizes não se identifica com figura geométrica usada no *sistema* doutrinal.

A figura geométrica predominante na parte central da *Mesa Evangélica* não é uma *elipse*.

Olhador desafeito à matemática vê *elipse* nalgo que não o é.

Os mais titulados, destacados e categorizados comentadores da temática doutrinal trazem sempre um algo mais; quisera só tratassem de preceitos firmados por Tia Neiva.

Sem o conhecimento, vem a superstição.

Sujeito que menoscaba o conhecimento é sucesso entre supersticiosos.

Conhecimento é fator de livramento.

Ambientes comunicacionais tecnologicamente avançados avizinham gente interessada na destrinça daquilo que a Clarividente registra; de outra parte, dão azo a que explicadores de tudo exponham novidades.

Lecionando dá mole, lecionista deita e rola.

Dão-se aulas, fazem-se reuniões, digitaliza-se monte de troço, inventam-se cursos, espetam-se *buttons* de *instrutor* em coletes, esquece-se o acervo autoral da Clarividente, apela-se para o *live streaming*, só o resultado não é lá grande coisa.

Fanático erra em identificar uma *elipse* (como previsível).

Alheado pela própria natureza, autômato trabalha, não estuda e se pretende *médium* versado na Doutrina.

Hierarcas têm intuições, assim como eu; de modo nenhum troco as minhas pelas deles.

No ferramental de quase todo ser pensante, conhecimento é item de primeira necessidade.

Conhecimento opõe-se a sujeição robótica.

Nem todo mundo opera na clave do conhecimento.

O jeito certo de transmitir conteúdos de áudios e cartas de Tia Neiva não é outro senão calar e deixar que ela mesma fale.

Autoridade insiste em falar de *elipse* tanto quanto se recusa a conhecer a figura geométrica.

O *apará* haveria de estar se preparando para não ter dúvidas.

No intuito de reexplicar o que deixa de ser apreendido em inexauríveis cursos, experimentados simplificam e ajeitam expressões proveitosamente substituíveis pelos termos da própria Clarividente.

Os esclarecimentos originais vêm de Tia Neiva; novidades, de terceiros.

Inovadores ampliam o acervo dito doutrinal.

Novidades refletem pesquisas ditas doutriniais.

As concepções originais se propagam por áudios e cartas da Clarividente; inovações, via *live streaming*.

Trazedores de novidades se assenhorearam até da iconografia.

Sandeu manda em fanático.

Esta conjuntura trouxe a lume mais uma espécie de fanático: aquele a quem não importam parâmetros epidemiológicos.

Fanático resiste a se instruir.

Fanático presta culto a celebridade(s).

Button algum faz prova de discernimento.

Discrepância estrambótica: o que vem de Tia Neiva é o bastante; o que é obra de terceiros cresce exponencialmente.

Com ou sem o peito condecorado, fanático se tem na conta de alguém.

Preleção inane das exigíveis fundamentações agudiza insuficiências.

Sete sessões de *instrução* são suficientes para mostrar quão pouco abraçada é a dissecação do fenômeno da *incorporação*.

A inferioridade das palavras trazidas por outrem, que não a Clarividente, salta aos olhos.

Preto Velho não dá receita médica, quer o *apará* saiba disso, quer não.

Sumidades dispõem da eternidade toda para saber o que é uma *elipse*.

Preto Velho não prescreve remédio; tal é lição necessária ao *doutrinador*; *apará* simplesmente verbaliza o que lhe transmite quem se lhe incorpora.

Sábios são raros; ninguém é sábio aqui e insipiente por aí além.

Condutores de módulos do *sistema* distinguem-se pelas visões da Doutrina, vale dizer, cada um tem um entendimento peculiar daquilo que a Clarividente quis dizer com as palavras que ela mesma registrou.

A pretexto de seguir intuições, cada condutor de módulo do *sistema* age a seu modo.

Para falar ao grosso da *congregação*, não é obrigatório assassinar a língua portuguesa.

No *sistema*, a *Espiritualidade Maior* leva a efeito *curas desobsessivas*; *médiuns* cometem o resto.

Veja-se a que ponto se chegou: no interpretar dalguns, não se hão de fazer interpretações.

Encontros sem temário prometem.

Das palavras registradas por Tia Neiva, chovem interpretações.

Das expressões registradas por aqueles que inicialmente interpretaram as palavras de Tia Neiva, sobrevieram milhares de intérpretes.

Arquétipo de curso extradoutrinal: um lecionista diz o que vem de ser sua própria interpretação dos esclarecimentos zelosamente registrados por Tia Neiva; cada lecionando dá uma interpretação pessoal e distinta àquilo que lhe é dito.

Cursistas querem – ao que parece – captar a Doutrina originariamente expressada por Tia Neiva, mas vivem a interpretar o que iguais lhes transmitem.

Em evolução como estão, todos hão de substituir o que corre a *internet* pelo que é doutrinal.

Na trajetória, uns tantos deixam de lado o acervo superior. Vão aprendendo com os demais. Têm influências diversas. Deparam-se com distintos *approaches* da Doutrina. Variam suas interpretações. Hoje interpretam dum jeito; amanhã, doutro.

Ou o adepto explora áudios e cartas da Clarividente, ou vê a Doutrina pelos olhos de terceiros.

Passados tantos anos da implantação dos *trabalhos*, práticas distintas expõem incompreensão do que é certo.

Cada módulo do *sistema* opera dum jeito (deslinde-se qual opera certo).

Na constelação dos módulos *sistêmicos*, hierarquias dispares e conflitantes há, mas nem vem ao caso tratar de matéria tão ínfima e inútil.

A querer ser levado a sério, preletor indica donde tira o que diz; não lhe cumpre dizer o que é certo, mas demonstrar o que é certo (proposição razoável entre pessoas não fanáticas).

Consideração sobre a dicotomia do certo e do errado: se o adepto tem discernimento, age como deve; se não usa de critério, faz o que lhe mandam.

Com o passar do tempo, preletor que não se embasa nos registros diretos da Clarividente torna-se exímio repetidor de explicações ruins.

Fanático é antônimo de *Mestre*.

Usar da razão não é para fanático.

Fanático é ouvido por outrem da mesma condição.

Onde o fanatismo impera, aulas não param; é um ensinando o outro sem parar.

Convicção de fanático deixa ver o que não é doutrinal.

Da taxa de fanatismo transluz-se o nível da grei.

Autômato é a todas as luzes fanático.

Fanático se pretende o contrário do que faz por ser.

Fanático dizer-se *Mestre* consubstancia contradição lógica.

Na cabeça de adepto, vinga, exclusivamente, matéria igual ou superior àquilo que Tia Neiva registra (asserção futuramente viável).

Havia muitos anos, eu designava Tia Neiva como a Mestra. Parei com isso. O termo se vulgarizou.

Irromperam títulos, *buttons*, cargos, concílios, ufanismos, salamaleques e quejandos, vale dizer, inaugurou-se fábrica de celebridades.

Adepto algum jamais versou as mandorlas presentes em sítios doutriniais.

Lastimavelmente, foi-se o tempo em que adeptos se denominavam de *Mestres* e *Ninfas*.

Antigamente, *doutrinadoras* e *aparás* eram chamadas de *Ninfas*.

Inovações promulgadas via *live streaming*: *Doutrinadoras* e *Aparás* mudaram de *status*. *Ninfas* não há mais.

Adendo a minhas considerações sobre a proclamada mudança de *status* de *Doutrinadoras* e *Aparás*: na alta burocracia, haveria *Mestras*; na reculhamba, *Ninfas*.

Por artes mágicas, *Ninfas* viraram *Mestras*.

O *Manual de Instruções* (prescrições afetas à primeira aula de *Desenvolvimento de Doutrinadores*) se remete a isso: use-se a razão, analise-se e raciocine-se.

Segredo que só *Mestre* sabe: também se desenvolve o intelecto.

O que Tia Neiva registra é olvidado cada vez mais; o mais, cada vez menos.

Até registros da Clarividente sofre(ra)m alterações viciosas.

Os esclarecimentos registrados pela Clarividente já foram sucesso; hoje, a massa só curte *live streaming*.

Se Tia Neiva não houvesse registrado os esclarecimentos dimanados da *Espiritualidade Maior*, a Doutrina seria hoje um amontoado de opiniões espetaculosamente espargidas por *YouTubers*.

Dito típico de mentalidade estreita: o *Livro de Leis* é o bastante para a realização dos *trabalhos*.

Alguns autômatos seguem o *Livro de Leis* tim-tim por tim-tim.

Recrudescer a praga do fanatismo.

Manifestações publicitadas por intermédio das novíssimas ferramentas de comunicação mostram que aumenta a legião de fanáticos.

Fanático ainda não atina no que dá sentido ao *Livro de Leis*.

Celebridade diz, fanático acredita.

Lema de fanático: fazer, não importa por quê.

Para um qualquer, a Doutrina se reduz ao *Livro de Leis*.

Matéria favorita de fanático: a Doutrina segundo os pósteros de Tia Neiva.

De maneira livre, adeptos decidem se estudam a Doutrina ou só o *Livro de Leis*.

Caracteristicamente, fanático se enfronha naquilo que os outros dizem ser a Doutrina.

Envolvimento doentio no *sistema* atrapalha a aquisição de cultura.

A história adverte: fanático intenta conferir *glamour* à ignorância.

Onde lero-lero prevalece, o que não falta é factótum.

Alta intelectualidade é malvista na ala fanática.

Intelectualidade (faculdade de compreender, conforme o Dicionário Houaiss) alta é atributo de *Mestre*, não de fanático.

Na primeira aula de *Desenvolvimento de Doutrinadores*, é emitido alerta contra o fanatismo.

Até que enfim o tema *fanatismo* entrou na ordem do dia.

Ao início do *Desenvolvimento*, fala-se da necessidade do uso da razão (muitíssimas vezes adianta).

Fanático começa a espernear ao menor sinal de se lhe reconhecer a doença.

Nesta pandemia, distinguir racionais de fanáticos diz muito ao caso.

É desnecessário dizer que fanático vai pela opinião alheia.

Mestre não come na mão dos outros; só seu oposto o faz.

A *congregação* opera sem rusgas. Todos são amorosos. Um se esmera para ensinar o outro. Equilíbrio constitui-se em condição geral. Há perfeito domínio dos ensinamentos de Tia Neiva. Assim será um dia.

Doutrinador, como qualquer um, é cheio de dúvidas. Não ter dúvidas é apanágio de celebridade.

Mestre e seu oposto têm questões atinentes à Doutrina. O primeiro se desembarra percorrendo áudios e cartas da Clarividente; o segundo procura respostas dentro de si e não as acha.

Fanático não perde tempo com estudo; terceiros lhe dizem o que importa.

Adeptos pensam bem, menos os fanáticos.

Se comando pressupusesse ou trouxesse saber, aberrações não haveria.

Nesta época de vale-tudo, evasiva virou modalidade de explicação.

Na Carta inserta ao final do *Manual de Instruções*, há muito pespegaram alterações viciosas.

O melhor jeito de propagar besteira é via *live streaming*.

Só porque Tia Neiva cometia uns pecados gramaticais, uns tantos fazem questão de continuar iletrados.

Força da tradição: fanático de hoje se expressa feito o de ontem.

A Carta inserta ao final do *Manual de Instruções* é manuscrita; a deturpação é digitada.

Adeptos intelectualmente preparados ancoram-se nos registros autorais da Clarividente; os demais, não. Por sinal, naquela ala, *Mestres ensinam Mestres*; nessa, invertem-se os papéis.

Se é *Mestre*, aprende; se não, só ensina.

Sapientes inestudiosos praticam uma tal de ciência não racional.

A depender do sentido conferido ao advérbio, adepto age cientificamente.

Pensamento superficial é irrepresentativo de mente científica.

Fé cega não rima com ciência.

É desarrazoado esperar que, de repente, não pensadores passem a agir tal qual cientistas.

Sem rigor, nada é científico.

É próprio da ciência exprimir-se em discurso consonante com a norma-padrão da língua.

Adepto ou não, simples tem dificuldade de entender o que é ciência.

Na euforia, qualquer um se diz cientista.

O fatiamento de esclarecimentos registrados pela Clarividente vem a ser o contrário de pesquisa desenvolvida cientificamente.

Papagueamento de opiniões discipulares nada tem de científico.

Ciência e iliteracia não casam.

Furtar-se ao estudo é atitude anticientífica.

Está cientificamente claro que não se hão de trocar os registros autorais da Clarividente por arremedos.

As preciosidades abstrativas dadas a conhecer pela Clarividente são alcançáveis por pensadores, letrados, cientistas e filósofos; tudo o mais é franqueado a qualquer um.

Mestre buscador é científico ao rechaçar enxertia de opiniões discipulares nos esclarecimentos preceptorais.

Crédulo não faz ciência, embora ache que sim.

Mentalidade acientífica cinge-se ao trato de normas cerimoniais.

Congregados estudiosos têm-se por *Mestres*; os demais, por cientistas.

Primarismo é marca de cientista obtuso.

A superstição ameaça derrocar a ciência.

Custa, mas vale distinguir cientificamente os esclarecimentos de Tia Neiva daquilo que é mera verbalização de *congregados*.

O simples dá suas crenças como científicas.

É difícil a iliterato enxergar matéria verdadeiramente científica.

Arremedo de cientista enjeita tratar dalgo outro, que não normas cerimoniais.

No entender de tantos quantos vão pela cabeça dos outros, o que lhes chega ao conhecimento é ciência.

Supersticioso faz gosto em ser tratado por cientista.

O mau de ser licenciosamente tratado por cientista é achar que opera cientificamente.

Discernente algum concebe que achismo seja ciência.

Modernoso dá por científico o procedimento copiar-colar.

Seres pensantes inteiram-se cientificamente da Doutrina, vale dizer, mandam às favas a banalidade.

Chamado a se posicionar cientificamente, crédulo – a despeito da insuficiência – assente.

Se o mandador diz que crédulo é cientista, tenha-se tal por verdade.

Aja-se cientificamente; proscreeva-se o achismo.

Até que se empolgue com o burocratismo e se suponha cientista, qualquer beócio na Doutrina é capaz de identificar e usar manuscritos e áudios da Clarividente.

O momento admite que qualquer bocó se invista de cientista.

Se é para lassar o conceito, convencionemos que analfas, *socialites*, bestas e jogadores de futebol também são cientistas.

Novidades estranhas aos registros autorais da Clarividente chegam à *congregação* nessa ordem: primeiro, à elite; depois, à massa.

Em termos simples, fanático é espírito sem luzes.

Uso de técnicas não faz do usuário um cientista.

É ilogismo esperar que um robô se conduza cientificamente.

Ao que se tira da utopia desenhada por Tia Neiva, aulas ministradas por *Mestres* substancializam festival de dizeres científicos.

Juízo burocrático por excelência: *buttons* afirmam a condição de cientista.

Autoelogiosamente, simples reconhecem iguais como cientistas.

Adepto é cientista, a menos que esse arrojado e maljeitoso asserto não condiga com a realidade.

Constatação científica: é da mentalidade atual imitar aulas outrora dadas por *discípulos* da Clarividente.

Alusão a *forças e energias* cheira a discurso científico.

Sentir-se *Mestre* deflagra falaz sensação de proximidade da ciência.

Creriosas, rigorosas, formalistas e sistemáticas veiculações de estereótipos mostram que o aprofundamento na Doutrina é passível de ser barrado cientificamente.

Aulas adrede limitadas deixam de existir uma vez que se pare de usar o eufemístico advérbio.

Mestre ensinando *Mestre* constitui-se em cena boa ou ruim, a depender do conteúdo pedagógico.

Pela via tradicional, adepto registra o que lhe dizem; por recurso aos registros autorais da Clarividente, acessa o que lhe omitem.

Não admira que fanático se ache cientista.

Simplex se salva de saber demais.

Subserviência é sequela de superstição.

Por tudo o que lhe é próprio e diferencial, desavisado resvala-se em fanatismo.

É mais do que provado que ideias assumidas pelo senso comum contentam supersticiosos.

Aspirante à condição de papagaio nem precisa ter mente científica.

Alma é tema interdito, a julgar pelo teor das melhores e mais endeusadas *instruções* oferecidas por *discípulos* da Clarividente.

Reduzir a Doutrina a normas cerimoniais denota idiopatia para o fanatismo.

Mestre busca autoconhecimento. Sai-se bem por vezes. Se se tem por sábio, não se conhece a si mesmo.

Novos chegam à *congregação*, aclimam-se nos condicionantes, entram no *sistema*, coligem peças assinadas pela Clarividente, desandam a investigar a Doutrina e, com esforço, conseguem dominar temas para cuja compreensão pioneiros optaram por não se habilitar. Mas isso só acontece a meia dúzia.

Resta patenteado que fanático age tal qual seu guru.

Pela superstição vigente, *apará* tem de filtrar o que lhe transmite quem se lhe incorpora.

Os dois Trinos que lecionavam – porquanto exceleram no *compliance* com a Doutrina – têm alunos até hoje. Suas rápidas aulas saciam o interesse intelectual da maioria dos *congregados*.

Praticamente tudo o que corre em sessões de *instrução* vem dos dois Trinos que lecionavam.

No futuro, *instruções* talvez se resumam a elementos extraídos dos registros feitos pela Clarividente em pessoa.

Fanático é pensador que desfaz da razão.

Ao longo dos anos, até cabeça-dura muda; pesa-lhe desmerecer a atenção de racionais; quanto menos estuda, tanto mais se empresta ares de cientista.

A Doutrina não é só aquilo que *congregados* sapecam uns nos outros.

Modos de encarar as agruras: fanático dá a entender que tudo é *carma*; *Mestre* faz entender que não.

Nem todo fanático se faz de sábio.

Do ponto de vista da camada fanática, sábio seria aquele que não se instrui.

Fanáticos imprimem caráter sagrado a idiosincrasias de seus gurus.

Sucessivas gerações se superam, uma vez que repugnem deturpações da Doutrina.

Superstição condiz com proceder maquinal.

Impossibilidades lógicas (reconhecidas por alguns): (1) ser conhecedor da Doutrina e fanático; (2) aprender com Tia Neiva por intermédio de terceiros.

(In)conscientemente, supersticiosos macaqueiam expoentes da desrazão.

Vencida a temporada de ouvir versões da Doutrina, *Mestres* partem pra ver o que a Clarividente diz.

Maria vai com as outras não julga, só repete o que ouve.

Pelo que as aparências fazem crer, adepto com o peito condecorado – ainda que sem mestria – é necessitado de ensinar.

Independentemente do grau de superstição prevalente em cada singular módulo do *sistema* bem assim do obscurantismo que ocasionalmente ameaça grassar na seara, subalternidade alimenta o mandonismo.

Onde a verdade não é termo de comparação, cada qual tem ocasião de dizer – impunemente – o que lhe der na veneta.

Iliterato tem o entendimento de que intelectual custa a apreender a Doutrina, e vice-versa.

Preleções propagadas multimidiaticamente trazem noções *doutriniais* e blá-blá-blá, na proporção de nove partes disso para uma parte daquilo.

Do que é registrado pela Clarividente, cada desconhecedor tem um entendimento próprio e único.

Sob aplausos de mil e um cortesãos, propaladores de explicações não fundamentadas posam de sapientes, abstêm-se – solenemente – de percorrer os

registros originários da Doutrina, dão a entender que cada qual tem sua verdade, até se cativam a bolha impermeável aos ditames da razão.

Colossalíssima incongruência deste mundo de meu Deus: sujeito incapaz de referir corretamente impressões que lhe chegam por intermédio dos sentidos é desgraçadamente tentado a versar sobre aspectos da dimensão não física.

Supersticiosos não têm trato com inteligências.

Reexplicadores de matérias contempladas em manifestações de esclarecimento registradas pela Clarividente são, como é sabido, sumidades altíssimamente especializadas em pregar para convertidos.

Novidades iconográficas dão a conhecer – em grande estilo, por sinal – o que Tia Neiva não trouxe.

Como esperável, cursista inveterado jura que aderir a releituras da Doutrina diferença-se de fazer tábula rasa dos esclarecimentos originariamente registrados.

Duas verificações: (a) supersticiosos se submetem a caprichos de terceiros; (b) a desfanatização da massa abala a suserania.

A *web* está cheia de palavras atribuídas à Clarividente, das quais só falta comprovar a autoria.

Exemplo de expressão pela qual fanático dá aparência de domínio das controversíssimas normas cerimoniais: *tal proceder é certo porque fulano (adepto pressupostamente habilitado a falar em nome da Clarividente) disse que é assim mesmo que se faz.*

Uns tantos cabeças-duras ainda teimam que a figura geométrica predominante na parte central da *Mesa Evangélica* é uma *elipse*.

Conforme demonstra o próprio funcionamento do *sistema*, institucionalizar um milhão de cursos não freia o fanatismo.

A quem vai pela cabeça de iguais não cai bem posar de buscador da Doutrina.

É risco tomar preletor por sabedor.

Incapaz de aduzir princípios estritamente *doutrinais* corroborantes daquilo que diz ser o certo, celebridade simplesmente sapeca: *tal é porque é*.

Considerações sobre julgamento: a Clarividente diz a Doutrina; *discípulo* repete o que julga ser a Doutrina; fanático acolhe o que outrem julga ser a Doutrina.

O velho e desvantajoso jeito de ensinar, manifestamente marcado pelo dizer sem justificar, está com os dias contados.

Antigamente, um dizia e o outro cria no que ouvia; hoje, persiste firme a fé cega, salvo em ambientes povoados com gente instruída.

O sábio de ontem é o semissábio de hoje.

Devidamente apetrechado dos registros doutrinários originários, recém-chegado estudado perscruta e entende o que predecessores tediosamente rotulavam de coisa não sabida.

Se o recém-chegado se embasbaca com releituras da Doutrina, segue alheio à palavra da Clarividente.

Denominar *circunferência* de *quadrado* não faz com que aquela tenha as propriedades desse. De forma análoga, considerem-se a figura geométrica predominante na parte central da *Mesa Evangélica* e a *elipse*.

Sob verniz doutrinal, inumeráveis presepadas iconográficas viram *memes*.

Disfarçados de papagaios, rodeiam-nos verdadeiros conhecedores da Doutrina.

Comunicação direta: se vens da ala cesarista, nem precisas apresentar tuas credenciais; do discurso de teu mandador tira-se quem és.

Supersticioso atina com a Doutrina a contragosto.

Sobre aquilo que a Clarividente quis dizer com os termos que ela própria assinalou em áudio e/ou por escrito, autointitulados explicadores da Doutrina – enquanto condutores de fanáticos – dão a última palavra.

De modo característico, supersticioso ensina sem indicar de onde tira o que diz.

Tonto faz ciência sem teoria.

Na ala atrasada, opiniões vêm a ser Doutrina.

Por pressuposição, dislate – ainda que vindo de figurão – não é levado a sério.

Ao confinar questionamentos à brecha manhosamente metida no espremido pós-exposição, ministrador de pressuposto curso avançado adota a mais manjada forma de obstar a que lhe exijam justificativa do que diz.

Em cursos pressupostamente avançados, lecionandos deixam de interpelar lecionistas sobre elementos justificativos dos ensinamentos; em verdade, não lhes acode a obrigatoriedade da ação.

Graças a expoentes do *live streaming*, dá-se com matérias doutriniais não assinadas pela Clarividente.

O *live streaming* trouxe facilidades: todo mundo ensina; um ou outro comprova a indispensabilidade da matéria ministrada.

Com os registros doutriniais originários, fanático não vira *Mestre*, quanto mais sem eles.

Supersticioso mostra compulsão por se expressar tropologicamente.

Normas cerimoniais remontam ao século XX. Por ironia, cada nova definição sobre o modo de executar *trabalho* específica e patenteia o desacerto procedimental precedentemente louvado.

Se a condição de novato supersticioso já é ruim, tanto pior é a do congêneres veterano.

Deram de ensinar algo novo: a Doutrina segundo *discípulos* de Tia Neiva.

Até *expert* de segunda deu de arriscar preleção via *live streaming*.

Bem se vê que supersticioso age convictamente.

Contra toda evidência, supersticioso jura haver *elipse* na parte central da *Mesa Evangélica*.

Exemplo de afirmação intelectualmente inconsistente: supersticioso filtra o que lhe chega ao conhecimento.

Não poucas superstições têm décadas de antiguidade.

Supersticioso não julga o que outrem diz, só engole.

Nota ratificadora: supersticioso vê o falso e o verdadeiro; é-lhe de dever distinguir um do outro; se é discernente, não parece.

A realidade faz saber que *button* não gera nem dissolve indiscernimento.

Quando menos ocasionalmente, mestria e antiguidade se juntam.

Passado e futuro: vasculharam-se os registros feitos pelos dois Trinos que lecionavam; vasculhar-se-ão aqueles ultimados pela Clarividente.

Nas verbalizações que tentam, *Mestres e Ninfas* trazem, sim, um tantinho daquilo que constitui a Doutrina.

Já é um tanto ou quanto sabido que os registros feitos pelos primeiros e mais afamados *discípulos* não se comparam ao conjunto de áudios e cartas da Clarividente.

Explicador daquilo que Tia Neiva indubitavelmente esclarece em áudios e cartas sempre tem muito o que dizer, até porque, a cada apreciação do bendito acervo, conclui algo distinto.

Como que a dar cunho similitudinário à diversidade procedimental, adeptos equalizam o discurso.

Na intersecular sucessão de alterações das normas cerimoniais, tudo o que instituem é definitivo.

Achar-se entendido na Doutrina é sintoma de fanatismo.

Máxima eterna: anônimos e hierarcas têm dúvidas, mas estão a se preparar para não as ter.

Se monte de aulas prevenisse superstição, ter-se-ia o reverso da conjuntura corrente.

Como se fosse possível a supersticioso discernir, incumbem-lhe a orientação de terceiros.

Sinal dos tempos: até ulterior desmentido, o que supersticioso diz é vero.

Nem que urdido por figurão, dogma exige objeção.

Fato puro e simples: supersticioso fala, seguidor aparece.

Impositor de inovação ritualística invariavelmente pretexta restabelecer o que houvera sido prescrito pela Clarividente.

Após cada alteração de norma cerimonial, a claque volta a dizer que tudo é do jeito que sempre foi.

Corolário de exótica conotação tornada pública via *live streaming*: *Mestras* são *ex-Ninfas*.

O lidar com a Doutrina induz à racionalidade, conquanto resultados mostrem contradições.

É difícil observar, analisar, pensar, refletir e julgar; fácil é receber e repetir.

Preleções modernas são rigorosamente informadas por cartas e áudios da Clarividente; emissões de opiniões se dão à antiga.

Apará conhecedor da Doutrina versa o fenômeno da *incorporação*; *aparelho* comum solta expressões meramente autorreferenciais.

Ao final das contas, subdoutrina é o que dissente dos esclarecimentos registrados pela Clarividente.

Prodígios amplamente reconhecidos: (1) cursos preparam gente que não estuda; (2) cursistas aprendem com quem não sabe.

Notícia não exatamente nova: supersticiosos têm orientandos.

Beócio em matemática chama de *elipse* o que não o é.

A congregação se escapa ao rolo compressor obscurantista, mas nem sempre.

Ao que se deduz das entusiásticas palavras que emite quando da chegada ao *sistema*, adepto se inclina a percorrer os registros doutrinários originários.

Parece que missão de fanático é guiar autômatos.

Até o advento das notáveis, revolucionárias e superlativamente elevadas sessões de iluminação operadas via *live streaming*, um monte de gente se escusava a empregar racionalmente a Doutrina. Não sei como anda a situação agora.

Nosotros é o termo em espanhol mais injustificadamente usado pela congregação.

Preletor supersticioso não é caso-limite.

Perante perguntadores e seguidores, desconhecedor da Doutrina é taxativo.

Depois de examinar intensa, irrestrita e minuciosamente os conteúdos dos áudios e das cartas preparados pela Clarividente em pessoa, *Mestre* se qualifica para começar a operar na subida condição de aprendiz.

Cronograma estapafúrdio: antes de aprender com a Clarividente, um ensina o outro.

Desacolher impropriedade consagrada demanda preparo.

A Doutrina – nos estritos termos originariamente registrados pela Clarividente – é preciosa.

Teoria só vale a adepto predisposto a lidar com os fatos.

Entre aqueles muitos que têm os pés no chão, acho que há alguns ex-supersticiosos.

Realidade dos fatos: a extensão do despreparo determina o grau de superstição.

Racionais não incorrem em superstição.

Aulas em bom português não vêm mais; o acostumado é o lecionista furtar-se a subir ao nível do lecionando.

O chamado argumento de autoridade é a falácia típica de papagaio.

Imbricações transgeracionais asseguram que o rol de superstições permaneça longo.

Ambiguidades de estrelas do *live streaming* fazem crer que prossiga indefinido o embate da Doutrina com aquilo que a imita.

Místico comum aprende ligeiro a repetir o que lhe dizem.

Caiu do céu a enchança de passar sem a canga de instâncias burocráticas prescindíveis para o funcionamento dos *continentes*.

Superstição faz escola.

Até tese de doutorado traz adulteração da frase alusiva à ciência e à fé – vale dizer, nem pesquisador acadêmico é capaz de ler corretamente a Carta de 07/08/1977.

Vasculhar áudios e cartas da Clarividente é meio caminho andado para o desengano.

Pelejadores de longa data descobriram um jeito de apreender a Doutrina sem estudar.

Desfechos de cursos supraconvencionais variam; o limite do devaneio do lecionista é dado pela qualificação do lecionando.

Sujeito que espeta *button* preto no colete sabe combinar cores.

O conhecimento de que mandar é bom é o mal.

No geral, desenvolver a mediunidade é necessidade; virar *Mestre*, probabilidade; querer ensinar, temeridade.

Pela mentalidade antiga, *button* dá a conhecer a categoria do sujeito.

Sempre haverá uns zilhões que vão pela cabeça dos outros.

Em época assinalada pela afetação, faz-se conhecida nova forma de identificação pessoal: *aparelho* da entidade tal.

Ir pela cabeça dos outros é proceder maquinal.

Por via de regra, supersticioso é dado ao servilismo.

Provável ideal de supersticioso: ter uso da razão sem se valer da lógica.

Cursos alimentam velhas obscuridades; cartas e áudios da Clarividente dissolvem-nas.

A *internet* pereniza o que qualquer zé dos anzóis diz ser a Doutrina.

O místico comum tem prontidão; mal aprende a repetir o que lhe dizem, já quer ensinar.

Com o peito condecorado, quase todo aprendiz degenera em docente.

Brevíssimo comento acerca dos inumeráveis cursos que não resolvem: na didática desventuradamente prevalente, reexplicar é redizer o anteriormente dito.

Papagaio não pensa, conquanto faça de conta que sim.

Narrador visual transmite a Doutrina a multidões que não lidam bem com a linguagem verbal.

Qual *experts* em tecnologia digital, explicadores de tudo saem-se bem em transformar os próprios palavreados em conteúdos gráficos de primeira classe.

O *YouTube* não deixa dúvida de que um montão de gente empresta caráter *doutrinal* àquilo que Tia Neiva não diz.

Levantamento estatístico provaria isso: o que Tia Neiva não diz se propala; o que ela diz, não.

Apregoar ideias extradoutriniais foi, é e será sucesso; audiências acrílicas concorrem para tal.

O *sistema* falha a reduzir superstições.

Entre as massas não intelectualizadas, agrava-se a simpatia por salada de doutrinas.

Em nome dalgo oculto e indefinível, repetidores de ideias prontas ensinam-se mutuamente.

Doutrina é o que Tia Neiva diz; o mais é invenção consagrada.

Mesmo que proferidas em curso, impropriedades não mudam de natureza.

Superstição sempre houve. É praga que não cessa. Dantes se alastrava boca a boca. Mídias digitais dão ocasião a que corra à velocidade da luz.

Sem o primado da razão, qualquer exibido posa de sapiente.

Círculo vicioso: futuros conhecedores da palavra de Tia Neiva aprendem a Doutrina uns com os outros.

Considerações sobre trabalho e conhecimento: (I) há três décadas se ensina *como fazer trabalhos*, vale dizer, *instrutores* se propõem a habilitar técnicos; (II) o acesso à Doutrina propriamente dita requer escavação dos subsídios abstrativos dimanantes dos registros pessoais da Clarividente.

Até por viés intrínseco, não *Mestre* de alto escalão se reduz a pau-mandado.

Como que para impressionar, pressupostos instrutores universais se calam toda vez que a pauta seja o fenômeno da *incorporação*.

A exemplo daquele a quem se facultara a inaugural, bonançosa e desperdiçada chance de justificar as práticas que parecem vir ao caso no *sistema*, *instrutor* não dá passo maior que a perna: trata de técnicas, não da teoria em que se funda o que diz.

Na ala tosca, posse, nomeação, titulação e afetação viraram procederes sancionados.

Os grandes e imorredouros *instrutores* considerariam com minúcia o fenômeno da *incorporação*, se estudassem a fundo a questão.

Instrutores munidos de sólida, profunda, ampla e extraordinária sabença acerca dos definitivos esclarecimentos albergados no conjunto orgânico de cartas e áudios de Tia Neiva haver-se-iam bem em sessões de *Desenvolvimento*.

A mostrar que a substância dos trabalhos mediúnicos-espirituais é-lhes difícil de deprender, os maiores e mais justificadamente condecorados *instrutores* dizem tudo da realidade extrafísica e nada do fenômeno da *incorporação*.

Trabalhe-se na *Mesa*, nos *Tronos* e onde quer mais que se faça preciso, mas sem se sujeitar a despotismos, invenções ou superstições.

Tantos quantos sabem da Doutrina por ouvir dizer memorizam e repetem fórmulas incessantemente renovadas.

Novéis supersticiosos preservam um velho jeito de errar: repetem o que ouvem.

Tia Neiva afiança ser *doutrinal* aquilo que discípulos só têm chance de saber via registros deixados por ela.

Ela disse A e ele entendeu B; esse, de modo a ensinar, emitiu C; muitos acharam que aquele lhes transmitira D e houveram por bem passar adiante o que receberam; acabaram propagando E; multidão danou a asseverar que ela disse F, G, H e I; não faltou quem ponderasse ao povo que ela quis dizer J, K, L, M e N; sabidos passaram mesmo a garantir que ela registrou O, P, Q, R, S e T; nas redes sociais, corre U, V, W, X, Y e Z. O que ela patenteia em áudio e por escrito não será deixado de lado um dia.

Perorações em *live streaming* dão prova de que a superstição se alastra na camada não instruída.

Uma vez que adira firme e decididamente à lógica, adepto se vacina contra a superstição.

Ensinar o de sempre tanto debilita superstições quanto as consolida, ao que provam – nos limites das respectivas quotas de influência – doutos e asnos.

Pela visão longamente dominante, adepto não precisa estudar (não lhe cabe aprender, mas ensinar).

Na fala dos eternos e inevitáveis explicadores de tudo, sobressai – cada vez mais – o velho e proverbial despreparo.

Pra perguntador incontinente, qualquer ilogismo faz as vezes de resposta.

Majoritariamente, adeptos não se ligam no que Tia Neiva diz, mas no que outros dizem que ela diz.

Na *congregação*, praticamente todo mundo é *Mestre*. O caminho até tal estatuto é meio simples: passa por certa cerimônia, vira *Mestre*. Mal vestem marrom e preto, *Mestres* começam a ensinar – cada qual dum jeito. Porquanto usada em inumeráveis e distintos contextos, a palavra *Mestre* vem a ter acepções de que não se faz ideia.

Indiscernimento provadamente reina na banda submissa.

Há décadas, a lenga-lenga dos obscurantistas contrasta os esclarecimentos da Clarividente.

Se os preceitos originariamente registrados ensejaram desenganos, a formação de hoje produz gente robotizada.

Sequer discuto a missão da maioria dos lecionistas. Se dilaceram a língua portuguesa, são apenas despreparados.

Supersticioso acompanhado de explicador de tudo traz à memória essa locução: lé com lé, cré com cré.

Mestres se põem a apreender aquilo que Tia Neiva registra. Quase *Mestres* se propõem a exprimir o que Tia Neiva quis dizer com as expressões que ela própria registrou.

Ao que provam enxurradas de falações expelidas via *live streaming*, ter-se na conta de *Mestre* é traço distintivo de quase *Mestre*.

Celebridades avizinhas ao cume hierárquico creem cegamente no que espíritos encarnados lhes dizem.

Até que se tornem ilustrados, poucos evitam a docência e muitos derramam o que desconfiam ser a Doutrina.

Outro bê-á-bá da Doutrina: lição não assinada por Tia Neiva é obra de medalhão sabichão.

Sessões instrucionais nas quais sumidades discursam à vontade e respondem a quaisquer perguntas trazem essa lição: explicações de tudo regurgitam de nadas.

Sem estrito embasamento nos registros doutrinários originários, aulas só servem a quem as dá.

Aulas ruins, blá-blá-blá em *live streaming* e pseudoesclarecimentos são a mesma coisa.

Ao que acusa a atualidade visível, as maiores desgraças do *sistema* são: despotismos, invenções e superstições.

Guias desenvolvem *aparelhos*, a despeito do *nonsense* didaticamente impingido por espíritos encarnados.

Nem a Espiritualidade Maior estaca o obscurantismo imperante na alçada física.

Expressão curta e rápida sobre ascensão hierárquica e afetação: quase *Mestre* acha que *button* lhe faz superior.

Comando personalista só fragmenta a congregação; todo mandonismo gera debandadas; e trocar um Trino por outro dá no mesmo.

Pelo que se tira dos anais, as definições originárias vêm sendo deturpadas há quase 36 anos.

A se pesarem os monstregos da verborreia cotidiana, *emanar* é o verbo mais incorretamente usado no círculo físico da *Corrente*.

Grandes missionários encarnados são puro amor até que se lhes pise nos calos.

Por expressões e gestos reveladores de pertinácia invulgar, antigas notabilidades conseguiram operar consecutivas dissensões entre adeptos da Doutrina.

Bocó mal consegue dizer coisas simples, quanto mais algo pertinente à realidade extrafísica.

Lecionistas que nem acertam o caminho do desengano se metem a tratar dos intermúndios entre este plano físico e a chamada *Origem*.

Afetar importância beira dar certo, tanto que, na bolha, até protegido de paumandado passa por medalhão.

À inexistência de propensão geral para a intelectualidade, faça-se de conta que as abstrações estruturantes da Doutrina se apreendem por osmose.

Entre adeptos, circula material didático de tudo que é tipo. De registros não assinados por Tia Neiva agradam-se públicos inestudiosos.

Esforços para descrever medianamente a Doutrina mostram isso: os áudios de *instrutores* são de todos conhecidos; os de Tia Neiva, quase que pelo contrário.

Pensando bem, tem propósito seguidor de *Mestre* autointitular-se epígono da Clarividente.

Espírito sem luzes dissemina algo um tanto ou quanto desejado: a Doutrina segundo discípulos de Tia Neiva.

Dizer-se *instrutor* disso ou daquilo é saída prática em tempos de vale-tudo.

Se se esnobam os elevados e definitivos termos registrados pela precursora da Doutrina, engulam-se-lhes os arremedos.

Mais de três décadas e meia de mediocridade deram em excelsos resultados substancializados na forma de discernimento geral, união inabalável e amor incondicional (ops, foi mal).

É da tradição sair repisando que os pontos abstrativos mais requintados da Doutrina podem ser retratados em aula por um alfabetizado qualquer.

Do jeito que as coisas vão, dar-se-ão a conhecer *millennials* que apreenderam a Doutrina em aulas presenciais com Tia Neiva.

Na penúria intelectual que se atravessa, é compreensível que tanta gente pose de autoridade em questões doutrinárias.

Adeptos de hoje têm perfis tradicionais, tanto que, na categoria compreendida entre o simples e o conhecedor da Doutrina, não há praticamente ninguém.

Antidoutrina é bom designativo para a superstição que grassa.

Pessoas comprometidas a honrar Tia Neiva haveriam de referir e especificar os recursos indispensáveis à aquisição do cabedal doutrinal jamais ventilado em sessões de *instrução*, cursos, aulinhas ou quejandos. Neste mundo de meu Deus, nem se espere que tal se dê.

A maior parte dos posicionamentos expelidos via *internet* trata de temas manifestamente secundários, tais como *webmasters*, iconógrafos, medalhões, Trinos, etc.

Pela própria natureza do público, subsiste onda de achismos laureados.

Já que audiências crédulas não solicitam comprovação de nada, lecionistas sem mestria tratam de tudo de que jamais deram prova de saber.

Por destino, apreciador de conversa semidoutrinal degenera em professor do assunto.

Em meio a pequenezes, decoreba é grande.

A bem do tradicionalismo, propagador de superstições se investe de ares de sabedoria.

Por conta saiba-se lá de quê, discursistas escolarizados e seus opostos mal-usam o verbo *acrisolar*.

A Clarividente registra mil e um esclarecimentos; muitos desatendem-nos; muitos mais percorrem-nos; uns apreendem-nos; outros pervertem-nos; todos ensinam uns aos outros o assunto.

Desde que o mundo é mundo, cursos sem certificado de acreditação conferem certificados a cursistas.

A era pós-Clarividente trouxe conhecimento estrambótico e passageiro: a Doutrina segundo discípulos de Tia Neiva.

Coincidência fortuita não existe. Discurso de veterano conflui com o de novato porque um ensina e o outro repete.

Fanático se dispensa de saber das acepções do termo *acrisolar*.

Pela expressão *espírito acrisolado*, simples referem algo banal.

Cabeça-dura custa a se acrisolar.

Seres metidos a iluminados se comparam com espíritos acrisolados.

Queda para a superstição é mal que pega, a se macaquear um o outro.

Comunicação sem rodeios: vacinar-se contra a superstição é o mesmo que desemburrar.

Em círculos dados a saladas de doutrinas, espantar superstição é expressão praticamente dissociada da desgraça na qual vem ao caso.

Pela imensidade de superstições que lhes sobrevêm, cursos são um perigo.

Hierarcas, celebridades, adivinhos, acomodados e lecionistas têm influenciado a quadra pós-Clarividente.

Institucionalmente ou não, altos personagens têm por onde cuidar de fanáticos; são os mais indicados e abalizados para emitir fraseados improficuos.

Velhos partícipes transbordam de sabença. Entendem de tudo e do que quer mais que se lhe acrescente. Sequer perdem tempo com estudo. Cuidam é de ensinar.

Uns, incidentalmente, emitem ideias avizinhas de concepções registradas pela Clarividente; o resto, indefectivelmente, cisma em repetir o que lhe vem aos ouvidos.

A Doutrina vem da Clarividente; enxertias, de terceiros.

Ao que mostra o *YouTube*, semidoutrina sai de inteligências despreparadas.

Antidoutrina é tudo o que não cabe ensinar em nome da Clarividente.

Por um prisma pedagógico, superstição é lição de analfabeto a burro.

Um vai ensinando o outro até decidirem aprender a Doutrina.

Quanto mais alto o grau hierárquico, tanto mais baixo haveria de ser o teor de superstição.

Para atingir excelência, autômatos recorrem às sumidades com que sempre contaram.

Desenhos inspirados na Doutrina são preferíveis a lero-leros consagrados.

Até adeptos alfabetizados chegam a dar ouvidos a instruções saídas da casta não esclarecida.

Pelos horizontes que tem, bem assim por sua própria maneira de ser, fanático admira os blá-blá-blás expelidos pelos ineptos de sempre.

O que adeptos já fazem disponível no *YouTube* traduz, de forma razoável, a significação da expressão *salada de doutrinas*.

Não só novatos se amoldam a superstições.

Comparativamente aos ensinos registrados pela própria Clarividente, cursos são acontecimentos ínfimos.

Talvez porque enjeitem os registros doutrinários originários, autômatos se agradam de que lhes enunciem o que Tia Neiva haveria dito.

É da tradição não perder tempo com estudo. É da atualidade seguir na senda tradicional.

Adestrar-se para o trabalho mediúnico-espiritual é distinto de conhecer a Doutrina.

Cada um faz jus às superstições que acolhe (e convenha-se em que essa desgraça não tem nada a ver com carma).

Autômatos não aprendem com qualquer um. Têm orientadores de confiança.

Apesar da modéstia, explicadores de tudo são prodígios no obscurecimento daquilo que Tia Neiva esclarece.

Se dessem guinada radical, preletores propagariam o que Tia Neiva diz.

Conforme o esperado, preletor despreparado desembesta a repetir lugares-comuns.

A Doutrina segundo discípulos de Tia Neiva é discurso que não adianta.

A fala do vulgo contrasta a substância da Doutrina.

Para desconolação de modo algum geral, é fora de moda ministrar aulas provavelmente fundamentadas nos esclarecimentos registrados pela Clarividente.

Com o advento das redes sociais, enorme quantidade de adeptos abraçou a incultura tradicional.

Dantes restrito à elite, o culto à ignorância se estendeu à massa.

Adeptos robotizados há por obra e graça de pertinazes predecessores.

As redes sociais popularizaram velhos deturpadores da Doutrina.

Desdoutrinação é costume velho; já havia antes das redes sociais.

Assistir a aulas é jeito eficiente de saber das opiniões do *instructor*.

Não *Mestres* têm gosto por salada de doutrinas.

Mil invenções aparecem. *Mestras* (ex-*Ninfas*) são a grande novidade.

Todo fanático sabe o que a Clarividente fala; nenhum, do que ela fala.

Na baixa intelectualidade, repisar lugares-comuns é sucesso.

Incapazes de mistificar seres doutro naipe, desconhecedores da Doutrina se mistificam.

Adepto instruído segrega dizeres inteligentes de leseiras; seu oposto se deixa mistificar.

Todo agente de desdoutrinação faz tenção de se substituir à Clarividente.

À medida que explicadores de tudo se manifestam, bordões encobrem a Doutrina.

Infundas repetições de lugares-comuns sugerem que o *sistema* seja um todo monolítico; manifestações inteligentes brevíssimas provam que não.

Arquiexplicadores da Doutrina se contradizem por razão óbvia.

Os módulos do *sistema* têm ponto em comum: exaltam repetidores de chavões.

Se a Doutrina lhes fosse a tônica, cursos concentrar-se-iam no que Tia Neiva diz.

Uns buscam a Doutrina; outros, nem isso.

Explicador de tudo sempre tem o que dizer (quanto mais ouvido, tanto mais opinioso).

Desdoutrinações deram em fanatismo.

Incutir medo em *aspirantes* potencia fanatizações.

A Doutrina é descortinável. A encobri-la, há um monturo de opiniões.

Vaticínio sobre trinos não Triada: tão logo ensaiem mandar, mais dissensões virão.

Das dissensões havidas no espaço doutrinal tiram-se duas lições: (1) é tudo igual nas altas cúpulas; (2) cá embaixo é diferente.

Histórico não exatamente recente confirma que os módulos do *sistema* doutrinal vêm tendo comandos irrefragavelmente capazes de suscitar e potenciar vieses de fragmentação corporativa.

Para professar a fé, não é preciso emburrecer.

Nomeado burocrata-mor duma igrejinha menor qualquer, egotista se deslumbra.

Choveram representantes disso ou daquilo. Uns atendem às expectativas; outros representam bem.

Buttons definem as altas rodas.

Montes de representantes disso e daquilo acham que arrumaram denominações honoríficas.

Tirante os *buttons* espetados nos coletes, hierarcas são a cara dos seus opostos.

Aulas fundadas nos registros doutrinários originários valeriam a pena.

Completam-se 36 anos de incessantes pioras na exposição da Doutrina.

A depender de tal ou qual humor, arraias-miúdas bajulam esse ou aquele Trino.

Arquiexplicadores da Doutrina conspiram algo superior.

Supersticioso acha certo ir pela cabeça dos outros (aliás, a maioria dos que passam por este planeta finda a estada sem se desiludir de tal superstição).

Tornar-se *Mestre* é se desiludir de superstições.

Adepto altamente estudioso custa a captar a Doutrina, mas no fim consegue. Primeiro, acha subsídios corroborantes do que corre; depois, descobre elementos próprios para desmentir o que corre.

No entender da ala majoritária, ensinar é função de todos, inclusive de quem não sabe.

A pretexto de ensinar, espíritos sem luzes repisam chavões.

Conservadores proferem os mesmos clichês há mais de três décadas e meia.

Intelectualidade traduziria afetação. Incultura generalizada sinalizaria que a congregação se marca pela igualdade.

Fechados a sínteses teóricas, expoentes da Doutrina atêm-se a conhecimentos práticos.

Não importam as coordenadas geográficas, há robô em tudo que é canto.

Depois que explicadores de tudo triunfaram, a superstição se entranhou de alto a baixo.

Dinastias proliferam (como se houvesse missão espiritual hereditária).

Mistagogos de fanáticos oferecem o que lhes demandam.

Instruções não teriam nada a ver com a profusão de fanáticos.

O combate à superstição não se mede por conteúdos de *instruções*, mas pelo efeito dessas.

Nem mil cursos extinguem o fanatismo.

A congregação experimenta surto de superstição.

A raiz da superstição é o semianalfabetismo.

Só Tia Neiva diz a Doutrina (a despeito da copiosa alegação em contrário).

Tia Neiva explicita a Doutrina; o resto é com explicadores de tudo.

A superstição despenará no dia em que se erradicar o semianalfabetismo.

Só mesmo um inepto em matemática enxerga *elipse* na parte central da *Mesa Evangélica*.

Como se *buttons* lhes iluminassem o bestunto, desconhecedores da Doutrina se decidiram a formar entendidos no assunto.

Ao contrário do esperado, fanatismo se propaga de *Mestre* para *Mestre*.

Prestigiosas manifestações das altas cúpulas sugerem que repisamentos de superstições não se confundem com culto à ignorância.

Aspirantes, Iniciados, Mestres, Arcanos e Trinos (o mais é coisa inventada).

Em circunstância oposta da atual, sobejaria dizer que *Mestras* são *ex-Ninfas*.

Até como corolário do livre-arbítrio, é facultado a todo e qualquer adepto robotizado acreditar nas leseiras que quiser.

Não à toa, intelectualidade é bem-vista em toda parte, menos na bolha.

Após prolongadas reflexões, veteranos inventaram *Mestras (ex-Ninfas)*.

A Doutrina segundo discípulos de Tia Neiva consiste numa espaventosa salada de opiniões; de fato, é geringonça concebida por neoclarividentes de variegadas orientações.

Mandadores dizem ter intuições. Lampejos lhes vêm saiba-se lá donde. Ocorrem-lhes ideias invariavelmente discordantes. São convictos do que lhes incumbe fazer. Cada um vai para um lado.

Adepto-papagaio tem capacidade de expressão não só limitada, mas também limitadora de eventuais buscas por entendimento da Doutrina.

As dissensões dos últimos 15 anos provam que, no mundo das agremiações doutrinárias, o cume hierárquico é uma questão de opinião.

A massa vive a dizer que cada um tem sua verdade. Na opinião de um, fulano é Trino; na de outro, não.

Muitos acham que opiniões de celebridades não são parte da Doutrina; incontáveis outros consideram que sim.

Para um sem-número de adeptos, dinastias traduzem missões espirituais hereditárias; felizmente, há controvérsias.

99% dos adeptos ainda não descobriram que o verbo *emanar* é transitivo indireto.

Adepto esclarecido não se abandona a bobagens oficiais.

É justo reconhecer que supersticiosos antigos desdoutrinam há bastante tempo.

No vaivém das definições ritualísticas, discernimentos individuais remedeiam bobagens oficiais.

Ao que se extrai das geringonças publicitadas nos diversos módulos do *sistema*, nem a documentação pertinente à prática administrativa é exarada segundo a norma culta da língua portuguesa.

Uma das amaneiradas condutas que escolhambam a imagem da congregação é a idolatria a mandadores.

Se adeptos tupiniquins não conseguem se pronunciar segundo a norma culta da língua portuguesa, tenha-se esperança em que lusitanos o façam.

Reuniões paradoutrinárias são eventos nos quais argumentos *ad hoc* prevalecem a tudo.

Os módulos do *sistema* operam dessemelhantermente (cada um faz dum jeito). E a baixa coesão é obra de altas personalidades.

Acumuladores catam áudios e vídeos da Clarividente; seres pensantes examinam-nos.

A Doutrina segundo discípulos de Tia Neiva é ideário firmemente assentado nas mais prestigiosas revelações que a Clarividente não fez.

Autômato presta culto a seus consiliários, malgrado a ilogicidade do ato.

Escancaradamente indiferentes à Carta de 07/08/1977, novatos e veteranos papagueiam frase que Tia Neiva não disse: a fé que nega a ciência é tão inútil quanto a ciência que nega a fé.

Da perspectiva do trato intelectual da Doutrina, factótum se sobressai (de tudo sabe um nada).

A burocracia se atira a normas procedimentais. A cada alteração do ritualismo, corre a se atualizar. Tem os *scripts* das cerimônias na ponta da língua. Sabe muito deste plano físico.

Sobre o fulcro da Doutrina, a burocracia debruçar-se-á um dia.

Por idolatria a próceres, mais e mais adeptos se afundam.

A bolha delimita os horizontes da massa.

Encampação do semianalfabetismo explica a profusão de fanáticos.

Fanático está para *Mestre* assim como um cabeça-dura está para um Espírito de Luz.

Os registros doutrinários originários deslindam o que ministradores de cursos jamais tiveram aptidão para exprimir.

Superstições têm vez na bolha.

Notoriamente despreparados para tocar no assunto, arautos da unificação só entornam o caldo.

Impensáveis por décadas, módulos do *sistema* ressurtam, vingam e ostentam suas diferenças.

Fora da bolha, a Doutrina se resume naquilo que Tia Neiva recebeu da Espiritualidade Maior.

Para além de fomentar subserviências, egotismo redundante em distorção da Doutrina.

Em nome de algo inominável, sumos *experts* em tecnologia digital fatiam os áudios de Tia Neiva.

Breaking news: ex-fanáticos existem.

Até místico robotizado passou a juntar áudios e vídeos da Clarividente. Agora vai !

No exercício do sacratíssimo poder de decidir livremente, velhos futuros concededores da Doutrina marcam passo.

Pronúncias paradoutrinárias refletem a bolha.

Como estudo é exceção, superstição é senso comum.

Incongruências de um módulo do *sistema* com os demais não vêm do nada.

Nota sobre dúvida e certeza: discernimento quanto à vida fora da matéria teria razões de ordem espiritual, mas fatores físicos explicam o analfabetismo funcional.

Argumentos *ad hoc* guiam o funcionamento de todo e cada módulo do *sistema*.

(In)felizmente, o movimento doutrinal tem módulos distintos e apartados.

Para que cada módulo do *sistema* se autonomizasse e se diferenciasse dos demais, muita energia foi dispendida.

Os anais do movimento doutrinal deslindam alguns fatores de dissensão.

Novato não é apto a desfanatizar veterano.

Pela mentalidade da bolha, tudo o que sucede é cármico.

Em circunstâncias nas quais se cogitem misteriosas razões de ordem espiritual, não se hão de esquecer os sempre presentes fatores de natureza física.

Supersticiosos são ouvidos, mas só na bolha.

Seres inteligentes são insuscetíveis de fanatização.

Se havia dúvidas sobre o espraiamento do fanatismo na congregação, a pandemia eliminou-as.

Consiliários de autômatos merecem *buttons* diferenciais.

Autômato com o peito condecorado não se livra da fé cega nem desfanatiza ninguém.

Multidões desfanatizar-se-ão pouco a pouco.

Todo bocó é fanatizável.

Robôs são exigentes; só acatam preciosidades.

No ciclo atual, qualquer um usa *button* de instrutor.

Demonstrações de desconhecimento da língua portuguesa não caracterizam exclusivamente a bolha.

Enfurnado na bolha, fanático se supõe cientista.

Já se vê penca de *Mestras (ex-Ninfas)*.

Tudo o que veterano diz é doutrinal, salvo o que não o é.

Independentemente do discurso oficial, *Mestras (ex-Ninfas)* são realidade.

Adepto do jaez de Tia Neiva – ou superior – faz-se apto a desfanatizar circunstâncias.

Pasteurização do discurso deu em unidade enganosa; essa desembocou em singulares, personalísticos e independentes módulos do *sistema*.

Diferentes módulos do *sistema* disputam a benquerença duns agrupamentos volúveis.

A velha guarda idealizou, instituiu e implementou singulares módulos do *sistema*.

Física e multimidiaticamente, cada módulo do *sistema* dá a conhecer as respectivas peculiaridades.

Pois que cada *instrutor* tem opinião própria, os ensinamentos aqui não batem com os dacolá.

Adeptos de hoje desfrutam inaudita diversidade normativo-procedimental.

Porque dá certo, simples se faz de douto assim que arranja uns *buttons*.

Obsessão por *buttons* parece tirar a Doutrina da mira.

Robô faz pouco-caso da Doutrina.

Doutrinação alguma desfaz a bolha.

Autômato é convicto do que tem que saber. Ninguém o desengana de superstições.

Olho vivo suprime fé cega.

Desfanatização está próxima; virá com o fim da iliteracia.

À Doutrina segundo discípulos de Tia Neiva, cada grão-presepeiro imprime sua marca.

A sinalizar tempos de avacalhão, gente estranha ao grupo tradicional encarrega-se de ministrar as instruções com cujo suporte o *Mestre* se habilita para usar o mantra correspondente ao canto de sua procedência.

As opiniões espalhadas nos últimos 36 anos não compõem a Doutrina.

A maioria dos lecionistas adictos de saladas de doutrinas emite e/ou aceita leseiras por puro desconhecimento da língua portuguesa.

A Doutrina propriamente dita é elevada (não se ocupa de agremiações sociais, estatutos, assentamentos notariais ou congêneres).

Pelo menos 90% das superstições subsistentes na congregação são trazidas por subcelebridades.

Usuários de *buttons* criados ultimamente vêm conseguindo virar subcelebridades.

Em enlevo, não *Mestre* repete o que outrem fala e escreve.

Adepto débil não estuda, a pretexto de ter o conhecimento dentro de si.

É mesmo de lascar *médium* adquirir prestígio em virtude daquilo que só o *Mentor* faz.

No princípio eram dois troncos dinásticos. Hoje são vários.

Piada pronta: *consagrações* sem as aulas tradicionais, só com autorização.

Em tudo que é módulo do *sistema*, um bando de gente acha que é fundamental trabalhar, mas só trabalhar.

Ciosos da tradição, mandadores obram dizeres em constante mutação.

Autômato faz, só não justifica.

Infinitamente mais importante do que as palavras de Tia Neiva é o que essas designam.

Se paus-mandados enxertam suas opiniões nos esclarecimentos da Clarividente, mandadores não agiriam diferentemente.

Cursistas recebem e passam adiante a Doutrina segundo discípulos de Tia Neiva.

Não poucas personalidades propalam a credence de que o *espírito* deixa seu *corpo físico* quando do fenômeno da incorporação.

Hoje é assim: adepto recebe um *button* e a configuração da *emissão*; acata isso, mas, rápido, substitui aquilo.

Mandadores dão a última palavra sobre a Doutrina; um diz isso, outro aquilo, e assim sucessivamente.

Ao ver de resplendorosos insignificantes, a Doutrina se restringe a regras cerimoniais.

Sob aplausos crescentes, acomodados cultivam disparates tradicionais.

A inconformidade de hoje deriva da concordância de ontem.

Adeptos comuns observam com tento as liças nas altas rodas.

Em todo e cada módulo do *sistema* é desse jeito: assentamento de uma decisão burocrática, adulteração de milhares de *Emissões*.

Os módulos do *sistema* se dessemelham – quando mais não seja – num aspecto insignificante: a alta hierarquia de um não é a do outro.

Devido ao interminável aumento do contingente de resplendorosos insignificantes, já faltam denominações honoríficas.

Ao que manifesta o consenso da massa, Trino é algo relativo (é possível ser e não ser ao mesmo tempo).

Supersticiosos são reconhecíveis, mesmo calados.

Não importa o módulo do *sistema*, ex-hierarca é o que é, mesmo sem reconhecimento do mandador.

Ao âmbito no qual se promovem repetições maquinais de fórmulas é de se aplicar designativo definitivo e acabado: caldo de cultura da superstição.

Comentadores da temática doutrinal dividem-se em duas categorias mutuamente excludentes: a dos *Mestres* e a dos supersticiosos.

Mestres e supersticiosos proliferam. Esses, rápido; aqueles, devagar.

De tanto saber do ritualismo, raia a conhecer as leis físicas.

Em nome de lambar as botas do mandador, burocrata põe a Doutrina em plano secundário.

Propaladores de saladas de doutrinas brilham graças a seus eminentes formadores.

Pelo atual regime de preenchimento de cargos, Primeiras de Falanges são destituíveis *ad nutum*.

Superstição nova é o que restou acrescido, no ano de 2021, ao imaginário de quase *Mestres* (definição válida por um ano, impreterivelmente).

Novas superstições bem assim tudo o mais que inventaram nos últimos 36 anos merecem juízo crítico.

A pretexto de expor a Doutrina, fulano diz que sicrano ouviu beltrano afirmar que Tia Neiva disse isso ou aquilo.

O velho obscurantismo explica a nova supersticiosidade.

Nomeado morubixaba dessa ou daquela clave, supersticioso se extasia e, cheio de si, assume a fantasia burocrática.

Capacho merece cada desfeita que mandador lhe faz.

Indumentárias identificam *Falanges* (alegoria de mão é pura afetação).

Fanáticos de hoje se conduzem tal qual o velho time.

Novos mandadores recebem os poderes de Koatay 108 por substabelecimento.

Resplendorosos insignificantes sempre têm o que dizer a fanáticos.

Sem Trino Presidente Triada, fenômenos seguem ocorrendo. Sem trino outro qualquer, idem. Só com a Espiritualidade Maior, perfeito é o trabalho.

Autômato opera bem no *sistema*, uma vez que não abra a boca para versar sobre a fenomenologia.

Afetações salientam a irrelevância de trinos.

Quanto mais débil é o sujeito, tanto mais se fia em certificações burocráticas de sublimidade.

Adepto vira robô conforme seu merecimento.

Daqui a uns cinquenta anos, rareará gente robotizada.

Quase *Mestre* vive a lambar as botas de mandador; desavindo com um, alinha-se com o contrário.

Desgostos repentinos acionam defecções de chegadíssimos conviventes do círculo antigo.

Na óptica de lunáticos contemporâneos, assentamento notarial é vetor dos poderes de Koatay 108.

No conformismo de hoje, só adeptos altamente intuídos – saiba-se lá por quem – levam a efeito sucessivos encontros para tratar de nada em especial.

Fanáticos vivem na bolha; os vidrados por *Falange*, em sub-bolha.

Comunicações fajutas infamam *Espíritos de Luz*.

Simple aplicação da *Chave de Elevação* evitaria que milhares de bobagens se institucionalizassem.

Insossos, manjados e maçantes, pronunciamentos atribuídos a seres não físicos já substancializam milhares de áudios.

Nadas são a tônica de comunicações atribuídas a seres não físicos (ao que se tira das enxurradas de áudios metidas no *YouTube*).

Preto Velho não responde pelos disparates emitidos pelo *aparelho*.

(Não) admira que cupinchas longamente satisfeitos se insurjam contra os seus.

Refrega no círculo antigo. Enquanto isso, os demais módulos do *sistema* seguem em paz.

Enquanto não pisava nos calos dos bajuladores, o mandador era tratado de Trino.

Aperreou o quadrúpede, recebeu coice.

Risíveis registros notariais circunscrevem aos devidos limites as pretensões dos Trinos que desfilam por aí.

Fac-símiles de instrumentos de comunicação administrativa recentemente propagados ratificam que Trino não consegue concatenar, à luz da gramática da língua portuguesa, uma vintena de palavras.

Instrutores adictos do *nonsense* difundem a credence de que o *espírito* deixa seu *corpo físico* quando do fenómeno da *incorporação*.

Lição insolentemente dada por leigo em geometria: na parte central da *Mesa Evangélica* há uma *elipse*.

Mestre ensinando *Mestre*: fulano diz que sicrano ouviu beltrano afirmar que Tia Neiva disse isso ou aquilo.

Trino força a cumprir o que capacho acha.

Registro em cartório consagra até leseira.

Clichê burocrático não vem de *Preto Velho*.

Pretos Velhos não emitem clichês burocráticos.

Clichês burocráticos insertos em falas de *Pretos Velhos* são mal a ser extirpado.

Se meia dúzia procura se iluminar pelo esmiuçamento das lições fixadas nos registros doutrinários originários, os demais gostam mesmo é de papaguear o que outrem diz.

Quase 100% das presepadas decantadas nos últimos 36 anos se marcam pelo sofisma do argumento de autoridade.

Não se esperem afirmações justificadas de quem não as dá há 36 anos.

Muitos hierarcas tiveram largo tempo para exterminar penças de superstições espargidas por celebridades do plano físico; só não o fizeram.

Tomar o falso pelo verdadeiro é traço de tantos quantos julgam mal.

Acomodaram-se por mais de três décadas. Não julgaram o que lhes veio aos ouvidos. Inabilitaram-se para distinguir o verdadeiro do falso.

Compilação de pitacos dados por celebridades é método de recolhimento de superstições.

O verdadeiro e o falso são palatáveis, a depender de quem os enuncie ao fanático.

Superstições não aproveitam só a quem as emite, mas também a autômatos, fanáticos e cabeças-duras (peço perdão pela redundância).

Fanático espiritualiza tudo (nada o chama à razão).

Não adiantou Tia Neiva se esmerar na produção da Carta de 07/08/1977. Porquanto adeptos repetem rigorosamente o que ouvem, imortalizou-se frase que a Clarividente não disse: a fé que nega a ciência é tão inútil quanto a ciência que nega a fé.

A metáfora do rádio inspirou bem-estar a papagaios.

É próprio de Trino mandar. É da natureza de capacho fazer o que lhe mandam.

Cacoete de papaguear ideias prontas começa a impregnar pronunciamentos atribuídos a seres não físicos.

Repasse documental de poderes cabalísticos é fantasia burocrática despicienda.

Se cerimonialistas entendessem de *mediunidade*, observariam as leis físicas.

Depois de se entupir de lero-leros consagrados, qualquer tapado acha que o *espírito* deixa seu *corpo físico* quando do fenômeno da *incorporação*.

Ao que se infere de fac-símiles de instrumentos de comunicação administrativa publicitados ultimamente, dizer-se Trino embota o intelecto.

Hoje, 90% dos adeptos se arrebanham em meia dúzia de polos. Amanhã, a depender do que se registre em cartórios, esparramar-se-ão por uma trintena de feudos.

Papagaio é sábio na bolha e simplório alhures (perdoem-me o ilogismo).

Aulas ajustadas às concepções provadamente firmadas por Tia Neiva ficam em *compliance* com a Doutrina.

Quanto menos áudios e cartas de Tia Neiva, tanto mais pseudoDoutrina.

(In)disposição para esquadrinhar os áudios e as cartas de Tia Neiva transparece na gestão do feudo.

A *Corrente* tem duas bandas. Aquela formada por *Espíritos de Luz* vai bem.

Se eu soubesse que a *Corrente* ia ficar do jeito que está, teria esquadrinhado os áudios e as cartas de Tia Neiva tal qual fiz.

Onde há Trino, há cisma.

Uma entre inúmeras representações da corrente onda de afetação: esdrúxula customização de indumentária dá a entender que o *aparelho* se atribui o que é próprio do *Mentor* que se lhe incorpora.

Mandonismo e servilismo são complementares, qual martelo e prego.

Chovendo no molhado: iniciativas aberrantes partem de gente que está na *Corrente* há décadas.

Adeptos aguentam presunção de mandador, mas sabem que asno sábio não existe.

O que é vulgar não se torna doutrinal, nem que leve chancela de Trino ou de adepto superior a esse.

Ao que prova a conjuntura atual, pseudoDoutrina assegura confusões neste plano físico.

Se o explicador, a pretexto de recorrer ao acervo doutrinal originário, pinça e descontextualiza frases de Tia Neiva, dá prova de que é literalmente incapaz de extrair algo proveitoso das lições registradas pela Clarividente.

O acesso ao cume hierárquico não é fortuito. Sem dotes especiais, adepto nem ensaia ultrapassar a simples condição de *Mestre*. Pela ordem regular das coisas, sabichão-marqueteiro atinge os píncaros da glória.

Se o adepto cultiva muito a Doutrina, pode chegar a *Mestre*; caso contrário, pode se alçar à condição de Trino.

Áudios, vídeos, textos e iconografia seguidamente sapecados na *web* fazem entender que, entre fanáticos, longa incultura é posto.

Amor de adepto movimentava *setores de trabalho*. Superamor de dirigente deflagra cizânias.

Pela escala de proeminência imperante na banda física da *Corrente*, personagens virtualmente iguais aos atuais mandadores darão as cartas por décadas.

A banda física da *Corrente* vai ficar ótima. Superstições sumirão mediante radical mudança de mentalidade.

A *Corrente* tem nuances. Dentro do círculo de acomodados, a mentalidade é uma; fora dele, é outra, claro !

Egotismo não tem vez no *sistema*; é propensão fora de propósito; só campeia num mundo coalhado de fanáticos.

Fantasia burocráticas aumentaram graças a desdoutrinações.

Há quem leve dezenas de anos para conquistar a pecha de bajulador de Trino.

Do ponto de vista das conquistas próprias deste plano físico, turbulários de dinastas estão por cima da carne-seca.

Cargos em entidade prevista no art. 44, I, do Código Civil são essenciais à manipulação de forças físicas.

Fanático papagueia opinião alheia, se lhe for de merecimento.

Com ou sem registro em cartório, fantasias burocráticas ganham corpo.

É supérfluo dizer que assembleia não transmite poder cabalístico a ninguém.

Quem dera fosse possível inverter mentalidade mediante alteração estatutária.

Apesar de ribombarem afirmações em contrário, é logicamente plausível que (re)definições de dispositivos superiores não relacionados à Doutrina em si marquem-se por assembleísmo.

Ontem, a banda física da *Corrente* não dissolvia o fanatismo, que dirá hoje.

Desfazer fantasias burocráticas não é nem nunca foi o móvel das institucionalizações perpetradas ou intentadas por uma tal de nata da banda física da *Corrente*.

A confusão atual não é obra de uma só pessoa.

Na era pós-Clarividente, uns ensinaram os outros, e ponto final ! Duradoura acomodação deu em fictícia sabença.

Quadros aparentemente preparados colam longamente no mandador, enquanto *experts* de fato evitam tal fria.

Insurgência não pressupõe (in)discernimento.

Três maneiras de exprimir uma mesma coisa: (1) um ensina o outro; (2) um aprende com o outro; (3) um papagueia o que o outro diz.

Depois de dois ou três reenvios, manifestações verbais digitais beiram a apocrifia, vale dizer, fanático nem tem por onde saber donde vêm as pérolas pseudoDoutriniais que, indefectivelmente, passa adiante.

Adotaram-se fantasias burocráticas por mais de uma década. Tal é a raiz da esculhambação.

Em aulas, preleções, *lives*, pronunciamentos administrativos e manifestações outras, a língua portuguesa é assassinada porque a *corporação* está apinhada de gente cuja língua nativa é o inglês (quisera fosse isso verdade).

Compartilharam da tomada do poder. Demoraram-se em loas ao mandador. De repente descobriram que o dito-cujo punha de lado a Doutrina. Ora, contem outra piada !

À semelhança de memoráveis predecessores, os mandadores de hoje dispõem de qualidades irrefragavelmente suficientes para manter a supersticiosidade.

Por antonímia, fanatismo se liga ao modo de se portar de gente instruída.

O que prepondera nas redes sociais não é ideário de agora, mas cultura espargida pela *intelligentsia* da *Corrente*. Um dia se resolve essa encrenca.

Em matéria de Doutrina, as sumidades de sempre seguem contradizendo umas as outras, o que é sinal de que todas têm razão.

Qualquer adepto estritamente preparado sabe que a Doutrina transcende o ritualismo.

Comparativamente às milhares de verbalizações de que Tia Neiva impecavelmente se serve para descortinar os aspectos não físicos da vida, o ritualismo se constitui nalgo ínfimo.

Quanto ao preceituário ou mesmo à ambiência física, o ritualismo se modificou bastante; os respectivos efeitos, não.

Se o ritualismo mudou e o resultado não, ficou para trás coisa de somenos importância.

Transmutação do ritualismo é fato. Observância dos parâmetros procedimentais doutrora é história mal contada.

A atualidade agitada faz saber que se consentiram mais de duzentas alterações nas chamadas Leis do Amanhecer.

Da confusão atual tira-se essa lição: o que Tia Neiva esclarece, adeptos obscurecem.

A realidade se revela a quem se aplica a fazê-la inteligível. Que o digam aqueles que confinam o fenômeno da *incorporação* a chavões.

À hora de provar que a *incorporação* é realidade racionalmente justificada, desconhecedor da Doutrina – de um jeito nada aberrante, por sinal – resvala no ilogismo de metaforizar o que lhe escapa.

Quis a vontade de graúdos que o fenômeno da *incorporação* jamais se descortinasse em sessões de *instrução*.

Notas sobre (des)conhecimento e (des)ensino: (1) esquadrinhamento das verbalizações registradas por Tia Neiva possibilita ao adepto apreender o evento mais patente do *sistema*; (2) disparos de chavões engolíveis por audiências acrílicas ocultam do *instructor* os constituintes do fenômeno da *incorporação*.

O *button* recém-inventado constitui-se em belo adorno.

Do obscurantismo antigo vêm os atuais desencontros.

Ao que mostram variegadas e demoradas expressões de tolerância para com centenas de alterações nas chamadas Leis do Amanhecer, agentes de desdoutrinação granjeiam seguidores.

O esvaziamento de Planaltina foi mais do que compensado pela expansão de adeptos nos demais cantos do país.

Milhares de áudios, vídeos, textos e obras pictóricas espalhados via *web* demonstram que, em pouco menos de quatro décadas, a supersticiosidade sobrepujou a razão.

Aspirante a não *Mestre* dá um passo por vez. Primeiro, esquece o celeberrimo alerta emitido na primeira aula de *Desenvolvimento de Doutrinadores*; depois, descamba para o fanatismo.

Adepto tem opções de conduta. Ou reflete sobre a Doutrina em si, ou vai atrás do que iguais lhe dizem.

Quanto mais Templos vingam, tanto menos gente vai a Planaltina.

Fora de Planaltina, deixaram de ser acatadas mais de duzentas alterações nas chamadas Leis do Amanhecer.

Unificação tem tanto a ver com Estatuto quanto fanatismo com carma.

Não poucos se cuidam preparados para unificar, num único *corpus*, o que adeptos acham e o que Tia Neiva diz.

Para acessar depressa a Doutrina, basta separar, daquilo que adeptos acham, o que Tia Neiva diz.

O que chegadíssimos conviventes do círculo antigo outrora sustentaram desqualifica o que ora dizem.

Longa e escancarada anuência a mais de duzentas alterações nas chamadas Leis do Amanhecer constituiu-se em problema localizado.

Chavão do momento: unifiquemo-nos sob o meu comando.

Antes, fantasias burocráticas registradas em cartório; agora, alterações estatutárias desprovidas de assentamento notarial. É assim que a massa gosta.

A recentíssima conjuração de ex-simpatizantes do *establishment* explicita, pela enésima vez, as razões pelas quais, de 2007 pra cá, instauram-se singulares módulos do *sistema*.

Governança personalística surte realizações seguidas (a conjuração de hoje precede à de amanhã).

Como levantes costumam a ocorrer, mandadores são longamente adulados pelos respectivos contrários.

Posts inauguram superstições; *streams* alavancam-nas; assentamentos da Clarividente desfazem-nas.

A *Corrente* é dividida em cima e unificada embaixo.

Para desconsolo de egotistas, cesaristas, Trinos e quejandos, o *sistema* se tornou multipolar.

Pela força do nome, o que um faz (des)serve a parentela.

Daquilo que a Clarividente esclarece completa e definitivamente, cada celebridade dá um entendimento próprio. Não por outra razão, corre conversa de toda espécie. *Mestre* julga o que lhe dizem; fanático, não.

Pior do que a inépcia é a sujeição robótica.

Arranca-rabos na baixa cúpula frisam a ambiguidade da palavra *Mestre*.

Status de *Mestre* é passe para trabalhar. Mal indica elevação mental. Se traduzisse enfronhamento na Doutrina, fanáticos não borbulhariam.

Assuntos complexos são tratados por escrito; superficialidades, em palestras; superstições, de tudo que é jeito.

A provar que não lidam bem com palavras, (des)orientadores de adeptos usam errado o verbo *emanar*.

Repetidores maquinais de fórmulas mantêm a tradição (corolário das sandices festejadas na *web*).

Encasquetar caracteres distintivos da mediunidade na *Corrente* é não entender de mediunidade.

Visto que a Doutrina é um todo explicativo, fatiá-la não presta.

A Doutrina combina com os ditames da razão – se essa for devidamente acionada, claro !

A Doutrina dá cabimento àquilo que se faz e diz, mas nem sempre (andam aparecendo ações e falas sem razão de ser).

Adesão com criticismo é para *Mestre*; proceder maquinal, para débil.

Se superstições enfadam racionais, deleitam os demais.

Em áudios e cartas, a Clarividente traz refinado *approach* dos fenômenos mediúnico-espirituais, se bem que decorebas deem a entender o contrário.

A Clarividente desvenda os constituintes do fenômeno da *incorporação*, conquanto sucessivas gerações se condenem a dizer que não.

Todo fenômeno é descritível; nenhum vai além dos limites da linguagem verbal.

Imposições da lógica e da língua portuguesa atrapalham o serviço de arquiexplicadores da Doutrina.

Como que a preservar o *status quaestionis*, novos e veteranos se exoneram de incursões nas elaborações verbais com que Tia Neiva dá conta dos aspectos teóricos do fenômeno da *incorporação*.

Desconhecedores mitificam certas partes da Doutrina. O que chamam de aspectos científicos eu classifico de elementos centrais.

Bê-á-bá quase nunca alcançado pela elite (des)provida da teoria registrada pela Clarividente: *espíritos* desencarnados se incorporam em médiuns; encarnados, idem.

Se a elite (des)provida da teoria registrada pela Clarividente falha a dissecar as *incorporações* de *espíritos* desencarnados, simplesmente desentende os fenômenos protagonizados por encarnados.

Quanto mais galga às altas rodas, tanto mais se esquiva de perscrutar – à luz da teoria registrada pela Clarividente – o fenômeno da *incorporação*.

Em curso avançado, a tônica é chover no molhado, sobretudo acerca da fenomenalidade; com efeito, protelar explicações anteriormente omitidas é expediente quase sempre funcional.

Nas condições atuais, é um perigo perguntar sobre o mais atestado dos acontecimentos esperáveis no ambiente doutrinário; respostas podem vir.

Se lhe disser que há uma *elipse* na parte central da *Mesa Evangélica*, fuja do supersticioso.

A sugerir que raciocinar é dispensável, supersticiosos vivem em harmonia.

A quem chega mostre-se a base lógica do que se faz e diz.

Por merecimento, fanáticos se deleitam com opiniões de tais ou quais celebridades.

Caso ilustrativo de praga não exatamente nova: supersticioso mete medo a novato por via da alegação de que é arriscado abjurar besteiras institucionalizadas.

Engolir superstições não é parte da *missão*.

Na instância do fenômeno da *incorporação*, ressurtam dois embates: (1) os fatos *versus* as interpretações dadas aos fatos; (2) o que a Clarividente diz *versus* as interpretações dadas àquilo que a Clarividente diz.

A Clarividente dá que *médium* – enquanto incorporado por um *espírito* – não mistifica. Com efeito, se mistificação houver, é obra do *espírito* que se incorpora no *médium*, não desse.

Entre a vigília e o transe mediúnico, grandes desconhecedores do fenômeno da *incorporação* descobrem estados burlescos.

Médium incorporado por um espírito não está na condição de vigília, conquanto grandes desconhecedores do fenômeno da *incorporação* objetem a tal truísmo.

Grandes desconhecedores do fenômeno da *incorporação* falam de *médium* devidamente incorporado, *médium* perfeitamente incorporado, afora outros que tais; é-lhes custoso entender algo trivial: nos trabalhos mediúnico-espirituais, se o *médium* não está incorporado por um *espírito*, acha-se no estado de vigília.

O que a Clarividente diz é de se levar em conta sempre; interpretações dadas a tal, quase nunca.

No trato burocrático do fenômeno da *incorporação*, os fatos soem ser obnubilados pelas interpretações que se lhes dão.

Por ocasião da *incorporação*, o *apará* entra em transe e assim permanece – até que o fenômeno cesse, é claro.

Como se a realidade se subsumisse a expressões estereotipadas, mil e um graúdos (1) lecionam ao *apará* que esse – enquanto incorporado por um *espírito* – não pode dizer isso ou aquilo; (2) dão a entender que o *aparelho* tem domínio das manifestações dos *espíritos* que se lhe incorporam.

Como faz ver a própria experiência mediúnica, contatos entre seres humanos e seres doutras dimensões provocam perda relativa de consciência.

Perda relativa de consciência é traço distintivo dos chamados estados de transe mediúnico.

Em trabalhos mediúnico-espirituais apropriados ao deslinde de questões invulgares, *aparás* operam acuradamente. Transmitem a *voz direta do céu*. Se filtrassem as comunicações dimanadas da Espiritualidade Maior, estragariam tudo.

Bem lá do alto de suas insígnias, grandes desconhecedores do fenômeno da *incorporação* lecionam que *aparás* – quando incorporados por Pretos Velhos nos *Tronos* – filtram as comunicações que recebem.

Na ilusão de que acerta, preletor (des)provido da teoria registrada pela Clarividente propagandeia o credo de que *aparás* filtram as comunicações que lhes chegam dos planos superiores.

A mostrar que não ligam para o fenômeno da *incorporação*, celebridades (des)providas da teoria registrada pela Clarividente seguem repetindo essa ladainha: muitas vezes, a *Entidade de Luz* revela ao *apará* todo o quadro espiritual do paciente, só para que o *médium* saiba, não para que fale.

Lecionar que o *médium* – enquanto incorporado por um *espírito* em trabalho de *Trono* – não pode dizer isso ou aquilo é *instrução* própria para sessões preparatórias de *doutrinadores*; com efeito, ministrar tal lição a *aparás* e *ajanás* só tem uma justificativa: fazer com que o *médium* não se melindre na eventualidade de um *doutrinador* intervir contra tentame de mistificação feito por espírito que esteja a se incorporar no Mestre-Lua ou na Ninfa-Lua.

Conjunturas *cármicas* porvindouras são indesvendáveis por excelência; *Entidades de Luz* não as exteriorizam; enunciá-las semelha manifestação de bazófia; *aparás* não têm por que cogitar em que tais segredos – cuja ciência lhes é óbvia, manifesta e indefectivelmente vedada – venham a lhes sair da boca quando *espíritos* se lhes estejam a incorporar.

A realidade do fenômeno da *incorporação* não se adstringe a estereótipos, mesmo que dislates assim constem do chamado *Manual de Instruções*.

Prestes a virar parâmetro do simplismo, o dito *Manual de Instruções* dá a entender que o *aparelho* tem domínio das manifestações dos *espíritos* que se lhe incorporam.

Ao dizer que *doutrinador* vivencia um tal de transe consciente, respeitadores (des)conhecedores da Doutrina acometem contra a lógica.

O famigerado *Manual de Instruções* – sob a justificativa de que as *Entidades de Luz* só estão autorizadas a passar, aos pacientes, água fluídica do Templo ou do Solar – manda conscientizar o *apará* de que é inconcesso dar diagnósticos e/ou indicar receitas de dietas, chazinhos, receitas de remédios, velinhas, etc. Ora, isso é *instrução* própria para sessões preparatórias de *doutrinadores* !

Doutrinador há de impedir mistificações; é-lhe de dever fazê-lo; ao lecionar que o *médium* – enquanto incorporado por um *espírito* em trabalho de *Trono* – não pode dizer isso ou aquilo, transfere responsabilidade para o *apará*.

Respeitados (des)conhecedores da Doutrina atribuem ao *apará* a quimérica função de filtrar as comunicações que lhe chegam dos planos superiores.

Incorporação é, de longe, o assunto mais falado no ambiente doutrinal, mas, até hoje, ninguém deu mostra de saber o que a Clarividente esclarece sobre tal fenômeno.

Em lecionando a audiências espantosamente acríicas, velhos futuros conhecedores da Doutrina papagueiam que inconsciência (1) só aparece em médiuns doentes; (2) só se dá em casos de epilepsia.

Nota sobre filtragem de comunicações: *aparelho* que se dana a capar ou aumentar o que *Espírito de Luz* emite – como todo não fanático sabe – fica sozinho na hora, ou resta merecidamente incorporado por um *espírito sofredor* qualquer.

Todo *apará* preparado sabe que transmitir a *voz direta do céu* exclui filtrá-la.

Na *Corrente*, *aparás* são acionados para transmitir a *voz direta do céu*, não para filtrar comunicações dimanadas do *Astral Superior* – vale dizer, cada macaco no seu galho.

Até enfaticamente, velhos futuros conhecedores da Doutrina lecionam – a tantos quantos merecem engolir tamanho disparate – que *aparás* e *ajanãs* hão de filtrar as comunicações dimanadas da Espiritualidade Maior.

Graças à maravilhosa e providencial *internet*, *aparelhos* especialistas em desvelar o fenômeno da *incorporação* por meio de expressões meramente autorreferenciais conseguem a façanha de engendrar e assinar besteiras que subsistem *ad aeternum*.

Por via do que teimam em lecionar, velhos futuros conhecedores da Doutrina poupam desavisados da penosa tarefa de perquirir as indispensáveis, inigualáveis e definitivas elaborações verbais com que Tia Neiva dá conta dos aspectos teóricos do fenômeno da *incorporação*.

O fato de cada um sapecar algo distinto mostra que nenhum viu o que Tia Neiva diz.

Contradições de lecionistas surtem desconfiança de lecionandos que se furtam a examinar os registros de Tia Neiva; concordâncias entre lecionistas ocasionam desconfiança de lecionandos que perscrutam os registros de Tia Neiva.

Repetição por décadas não imprime *status* doutrinal a lições extravagantes.

Desdoutrinações passadas renderam superstições presentes.

Da prática calcada estrita e exclusivamente na Doutrina emanam esses dois axiomas: (1) *Mestre* submete tudo ao crivo da razão; (2) todo papagaio é fanático, e vice-versa.

Explicador adicto de salada de doutrinas fala de 7 dimensões e 7 *corpos* de manifestação do *espírito*; e, como não poderia deixar de ser, arrasa entre fanáticos.

Desconfio que *instrutor* indiferente aos registros feitos pela Clarividente em pessoa não valha tal acervo.

De um bem-composto, característico e primoroso elemento do léxico doutrinal, o senso comum desestima acepção crucial. Não por outra razão, retumbam *nonsenses* em amiadados trabalhos. Na realidade, em inumeráveis manifestações verbais presuntivamente acuradas, adeptos nem definem a que vão em missão. Vem ao caso cuidar das *emissões*. No dizer de Tia Neiva, “*adjunto* é um exército à disposição de qualquer trabalho, de qualquer força”.

Incultura não é fruto do chamado *sono cultural*, mas isso serve de pretexto daquilo.

É iniludível que ao vulgo não importa se tal ou qual *Mestre* tem cultura ou não.

Angariar cultura ou cumprir *missão* é dilema existencial de retrógrado.

Se incultura não obsta a que o *Mestre* cumpra a *missão*, dê-se-lhe a prerrogativa de estar em paz – diria alguém.

Nas vertentes marcadas pela incultura, eis fórmula posta de lado por um triz: misturem-se os pontos doutrinários, já que não se os consegue explicar um a um.

Com tino, a Clarividente configurou linguagem apropriada à representação da realidade etérea; de modo oposto, lecionistas forçam analogias com a realidade física.

Na verbalização da temática doutrinal, a inteligência artificial supera fragorosamente os papagaios.

Com a embutidura de achismos, sumidades incultas adulteram a Doutrina, enquanto papagaios cultos consentem. Contradições à parte, aquelas e esses ensinam ao universo o que é viver em harmonia.

É comum subdouto dar o tom.

Dar-se-á substituição dos registros doutrinários originários por arremedos assinados por celebridades. Tal é porra-louquice consentida, ao que se está a constatar.

A sumidade aparatosa, aplaudida e merecedora de ostentar *button* insinuante de um tal *status* superior ao humílmo grau de *Arcanos* só falta compreender o insueto fenômeno da *incorporação* e tudo o mais.

Tia Neiva dá a conhecer o que velhos partícipes sempre falha(ra)m a dizer.

Preto Velho não segreda ao *aparelho* o que quer que tenha de ser ignorado por alguém.

Na interação com o *aparelho*, eis algo que *Preto Velho* algum faz: revelo-te isso sobre fulano, mas não o digas a ninguém.

Ainda chove *apará* que se crê depositário de informações alheias vazadas por *Pretos Velhos*.

Preto Velho revela ao *apará* todo o quadro espiritual do paciente, só para que o *médium* saiba, não para que fale. Se o *apará* crê nisso, é problema dele; se o *doutrinador* acredita em tal, a desgraça é de todo mundo.

Cabra bem preparado para ouvir arremedo da Doutrina vale o que acolhe.

A Doutrina propriamente dita resiste ao lero-lero de burocratas altíssimamente condecorados.

À base de simplismos, evasivas, chavões, opiniões e amaneiramentos, aula alguma impressiona *médium* instruído.

Truísmo não alcançado por levas de fanáticos: na verificação daquilo que a Clarividente quis dizer com as palavras que ela própria registrou, melhor do que ir pela cabeça doutrem é ter discernimento próprio.

Altíssimos e vaníssimos títulos burocráticos fazem a delícia de simples que não se afirmam no veríssimo grau de *Arcanos*.

Uns percorrem o acervo assinado pela Clarividente; outros, a falação consagrada em tal ou qual bolha. Aqueles se fiam no que veem; esses, no que terceiros dizem.

Realizações vastas dizem algo incontestado sobre tonitruantes agentes de desdoutinação: um monte consegue mais do que um só.

Um não *Mestre* capaz de emitir fluentemente distintas verbalizações duma superstição vale por muitos.

A depender da cabeça, questões se resolvem ou não. Noutros termos: *Mestres* percorrem o acervo doutrinal originário; o resto pergunta a alguém.

Em certos casos, o transcurso de 40 anos é pouco para lecionista opinioso se curvar à matéria que – do alto de refulgentes e aparatosos *buttons* – quisera e quimerizara ensinar sem, antes, aprender.

No entender deliberadamente capenga de velhos futuros conhecedores da Doutrina, o *espírito* deixa seu *corpo físico* por ocasião do fenômeno da *incorporação*.

Medalhães outrora satisfeitos com as guinadas havidas na recente década e meia maquinalmente atestam que o funcionamento da *Corrente* é totalmente diferente nas centenas de Templos que não consentiram as tais mais de duzentas alterações nas chamadas Leis do Amanhecer.

Na longeva barafunda de opiniões sobre o que Tia Neiva quis dizer com o que registrou, medalhões cheios de *buttons* dizem-se dispostos a contribuir no alcance do entendimento geral de cada ponto doutrinal; querem-no fazer eficiente e prontamente, pelo convencimento de audiências, não pela obtenção de entendimentos comprovadamente certos.

Eleições produzem conhecedores da Doutrina, sábios, racionalistas, mentes científicas, combatentes da fanatização, sumidades, seres iluminados, *Mestres* instruídos, além de medalhões.

A massa usa e abusa de conjecturas. Tanto é que a toda hora se ouve algo assim: tal *médium* não tem um pingote de conhecimento, mas sua fé – ou outro troço qualquer, desde que seja inverificável a respectiva contribuição para o resultado – garante que dê certo o que quer que faça.

Mentalidade de fanático: (1) o conhecimento está no interior de cada ser; (2) às favas com tribulações de jornadas de estudo, exames de livros, pesquisas rigorosas, análises críticas, o escambau.

Qualquer palavra oca acaba sendo dada como noção doutrinal, se o acervo originário não for usado como termo de comparação.

Fanáticos não julgam, vale dizer, eles não formam conceito sobre o que ouvem muito menos sobre quem lhes ministra lição.

Ao que se está a ver, superstição se espalha porque um ensina o outro.

Em nome saiba-se lá do quê, lecionam-se enxurradas de coisas incongruentes com os registros assinados pela Clarividente.

Pela mediunidade, *Mestres* se aprontam para trabalhar no *sistema*; pelo estudo, encaminhar-se-iam a entender as subjacências dos eventos de que participam.

Tão logo terminem de aprender o que iguais lhes ensinam, velhos futuros conhecedores da Doutrina percorrerão os registros próprios da Clarividente, ao que se imagina.

Não é de hoje que ensinadores das Leis do Amanhecer dizem como se hão de fazer os *trabalhos*; com efeito, vaivéns de definições provam – há décadas – que chovem desprimorosas descrições dos rituais.

Cursos são adiantam. A se levar em conta o que cursistas passam – convictamente – adiante, ensinadores encobrem o que Tia Neiva registrou.

Enunciação de que o *espírito* deixa seu *corpo físico* por ocasião do fenômeno da *incorporação* é devaneio típico de supositício cientista dos mundos etéreos.

Como que a prol de desfantasiar superveniências explicativas mais que esperáveis, a Clarividente preparou registros físicos continentes de esclarecimentos acerca dos planos extrafísicos.

Pelo trabalho intenso, contínuo e prolongado, velhos futuros conhecedores da Doutrina alcançarão, um dia, as refinadas e revolucionantes concepções teóricas cuidadosamente registradas pela Clarividente em pessoa, ao que se espera.

Em curso avançado, (1) acolher tudo é não ter êxito; (2) ser bem-sucedido é notar que ensinador infalivelmente oferece opiniões não demandadas pela audiência.

A despeito de nem terem negligenciado a infesta difusão de arremedos da Doutrina, medalhões altamente capazes de perenizar as limitações e o amor-próprio de fanáticos já são estrondosamente suplantados – no espetaculoso mister a que se entregam – pela chamada inteligência artificial.

Com *Espírito de Luz* a se lhe incorporar – e diante de um *doutrinador* –, *apará* se faz canal da *voz direta do céu*; fora daquela condição, não passa de interlocutor qualquer, pois diz o que lhe dá na veneta.

Graças aos providenciais avanços tecnológicos, palrações subdoutriniais sapecadas por ensinadores darão lugar a sucedâneos emitidos por inteligência artificial.

Acudidos por *chatbots*, fanáticos proliferam mais que nunca.

Com o advento dos *chatbots*, fanáticos dispensam os préstimos de seus fraternos agentes de desdoutrinação.

Antes de derramar ditos subdoutriniais, desensinadores soltam a expressão “*como Tia Neiva dizia*”; *chatbots*, não.

Supermestres produzem razoáveis apanhados daquilo que a Clarividente não diz, mas a inteligência artificial faz melhor.

Porquanto a superstição avança, a Doutrina recua.

Sobre espaventosos pronunciamentos de celebridades, eis informação insofismavelmente manjada: mais e mais registros sonoros digitais se disponibilizam, a provar que a superstição avança ao passo que a Doutrina recua.

Nos processos de *cura desobsessiva* – que são realidade em todo e qualquer módulo do *sistema* –, dois elementos são irrelevantes: temperatura ambiente e Trino.

Ou se papagueia o que outrem diz ou se é *Mestre*.

Desde sempre, sabichões se entendem bem com papagaios; esses sorvem o que aqueles expelem.

Dois apontamentos claros: (1) a racionalistas aproveitam os registros feitos pela própria Clarividente; (2) a quem passa décadas enleado na superstição não interessa a Doutrina.

Ao uso da lógica sucede a libertadora intelecção da Doutrina. À imbecilização sobrevém o aprisionante abraçamento da superstição.

Participar dos *trabalhos* não requer intelecto; entender do assunto, sim.

Ao que mostra longuíssima sucessão de casos gritantes, fanático crê piamente que se manter iletrado facilita-lhe a apreensão da Doutrina.

Em matéria de esclarecimentos indubitavelmente registrados pela Clarividente, acabará aparecendo quem se diga ignorante por força do *sono cultural*.

Não é lidimo creditar a própria ignorância a injunções do *sono cultural*.

Não importa que o *médium* seja inculto ou mesmo analfabeto, caso não se meta a abrir a boca para tratar das sofisticadas concepções teóricas registradas diretamente pela Clarividente.

Entre os atributos transitórios deriváveis do *sono cultural* não figura a inclinação ao obscurantismo. Disso, porém, não se avisaram os fanáticos.

Pretexto-mor de quem não fez jus a apreender a Lei do Carma: o que não se deu não tinha que acontecer.

Templos descambam para o autocratismo, a menos que *Mestres* lhes sejam os dirigentes.

Preto Velho não transmite abobrinha. Se disparate sair da boca do *aparelho*, é de se aplicar a *Chave de Elevação* na hora.

Nas redes (antis)sociais digitais, pontifica novo tipo de embusteiro: *médium* que se diz portador de recado de *Espírito de Luz*.

Com verniz de matéria altamente fundamentada, blá-blá-blás se firmam.

Opinião emitida por hierarca estatutário é, por excelência, caricatura da Doutrina.

Quanto menos discernidor das limitações de *aparás* e *ajanás*, tanto mais incapaz de se tornar um *Doutrinador*.

A *cura desobsessiva* se dá, sob os auspícios de *Espíritos de Luz*, independentemente de estipulações burocrático-estatutárias passageiras daqui ou dacolá.

Uma coisa é o *médium* de per si; outra, o avatar derivado do posto burocrático-estatutário que a figura ocupa.

Se se furta a escrutinar o acervo originário, esclarecimentos doutrinários não lhe penetram a mente. Simples assim.

Fanático faz *cosplay* de *Mestre*.

Por deliberação exclusivamente própria, multidão fica décadas a abraçar invencionices saídas do bestunto de quase *Mestres*.

Nas camadas em que impera a clave inferior, quem se põe a esnoabar a Doutrina propriamente dita habilita-se a virar *influencer*.

É natural que sujeitos rasos passem decênios a ouvir, captar, acolher e propalar enunciados que distam dos esclarecimentos registrados pela Clarividente.

Como nunca dantes, os registros genuínos da Clarividente estão disponíveis e passíveis de escrutínio por qualquer adepto. É injustificável responsabilizarem-se *instrutores* por enunciados nada doutrinários que usuários de *smartphones*, *tablets* e *notebooks* teimam em repetir.

As verbalizações com as quais Tia Neiva dá inigualavelmente conta dos aspectos teóricos da fenomenalidade estão digitalmente disponíveis. Usá-las é do feitio de pensador. Trocá-las por arremedos é do talante de qualquer leso.

O capachismo dos fanáticos aproveita ao *establishment*.

No corre-corre de hoje, praticamente ninguém tem tempo para observar o primoroso acervo preparado pela Clarividente em pessoa. O grosso da massa mal consegue se debruçar sobre o amontoado de áudios, vídeos, escritos e iconografia que velhos desensinadores lhe inculcam.

Papagaios dominam a banda obtusa da *web*. A tônica das falas prova isso.

Pensando bem, adeptos modernos quase nunca se estendem sobre a Doutrina. Entre 99% dos usuários de *smartphones*, *tablets* e *notebooks*, interações se cingem ao binômio *copy-paste*.

Em face de atos cometidos por mandadores destrambelhados, fracos abandonam a *Corrente*; pela mesmíssima razão, *Mestres* seguem andando com passos firmes.

Eis ensinamento que qualquer boboca fanático dá: quando incorporado por *Mentor* em *trabalho de trono*, *apará* filtra o que lhe sai da boca.

Há decênios, o *Livro de Leis* assinala que, na *Mesa Evangélica*, *espíritos* recebem energias dimanadas de *Plexos Iniciáticos*. O inadimplemento da óbvia exigência tem requerido descarados balés de pretextos.

A racionalidade do *corpo mediúnico* se mede pelo inverso da taxa de fanatização.

Não é mistério o tamanho da *Corrente*. Até as paredes sabem que zilhões de *médiuns* se evadem por fatores impertinentes a suas transcendentalidades.

Em canais digitais presuntivamente voltados para o trato da Doutrina, as pessoas se atiram ao *copy-paste* com distintas frequências. Cabra instruído, quase nunca; sujeito atrasado, a toda hora.

A aclamação de preleção que trata de iliteracia determinada pelo *sono cultural* prova que não *Mestres* são permeáveis a concepções quase doutriniais.

Adesão ao blá-blá-blá convencional aliena um monte de *médiuns*.

Por via de regra, fanático toma por dogma o que par veterano diz.

Um ensina o outro. Cada um diz algo distinto. Tudo o que um aprende é substituído pelo ensinamento dado pelo interlocutor seguinte. Não se confunda essa porra-louquice com o cotidiano racionalista de quem se debruça sobre os esclarecimentos registrados pela Clarividente em pessoa.

Considerações sobre (im)permanência: (1) o aprendizado da Doutrina é contínuo; (2) o ensino de subdoutrina cessa quando a aula acaba.

Se o sujeito passa 20, 30, 40 anos a bestar, é veterano.

Com *Mestres* e *Ninfas*, módulos do *sistema* funcionam bem hoje; sem Trinos, melhor ainda.

Uma coisa é o bocó se dizer autoridade; outra é se validar o estrupício.

A maioria daqueles que se creem difusores da Doutrina esbalda-se na bobeira do *copy-paste*.

Sabe-se de onde vêm as lenga-lengas subdoutriniais que inundam a *web*, vale dizer, pelos cacoetes verbais dos bonecos, conhecem-se os ventríloquos.

Celebridades cheias de *buttons* e de títulos como que hierárquicos apregoam – do alto de suas inteligências transcendentais – que o *apará*, quando incorporado por *Mentor* em *trabalho de trono*, filtra o que lhe sai da boca.

Na óptica do capacho, o respectivo manipulador diz a Doutrina – ao que se imagina.

Quando o *Mestre* está pronto, embusteiros desaparecem.

Muitos levam décadas para angariar proficiência no papagueamento de elocuições subdoutriniais.

Salvo aqueles então sequazes do mandador local, adeptos não perfilharam as tais mais de duzentas alterações nas chamadas Leis do Amanhecer.

A *web* tem seu panteão. Afora o pessoal do *copy-paste*, resplandece a multidão que posta *links* para troços subdoutriniais.

Flagrantes da atualidade: (1) o adorno não faz o *Mestre*; (2) o *button* faz o Trino.

Não impugno regalias de Trinos. Com efeito, qualquer um faz jus a título burocrático-estatutário, desde que providencie os devidos registros notariais.

Adepto raso não rima com assunto profundo.

Os dois anos recentes testemunharam espetaculosa disputa pelo mando no naco mais tradicional do altiplano, mas movimentos e ações judiciais nem abalaram o *status quo*. Barulhos revelaram-se traques.

Cursos tradicionalmente fracos se marcam por exposições rocamboliscas.

Velhos futuros conhecedores da Doutrina são provas vivas de que a inação remove o perigo de saber demais.

Findo o atendimento, *Preto Velho* não diz que o paciente está liberado. Reiteração de clichê burocrático é coisa de totem disposto em saída de estacionamento de *shopping center*.

Já na primeira aula de *desenvolvimento* de *doutrinadores*, *aspirantes* são instados a usar a razão, vale dizer, fanáticos são assim porque querem.

Seres pensantes sabem que endeusamentos de hierarcas estatutários não se fazem por inspiração de *Mentores*, mas por capachismo mesmo.

Na estonteante dinâmica da atualidade, adepto reconhecidamente veterano, desenvolto nas técnicas próprias da *web* e titular de epíteto honorífico certificado por inequívoco registro notarial pode fazer *cosplay* de Trino Presidente Triada, se for atoleimado.

Como que a provar a força da tradição, a Doutrina e os respectivos arremedos resistem.

Tradição é algo assim: amigo da superstição ontem, irracionalista hoje.

Gestores ousados deram os rumos dos acontecimentos nas quase 4 décadas recentes. Com efeito, sem os impulsionamentos havidos, o fanatismo não teria escalado.

Talvez para dar a entender que estudar a Doutrina é para os fracos, não *Mestres* ensinam.

Perante velhos futuros conhecedores da Doutrina, ensinador sem domínio da língua portuguesa deixa transparecer amplo cabedal cognitivo – ao que se é levado a supor.

Há muito se recebem e se reencaminham cartas da Clarividente. Tais peças são paradigmáticas e indispensáveis. Da inteligência delas brotam antídotos contra o fanatismo. Esses alcançarão a massa um dia.

Mobilizar multidão é uma coisa; desenganá-la de superstições, outra.

Em nome da tradição, um ensina o outro – e, por efeito disso, conversas engendradas por discípulos da Clarividente se substituem à Doutrina.

Porque convicções resistem ao tempo, nada muda na banda tosca da *Corrente*.

Visto que papaguear opiniões de discípulos da Clarividente é costume arraigado, abaixo essa tradição !

Se ninguém alcança determinada matéria doutrinal, ministre-se um curso sobre o assunto. *Buttons* atestarão que lecionista e lecionandos terão obtido todo o conhecimento de que estiveram faltos. Fantasiar é mais fácil que perscrutar as preciosidades registradas pela própria Clarividente.

Caso um adepto novato venha a ter a suprema chance de tratar com os prodigiosos e inigualáveis expoentes do *streaming* instrutivo-recreativo-relaxante, pode ficar tranquilo que não se impregnará das concepções doutrinárias registradas pela Clarividente em pessoa.

Mestre falto de conhecimento é o fanático que funciona.

O que a Clarividente legou é um tipo de conhecimento; arremedo da Doutrina é outro.

Via *streaming*, velhos futuros conhecedores da Doutrina derramam eficazmente o que têm no bestunto. O desensino é desse jeito agora.

A se levar em conta a multidão que assiste a aulas via *streaming*, mais deletério do que aprender arremedo da Doutrina é ensinar a geringonça.

Círculos modernos já dão sinais de querer tratar daquilo que é inequivocamente doutrinal segundo a inteligência artificial.

Likes e quejandos definem o que a massa julga doutrinal.

Em matéria de esclarecimentos registrados pela Clarividente – e de tudo o mais que se admita haver no universo –, é um perigo recorrer a circunstâncias que respondem a perguntas. Esses são sempre muitíssimo mais numerosos do que os entendedores.

A atualidade estabelece: (1) *Mestres e Ninfas* personificam instrumentos da *Espiritualidade Maior*; (2) Trino é avatar de burocrata.

Na celeuma em que ressaí o sucedimento de mais de duzentas alterações nas chamadas Leis do Amanhecer, muitos quase dirigentes dão a entender que seja errado o que, até dois anos atrás, faziam entender que fosse certo.

The current circumstance reminds me what Stevie Wonder said fifty years ago: *when you believe in things that you don't understand, then you suffer, superstition ain't the way.*

Institucionalizaram a dispensabilidade do letramento e o louvor à ignorância. Isso não vai dar certo.

Tudo muda. O que um faz hoje virará serviço doutrem amanhã. Espíritos encarnados espalharão arremedos da Doutrina até serem completamente substituídos por *chatbots*.

Ser dirigente é se encarregar de funções burocrático-estatutárias. Ser marionete é pôr em segundo plano os registros pessoais da Clarividente.

Fanatismo acomete os adeptos que não têm o acervo autoral da Clarividente, os que não o examinam e os que não o entendem.

Ainda quando copiosas, loas são expressões subjetivas; não atestam fundamento de exposição despejada por incompetência condecorada.

Ilogismos indefectivelmente aplaudidos garantem a fama de não poucos ensinadores.

Incenso a hierarca estatutário segue sendo a tônica numas bandas da *Corrente*.

Comunicação sem verbo: novato irracionalista hoje, grandão supersticioso amanhã.

Mestre atina no que a *Clarividente* registra; fanático, não.

O que arquiexplicador da Doutrina diz não se escreve; o que o vulgo diz, idem; o que os demais asseguram ser doutrinal há de ser aferido pelos registros pessoais da *Clarividente*.

Coeteris paribus, aumentos na quantidade de fanáticos reduzem o contingente de *Mestres*.

Ex-aspirantes à *intelligentsia* da *Corrente* se digladiam pela exclusividade de ministrar curso preparatório de iguais.

Adepto tolo vai ter mesmo que recorrer à inteligência artificial.

A concorrência de ex-aspirantes à *intelligentsia* da *Corrente* pela primazia de ministrar curso preparatório de iguais resultou num fuzuê marcado por desavergonhadas violações da língua portuguesa.

Na *Corrente* e no resto do universo, capacho é fantoche de mandador.

Uns ex-aspirantes à *intelligentsia* da *Corrente* pretextaram que tão somente eles dispunham duns tais poderes para ministrar aulas preparatórias de iguais, mas outros deram o curso assim mesmo.

A maioria dos usuários de *smartphones*, *tablets* e *notebooks* parece querer dar a entender que a Doutrina é passível de ser exposta de modo simples. Tanto que, em canais interativos da *web*, participantes tratam de temas profundos via *emojis*.

Não há dúvida de que, ao longo desta conjuntura pródiga em cursos, na qual qualquer um usa *button* de instrutor, burocratas que se dão ares de doutos podem tanto quanto ex-aspirantes à *intelligentsia* da *Corrente*.

Todos os elementos contemplados na práxis inaugurada pela *Clarividente* são de uso exclusivo daquele que os *registrou* bem assim de tantos quantos resolvam empregá-los.

Em meio a estorvos próprios da onda de afetação que acomete a *Corrente*, hão de se divisar os males menores. Em certo aspecto, aula chinfrim é melhor do que lero-lero de burocrata condecorado.

Tirante avatares derivados de postos burocrático-estatutários, tudo o que *Mestres* e *Ninfas* têm é passível de exame à luz da Doutrina.

A forte, crescente e irrefreável proliferação de *streamers* turбина o fanatismo.

Glamourosa e cerimoniosamente, gigantes do papagueio emitem pareceres acerca do que é ou deixa de ser doutrinal.

Acima de hierarcas *experts* em dizer o que a Clarividente quis dizer com as palavras que ela própria registrou, só gigantes do papagueio.

Adeptos adictos de redes sociais perscrutam a Doutrina, mas falham a dominar pontos profundos porque não alcançam explicações prestadas via *emojis*.

Até fanáticos mudam. Se ontem papagueavam opinião alheia, hoje fazem-no multilinguisticamente.

Nova espécie de fanático: indivíduo que papagueia o que fulano diz que sicrano ouviu beltrano afirmar que Tia Neiva disse.

Expoentes da invenção têm esses atributos: (1) participam da *Corrente* há mais ou menos três ou quatro décadas; (2) oferecem-se para atestar o que é – ou não é – pertinente ao ritualismo; (3) falham a dar mostra de saber que a Clarividente deixou o *sistema* pronto e funcionando.

Até dois anos atrás, medalhões que consentiram as tais mais de duzentas alterações nas chamadas Leis do Amanhecer talvez disparatassem assim: para garantir que tudo seja do jeito que sempre foi, nosso bem-amado Trino do altiplano vem a implementar longuíssima sequência de definitivas alterações das normas cerimoniais.

Ao menos desde novembro de 1985, dirigentes possuidores do *Livro de Leis* sabem o que fazer, ao contrário do que sugerem as fartas e inocultáveis contradições da prática.

Dirigentes firmes em seus propósitos abundam na banda desajeitada da *Corrente*. Cada qual formata o ritualismo de jeito distinto e peculiar porque quer, não por falta de conhecimento.

Elítrio é uma coisa; *coronavírus SARS-CoV-2*, outra (cientifiquem-se os fanáticos, ainda que tardiamente).

A Doutrina favorece a decifração da realidade, mas indivíduos tomados de fanatismo ainda custam a entender que o trabalho de *imunização* referido no *Livro de Leis* não tem que ver com vacina contra a COVID-19.

Fanático não julga. É-lhe interdito, por exemplo, dar classificação de idiotice à festejada afirmação de que o *apará* – quando incorporado por *Mentor* em *trabalho de trono* – filtra o que lhe sai da boca.

Nas hostes em que impera a fisicalidade, se um besta é contemplado com *button* sugestionador de *status* superior ao humílimo grau de *Arcanos*, gruda-o no peitoral, exhibe-o aos correligionários e agradece ao mandador.

Dizer como tem que funcionar o *sistema* não é dizer como ele funciona.

Em nome dalgo que novos ex-aspirantes à *intelligentsia* da *Corrente* e velhos futuros conhecedores da Doutrina traduzem como necessidade de não julgar, fanático se nega a dar a classificação de imbecilidade a atos ou ditos de imbecis.

Até porque a realidade dista da utopia desenhada pela Clarividente, adeptos contendem sobre a multiforme expressão do ritualismo. Quem se ilude diz: é assim que tem que ser feito. Quem se desengana diz: é feito assim.

Medalhões que, até dois anos atrás, consentiam as tais mais de duzentas alterações nas chamadas Leis do Amanhecer são as pessoas mais abalizadas para evidenciar vicissitudes cerimoniais do naco mais tradicional do altiplano.

Vivencia-se conjuntura nada esquisita, na qual, infelizmente, velhos futuros conhecedores da Doutrina nem fazem tenção de estudar. A bem dizer, uns vão pela cabeça dos outros. Desenfreados acolhimentos de superstições até me lembram texto de canção assinada por Michael Sullivan e Paulo Massadas quase quatro décadas atrás: *tudo pode ser, basta acreditar*.

Comunicação de fato relevante em 78 caracteres (sem espaços): *Nos estratos menos esclarecidos, adular dirigente é um must; deslouvar a ignorância já era.*

Festival de leseiras travestidas em fragmentos da Doutrina expande-se e ultrapassa a lusofonia.

A provar que, no *status* tecnológico atual, tudo se espalha rápido pelo mundo afora, leseiras travestidas em fragmentos da Doutrina resplandecem em línguas latinas e anglo-saxônicas.

Médiuns utilizadores de adereços um tanto ou quanto assemelhados às *armas* da *Corrente* vêm registrando em vídeo suas *performances*. Do ponto de vista cênico, são até inovadores. Usam cocares enquanto *caboclos* se lhes incorporam.

Como que a objetar a absurdezas disparadas por gente parecida com os fanáticos de hoje, Noel Rosa e Vadico, em memorável texto de canção, assentam essa pergunta: *quem é você que não sabe o que diz?*

Modernoso que trata de pontos profundos da Doutrina encarna a comunicação popular. À língua portuguesa prefere *emoji*, *gif*, *sticker* e que tais.

Pela enésima vez, ensinador esperto engrupe trouxas; dessa vez, acrescenta o signo *Tia Neiva s/d* a palavras sabidamente escritas pelo Trino Tumuchy.

Interessado na Doutrina tem presença em duas classes. Se ouve explicações e afere-as por áudios e cartas da Clarividente, é *Mestre*; se não, é papagueador de dizeres alheios.

Continuar com *instruções* e cursos tradicionais não requer agentes inusualmente preparados, até porque dizer coisas procedentes é fácil. Difícil é recolher e apresentar registros da Clarividente que demonstrem a procedência do que é dito em sessões de ensino.

Sentença a ser considerada em todo e qualquer *continente*: o cabedal doutrinal que se universaliza é igual ou inferior ao máximo alcançável pelo indivíduo de menor capacidade cognitiva.

Ser fanático é desnecessitar de premissas para deduzir conclusão.

Frase que trata do fenômeno mais patente do *sistema* e se remete ao *paradoxo do (des)ensino*: funcionais disparos de chavões engólveis por audiências acríicas ocultam do instrutor os constituintes do fenômeno da *incorporação*.

Cinquenta anos atrás, quando de investidas na descrição do fenômeno da *incorporação*, o Trino Tumuchy assentou considerações acerca do *transe mediúnico*. Reedição dos *fascículos* alterou as palavras originariamente aplicadas ao assunto.

A incongruência entre a condição sugerida pelos *fascículos* de *Instruções Práticas* e a realidade do *transe mediúnico* deriva de alterações pespegadas nas palavras originariamente usadas pelo Trino Tumuchy.

Modificações introduzidas nas palavras originariamente usadas pelo Trino Tumuchy comprometeram mortalmente os *fascículos* de *Instruções Práticas*.
